

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

Marlene Neves Fernandes

SABERES EM FOCO:
DIÁLOGOS DE M. B. LOURENÇO FILHO NA SÉRIE DE LEITURA
GRADUADA PEDRINHO (1953 – 1970)

ORIENTADORA:
Prof^ª Dra. Maria Teresa Santos Cunha

FLORIANÓPOLIS

2011

Marlene Neves Fernandes

**SABERES EM FOCO:
DIÁLOGOS DE M. B. LOURENÇO FILHO NA SÉRIE DE LEITURA
GRADUADA PEDRINHO (1953 – 1970)**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dra. Maria Teresa Santos Cunha
Linha de Pesquisa: História e Historiografia da Educação

FLORIANÓPOLIS

2011

MARLENE NEVES FERNANDES

SABERES EM FOCO:

DIÁLOGOS DE M. B. LOURENÇO FILHO NA SÉRIE DE LEITURA
GRADUADA PEDRINHO (1953 – 1970)

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Florianópolis, 24 de março de 2011

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Prof^ª Dra. Maria Teresa Santos Cunha
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Membros

Prof. Dr. Marcus Levy Albino Bencostta
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Prof^ª Dra. Clarícia Otto
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof^ª Dra. Vera Lucia Gaspar da Silva
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho à minha família, em especial à
minha mãe, Joana Neves Fernandes.*

AGRADECIMENTO

Agradeço, primeiramente, a Deus pela existência, por me ter dado saúde e serenidade, possibilitando assim a concretização deste trabalho.

À minha queridíssima orientadora Maria Teresa Santos Cunha, a quem sou eternamente grata por todos os momentos vivenciados desde o dia 1/8/2005, quando pela primeira vez entrou em sala de aula no curso de Pedagogia para lecionar História da Educação III. Pela confiança e oportunidade de trabalhar em seu projeto de pesquisa e, posteriormente, por acreditar no meu projeto e pela generosidade de partilhar o objeto de pesquisa, com todos os seus ônus e bônus. Pelas inúmeras “viagens pedagógicas” oportunizadas; pelas indicações, empréstimos e doações de variados textos; pelos cafés, conversas, paciência e incentivo; enfim, pelo exemplo de mulher, amiga e, sobretudo, de profissional.

Às professoras dra. Vera Lúcia Gaspar da Silva e dra. Clarícia Otto, primeiramente por aceitarem integrar a banca. A professora Vera, especialmente, pela oportunidade de participação no Seminário Especial de Aprofundamento Teórico "Cultura Material Escolar" que muito me enriqueceu pelas discussões e convívio intelectuais. Pela leitura criteriosa, sugestões fundamentais e críticas por ocasião do Exame de Qualificação. Espero tê-las incorporado à presente pesquisa.

Aos funcionários da Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Educação, em especial a Gabriela Vieira, Noeli Salomé Pereira e Wilma Bertoldi Gonçalves, pela disponibilidade, dedicação e carinho.

Aos funcionários da Biblioteca Central da Udesc, em especial a Iraci Borszcz, Maurício Roberto Muller e Maria Zulmira Porto de Porto, pela presteza no fornecimento de informações, dados e livros.

Ao funcionário Marcos Régio Silva do Nascimento, da Pró-Reitoria de Planejamento (Proplan/Udesc) e à funcionária Simone Barreto, do Financeiro (Faed/Udesc) pelos ágeis atendimentos às minhas solicitações.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo auxílio financeiro destinado a esta pesquisa.

A todos os professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Educação, tanto os que proporcionaram momentos preciosos de discussão em sala de aula, quanto aos que não foram docentes propriamente, mas sempre deram uma palavra de incentivo, seja no

corredor, durante as viagens, nas reuniões de colegiado. Minha gratidão e reconhecimentos a todos: Ademilde Silveira Sartori, Celso João Carminati, Elisa Maria Quartiero, Geovana Mendonça Lunardi Mendes, Gisela Eggert Steindel, Gladys Mary Ghizoni Teive, Martha Kaschny Borges, Norberto Dallabrida, Paulo Meksenas – UFSC (in memoriam), Sonia Maria Martins Melo e Vera Lúcia Gaspar da Silva.

Aos alunos e alunas do estágio de docência ocorrido na 3ª fase do curso de Pedagogia, na disciplina História da Educação II, sob a supervisão da professora dra. Vera Lúcia Gaspar da Silva e, na 4ª fase do curso de História, na disciplina Prática Curricular: Patrimônio Cultural I, durante a qual realizei, sob a supervisão da professora dra. Maria Teresa Santos Cunha, a oficina “Noções Básicas de Higienização e Conservação de Livros”. Meus sinceros agradecimentos pelo aprendizado nas duas turmas.

Aos colegas de mestrado da turma 2009: Ana Merabe de Souza, Elizabeth Martins, Elizane de Andrade, Estela Maris Sartori Martini, Francine Adelino Carvalho, Juliane Nacari Magalhães, Mariza Aparecida Meksenas, Odimar Lorensen, Rafael da Cunha Lara, Sandro de Oliveira, Simone de Oliveira Ferreira, Soraya Tonelli, Valter José Rangel Monteiro. Em especial, à Karina Santos Vieira (agora Schlickmann), que comigo compartilhou inicialmente a experiência de ser aluna especial do programa no segundo semestre de 2008. Posteriormente, as “viagens pedagógicas”, os congressos, as exposições, as palestras, os cursos, os filmes, as visitas a museus, o exame de proficiência, os estágios docência, a oficina ministrada na turma de História, a participação na organização final da exposição “*Biblioteca das Moças: França, Portugal, Brasil. A fabricação da sensibilidade romântica*”, sob a curadoria da professora dra. Maria Teresa Santos Cunha, os cafés, as cucas de Brusque... Mas o principal foi ter encontrado em você uma presença amiga, obrigada!

Ao Sr. Juarez Segalin, pela paciência e eficiência na correção. À Jade Minuzzi, pelo auxílio na tradução.

À minha família, base de tudo. Minha eterna gratidão pelo incentivo e carinho.

A todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho, meu sincero agradecimento.

EPÍGRAFE

Dos diversos instrumentos utilizados pelo homem, o mais espetacular é, sem dúvida, o livro. Os demais são extensões de seu corpo. O microscópio, o telescópio são extensões de sua visão; o telefone é a extensão de sua voz; em seguida temos o arado e a espada, extensões de seu braço. O livro, porém, é outra coisa: o livro é a extensão da memória e da imaginação.

(Jorge Luís Borges)

RESUMO

FERNANDES, Marlene Neves. **Saberes em foco:** diálogos de M. B. Lourenço Filho na Série de Leitura Graduada Pedrinho (1953 – 1970), 2010.148 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

Nesta dissertação de mestrado, são apresentados os resultados de pesquisa realizada nos manuais escolares de leitura escritos e produzidos entre 1953 e 1957 pelo prof. Manoel Bergström Lourenço Filho (1897 – 1970), voltados a alunos de escolas primárias públicas do País. Conhecida como Série de Leitura Graduada Pedrinho, era composta por quatro livros de leitura e uma cartilha, a saber: *Pedrinho* (1953), *Pedrinho e seus amigos* (1954), *Aventuras de Pedrinho* (1955), *Leituras de Pedrinho e Maria Clara* (1956), e a cartilha *Upa, cavalinho! (1957)*, todos publicados pela Companhia Editora Melhoramentos (SP). Para a elaboração da *Série*, Lourenço Filho, além de textos de sua autoria, selecionou variados trechos de obras já publicados por outros autores e autoras que figuram ao longo dos quatro livros de leitura em forma de lições. Esses manuais escolares foram produzidos com a pretensão de estimular a vontade de ler com compreensão, de forma produtiva, bem como, segundo explicita o próprio autor na apresentação do primeiro volume, ser “a primeira série a cuidar dos problemas das relações humanas no lar, na escola e na vida social” (LOURENÇO FILHO, 1961). Mediante abordagem baseada nos pressupostos da História da Educação em interface com a História do Livro e da Leitura e centrado em pesquisa bibliográfica e documental, o objetivo do presente trabalho consiste em elaborar um mapeamento dos autores e autoras escolhidos por Lourenço Filho para compor o escopo da *Série*. A partir desse mapeamento, destaca-se os que mais contribuíram em termos de quantidade de lições publicadas, bem como identificou-se os saberes mais colocados em foco nessas mesmas lições. Esta análise criou possibilidades para concluir que, no momento histórico em que foi publicada e utilizada, as lições selecionadas continham saberes que compunham o Ensino Primário concernentes a diversas disciplinas; entretanto, verificou-se que Lourenço Filho, ao escolher autores para compor a *Série*, enfatizou textos que privilegiavam especialmente saberes dedicados ao ensino da História e da Geografia brasileiras identificadas como disciplinas formadoras da nacionalidade.

Palavras-chave: Série de Leitura Graduada Pedrinho. Lourenço Filho. Manuais Escolares.

História do Livro e Leitura.

ABSTRACT

FERNANDES, Marlene Neves. **Saberes em foco:** diálogos de M. B. Lourenço Filho na Série de Leitura Graduada Pedrinho (1953 – 1970), 2010.148 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

In this master's degree dissertation, are presented the results of the research held on the reading textbooks written and produced between 1953 to 1957 by Teacher Manoel Bergström Lourenço Filho (1897- 1970), aimed at students of primary public schools of the country. Known as the *Pedrinho Graduate Reading Series*, consisted of four literature books and a reading primer, namely: *Pedrinho* (1953), *Pedrinho e seus amigos* (1954), *Aventuras de Pedrinho* (1955), *Leituras de Pedrinho e Maria Clara* (1956), and the primer, *Upa, cavaliinho!* (1957) All published by Companhia Editora Melhoramentos, (SP). For the elaboration of the *Séries* (Lourenço Filho), beyond the texts of his authorship, selected excerpts were taken from work already published by other authors, all of whom appeared throughout the four books of literature in the form of lessons. These textbooks were produced with the intention to stimulate the desire to read with comprehension in a productive form, and the second specifies the actual author on the presentation of the first volume of “ The first grade to watch the problems of human relations at home, at school, and in the social life” (LOURENÇO FILHO, 1961). Approached based upon the assumptions of the Educational History in interface with the books history and the literature, is centered in researched bibliography and documentary. The objective of the present job consists of elaborating in a mapping of the authors chosen by Lourenço Filho to compose the scope of *Séries*. From this survey, only a few authors were highlighted, due to those who contributed more in terms of quantity of lessons published, and identified himself to learn more focus placed on those same lessons. This analyses created possibilities to conclude what, in the historic moment in which what was published and utilized, as selected lectures continued knowing who composed the Primary Education pertaining to various disciplines; however, it was found that Lourenço Filho, whom chose authors to write the *Séries*, emphasized texts that privileged knowledge especially dedicated to the teaching of History and Geography in Brazil as disciplines formed the Brazilian nationality.

Key-words: Pedrinho Graduate Reading Series. Lourenço Filho. School Manuals. History of books and reading.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Lourenço Filho – Conclusão da Escola Normal de Pirassununga/SP, 1914	33
Figura 2 - Maria do Céu, Papagaio real e A formiguinha, capas	40
Figura 3 - Gráfico com percentual de outros autores na Série	43
Figura 4 - Pedrinho, Pedrinho e seus amigos, Aventuras de Pedrinho e Leituras de Pedrinho e Maria Clara, capa dos 4 volumes da Série de Leitura Graduada Pedrinho	53
Figura 5 - Pedrinho, página de rosto	56
Figura 6 – Índices	57
Figura 7 - Lição 2. A composição de Pedrinho, no segundo volume	62
Figura 8 - Quadro sinóptico, no quarto volume.....	64
Figura 9 - Ilustração na Lição 41. Os jesuítas e o ensino, no quarto volume.....	88
Figura 10 – Lição 14. Orientação na cidade, no segundo volume.....	98
Figura 11 - Lição 63. A Bandeira e o mapa	102
Figura 12 - Lição 36. Terras e águas.....	103
Figura 13 - Lição 22. As aparências enganam	105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Livros didáticos editados pela Melhoramentos	41
Tabela 2 - Tiragem e edição de Pedrinho, primeiro volume	48
Tabela 3 - Tiragem e edição de Pedrinho e seus amigos, segundo volume	48
Tabela 4 - Tiragem e edição de Aventuras de Pedrinho, terceiro volume	49
Tabela 5 - Tiragem e edição de Leituras de Pedrinho e Maria Clara, quarto volume	50
Tabela 6 - Tiragem e edição de Upa, cavalinho!, cartilha	51
Tabela 7 - Série de Leitura Graduada Pedrinho	59
Tabela 8 - Autores/as da Série de Leitura Graduada Pedrinho e número de participações	68

Tabela 9 - Autores/Lições 74

Tabela 10 - Geografia e História nos livros da *Série*..... 100

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
PERCURSOS E CONSTRUÇÃO DO TRABALHO	11
1 LOURENÇO FILHO E A LEITURA ESCOLAR	30
1.1 O AUTOR: LOURENÇO FILHO	30
1.2 ASPECTOS DA PRODUÇÃO DIDÁTICA E LITERATURA INFANTIL	38
1.3 SÉRIE DE LEITURA GRADUADA PEDRINHO: TIRAGENS E EDIÇÕES	46
2 CONSTELAÇÃO DE LEITURA: AUTORES EM CENA NA SÉRIE DE LEITURA GRADUADA PEDRINHO	68
2.1 OLAVO BILAC (1865 - 1918)	74
2.2 CORREIA JÚNIOR (1900 - 1940)	80
2.3 PEDRO CALMON (1903 - 1985)	85
2.4 VIRIATO CORREIA (1884 - 1967)	89
3 SABERES EM FOCO: UM DESPERTAR DO SENTIMENTO DE NACIONALIDADE	93
3.1. LIÇÕES DE GEOGRAFIA.....	94
3.2. LIÇÕES DE HISTÓRIA	106
3.3 GRANDE TERRA, GRANDE GENTE: O BRASIL ATRAVÉS DAS VIAGENS.....	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	123
ANEXO A	130

INTRODUÇÃO

PERCURSOS E CONSTRUÇÃO DO TRABALHO

O trabalho aqui apresentado, sob a orientação da professora dra. Maria Teresa Santos Cunha, teve início ainda na graduação, período no qual, como bolsista, participei de pesquisa do Programa de Bolsas de Iniciação Científica – Probic -, do ano de 2006 a 2008, inserido no Projeto de Pesquisa *Saberes Impressos. Imagens de textos escolares e não-escolares: composição e circulação (décadas de 50 a 70 do século XX)*, coordenado pela orientadora.

Paulatinamente, entrei em contato com um dos idealizadores do movimento da Escola Nova no Brasil, homem que teve intensa atividade teórica e administrativa no campo educacional, sempre ligado à democratização do ensino. Destarte se deu o percurso e a construção do projeto. Durante o curso de Pedagogia na Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc -, um leque de aprendizado foi aberto e a partir da 3ª fase pude acompanhar com mais dedicação os textos diários. Entre eles, na disciplina de História da Educação III, o texto de Xavier (2002), que muito me instigou e versava sobre um ato político, o lançamento de um manifesto, ou melhor, dizendo, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, lançado em 1932, que representou um momento expressivo da luta pela implantação de uma escola pública, obrigatória, gratuita, leiga e co-educativa.

Nesse período, em que foi formulado um Programa Nacional de Educação, o Manifesto apresentou um conjunto de medidas práticas pelas quais se pretendia fundar um novo sistema educacional – único (XAVIER, 2002). A autora destaca que “sua proposta era a *reconstrução educacional* e seu objetivo a constituição de uma escola democrática que funcionasse como centro irradiador de uma nova forma de organização a sociedade” (XAVIER, 2002, p. 30). Assinado por 26 intelectuais, de diferentes posições ideológicas e formações – médicos, advogados, jornalistas, professores -, este documento havia sido solicitado pelo governo aos educadores reunidos na IV Conferência Nacional de Educação, organizada pela Associação Brasileira de Educação². Enalteci a iniciativa desses signatários,

¹ CNPq 478925/2006-9

² Associação Brasileira de Educação (ABE), fundada no Rio de Janeiro em 1924, aglutinava intelectuais dedicados ao estudo e à propagação da causa nacional. Era responsável pela organização das Conferências

pelo empenho em prol da educação nacional em uma época de grande expectativa, “por ocasião do rearranjo político decorrente da Revolução de 30” (XAVIER, 2002, p. 8). Alguns já foram exaustivamente investigados; outros, com trajetórias singulares, aguardam por averiguação: Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Afrânio Peixoto, Paschoal Lemme, Roquete Pinto, Cecília Meirelles, Hermes Lima, Nóbrega da Cunha, Edgar Süsskind de Mendonça, Armanda Alvaro Alberto, Venâncio Filho, C. Delgado de Carvalho, Frota Pessoa, Raul Briquet, Sampaio Dória, Noemy Silveira, Atílio Vivacqua, Júlio de Mesquita Filho, Mario Cassanata, A. Almeida Júnior, J. P. Fontenelle, Roldão Lopes de Barros, Paulo Maranhão, Garcia de Rezende, Raul Gomes.

Ao final do semestre, fui convidada a participar como bolsista de iniciação científica. Para minha surpresa, a investigação dos textos escolares se daria em livros de leitura escritos por um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros: Lourenço Filho. Tal projeto tinha por intuito “analisar livros escolares bem como textos não escolares como disseminadores de valores relativos às civilidades que eram lidas/apreendidas na escola ou fora dela, como leitura de entretenimento e/ou formação” (CUNHA, 2006). Foi através do projeto de pesquisa, em questão, que tive acesso às cópias dos livros da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*³, antes disso não os conhecia.

Detendo-me no estudo dos princípios de civilidade presentes nos livros da *Série Pedrinho*, a participação nessa pesquisa permitiu conhecer o papel desempenhado pelo educador Lourenço Filho nas mais diversas instâncias⁴, mas, mais especificamente, em sua rede de sociabilidade durante a primeira metade do século XX, fulcral para seu desempenho com escritos para o público infantil, período em que estava em plena atividade literária.

Durante a pesquisa, percebi a dificuldade da análise por conta da qualidade de cópia dos quatro livros de leitura. Por esse motivo e movida por muita curiosidade em ver a materialidade dos livros da *Série*, consegui, durante a trajetória da pesquisa de iniciação científica, até em decorrência das viagens por ela subsidiadas, “garimpar” pessoalmente em sebos dois exemplares: *Pedrinho*, em Campinas/SP, e *Pedrinho e seus amigos*, em Porto

Nacionais realizadas anualmente e que funcionavam como instâncias de debate e troca de informações em favor da regeneração nacional pela educação (CARVALHO, 1989).

³ Para não tornar repetitivo, usarei ora *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, ora *Série Pedrinho*, ou apenas *Série*.

⁴ De acordo com Monarcha (1997a) e Mortatti (2000), o prof. Lourenço teve atuação nas mais renomadas escolas do País e do exterior; reorganizador da instrução pública no Ceará; organizador e diretor da Escola Primária Experimental de Rio Branco/SP; organizador e diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP); editor da Companhia Editora Melhoramentos onde atuou como organizador da Bibliotheca de Educação (1927-1941) e da Biblioteca Infantil (1926-1970); membro da Academia Paulista de Letras; fundador da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP); autor de vários escritos sobre diferentes temas de educação em geral e psicologia; tradutor; etc.

Alegre/RS. Posteriormente, aliando o trabalho de procura e paciência na *internet*⁵, consegui outros exemplares, assim completando a *Série*. Atualmente, os livros de leitura fazem parte do meu acervo pessoal⁶.

A maioria deles provém do estado de São Paulo, mais especificamente das cidades de Santo André, Pinheiros, Olímpia, Sorocaba e São Bernardo do Campo; outros, de Juiz de Fora e São Mateus/MG ou Rio de Janeiro, fato revelador de sua circulação e utilização em variadas cidades do território brasileiro. Dos livros localizados, a maior parte encontra-se em bom estado de conservação, amarelada pelo tempo, com dedicatórias a seus antigos proprietários e marginais, ao longo de suas páginas. Alguns, deteriorados, com recortes nas ilustrações, páginas rasgadas ou rabiscadas, mas nada que impeça o trabalho de pesquisa.

Prosseguindo no curso de Pedagogia, na 4ª fase, uma feliz coincidência! Na disciplina Alfabetização I, por ocasião de um seminário de estudos, houve sorteio dos capítulos do livro *Os sentidos da alfabetização*, de Mortatti (2000), que oferece debates teóricos e metodológicos sobre alfabetização e destaca o problema do método como objeto de estudo privilegiado da reflexão pedagógica no Brasil (MORTATTI, 2000). A autora adota uma abordagem histórica sobre o movimento da alfabetização no estado de São Paulo, de 1876 até 1994, trazendo à baila: o método João de Deus, baseado na palavração e divulgado no Brasil por Silva Jardim; o método analítico *versus* sintético; o método misto; o construtivismo e a desmetodização. São quatro momentos que caracterizam a tensão na disputa em torno das tematizações, normatizações e concretizações relacionadas à alfabetização.

O grupo do qual eu fazia parte no seminário de estudos foi contemplado justamente com o terceiro capítulo, intitulado *A alfabetização sob medida*. Tal capítulo dedica-se ao período de meados de 1920 a meados 1970, caracterizado pela autora como terceiro momento crucial do ponto de vista da constituição da alfabetização como objeto de estudo. O educador Lourenço Filho figura nesse momento com seus relevantes escritos sobre a educação e, especialmente, com os escritos “representativos do pensamento do autor em relação ao ensino da leitura e escrita [...]. São eles: *Testes ABC*, para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita (1934); *Cartilha do povo*, para ensinar a ler rapidamente (1928) e cartilha *Upa, cavalinho!* (1957)” (MORTATTI, 2000, p. 146). Para Mortatti (2000),

⁵ *Site* www.estantevirtual.com.br, que reúne virtualmente os acervos de 1.684 sebos e livreiros de 307 cidades do país.

⁶ Tais livros encontram-se digitalizados, ou seja, compõem um Catálogo Digital, que integra o acervo do Laboratório de Patrimônio Cultural/FAED/UEDESC, coordenado pela professora doutora Maria Teresa Santos Cunha.

é principalmente na atuação de Lourenço Filho nesse período e no livro *Testes ABC* que se pode buscar a característica que melhor identifica esse momento crucial da alfabetização:

A perspicácia de Lourenço Filho em buscar interlocução – num tom objetivo e “técnico” que não pretende polêmicas, mas superação da tradição herdada e homogeneização controladora da pluralidade do presente -, tanto como os “entendidos” quanto como os “aplicadores”; sua sintonia com as idéias renovadoras e os anseios políticos, sociais e culturais brasileiros desse momento histórico; a autoridade catalisadora e o prestígio de uma trajetória profissional de administrador, intelectual e professor, que se apresenta como exercendo influências, mas não passível de recebê-las; a argumentação cerrada e rigorosamente fundamentada que confere pioneirismo e cientificidade a *Testes ABC*; a recorrente e auto-referenciada propaganda que contribui para a rápida disseminação do livro e que demanda a incorporação de acréscimos atualizadores, que só fazem ressaltar e referendar seu substrato inabalável; a autonominação do material para aplicação; enfim, esse conjunto de aspectos é indicador do esforço e empenho em se conferir a *Testes ABC* o sentido hegemônico de ato fundador de um discurso científico e de uma prática racionalizadora relativamente ao ensino e aprendizado da leitura e escrita (MORTATTI, 2000, p. 213-4).

Com base no que foi relatado e pela proposta educativa de Lourenço Filho, que se descortinava paulatinamente durante o andamento da pesquisa e da graduação, percebi a importância do autor, não só para a educação, de uma maneira geral⁷, mas também o destaque merecido na produção de livros, especialmente os livros de literatura infantil, cartilhas e livros de leitura infantil. Estes últimos, dedicados à infância⁸ escolarizada, iniciam-se na metade dos anos 1950, precisamente em 1953. Preocupado em dar continuidade ao ideal modernizador por uma nova escola, o educador Manoel Bergström Lourenço Filho (1897-1970) organiza e publica a *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, composta pelos seguintes livros⁹: *Pedrinho* (1953), *Pedrinho e seus amigos* (1954), *Aventuras de Pedrinho* (1955), *Leituras de Pedrinho e Maria Clara* (1956), seus respectivos *Guias Mestres* e a cartilha *Upa, cavalinho!* (1957), pela Edições Melhoramentos¹⁰ de São Paulo. Tais livros, excetuando-se os *Guias Mestres* e a cartilha, foram eleitos como fonte documental deste estudo.

A própria Editora Melhoramentos merece destaque laudatório no livro *Viagem através do Brasil* – São Paulo - Volume 9 (1956), no qual Lourenço Filho, ao discorrer sobre o município de Franco da Rocha, mostra que no distrito de Caieiras há um grande

⁷ A respeito da atuação desse educador, ver, especificamente: MONARCHA; LOURENÇO FILHO, (2001); MONARCHA (1997); MORTATTI (2000).

⁸ Compreende-se infância como construção social, segundo Àries (1981), e pode-se inferir como uma concepção que os adultos fazem do período ou etapa inicial da vida com seu devido entendimento social, cultural e histórico, segundo Freitas e Kuhlmann Jr. (2002).

⁹ De acordo com a propaganda da Editora Melhoramentos, a *Série* seria composta por 5 livros de leitura e 1 cartilha; o 5º livro seria intitulado *Pedrinho e o mundo*, porém, apesar das constantes propagandas e da descrição desse 5º livro, ele não foi publicado (BERTOLETTI, 2006).

¹⁰ Companhia Melhoramentos, com mudança na razão social a partir de 1938, de acordo com Soares (2007). Por esse motivo, ora faço referência à Editora Melhoramentos, ora à Companhia Melhoramentos.

estabelecimento industrial, que compreende fábrica de papel e celulose, além de ser uma das primeiras a cuidar do reflorestamento em São Paulo:

A Editora Melhoramentos de São Paulo foi iniciada em 1877, por Antônio Proost Rodovalho [...]. Entrou em nova fase com a incorporação, que se lhe fez da firma Weiszflog Irmãos, fundada em 1899, pelos irmãos Otto e Alfredo Weiszflog. Tomou, então, a Companhia Melhoramentos extraordinário impulso. Produz atualmente cêrca de 15 milhões de quilos de papel, cada ano, e de suas oficinas gráficas, que funcionam na capital, saem mais de três milhões de livro, também cada ano (LOURENÇO FILHO, 1956, p. 115).

Em estudos recentes, a Melhoramentos¹¹ também é evidenciada, como mostra Hallewell (2005), ao classificá-la como uma das maiores indústrias de papel do País e em perfeita integração vertical: “do pinheiro ao livro”. Razzini (2005, 2007) a destaca por sua especialização na produção de livros didáticos em resposta à expansão da escola pública elementar. Miceli (2001) corrobora essa assertiva quando a enfatiza como uma das seis maiores editoras brasileiras, com o segundo maior índice de publicação de livros do gênero didático, totalizando 28% de sua produção. Os estudos de Soares (2007) apontam para a Melhoramentos como a editora mais presente no acervo da Biblioteca Infantil Municipal de São Paulo, com 368 títulos. Salienta que desde o princípio a editora se envolveu com o campo das obras infantis e didáticas. No livro *Semear horizontes*, a autora analisa a “construção de um espaço de produção e circulação de obras literárias para crianças na Argentina e no Brasil, entre 1915 e 1954” (SOARES, 2007, 13) e, ainda, detém seu olhar sobre a atuação de Lourenço Filho na Biblioteca Infantil¹² da Melhoramentos através de pareceres emitidos por ele a partir de 1938.

Cabe, no entanto, ressaltar que a escolha pela fonte documental desse estudo foi se consolidando aos poucos durante o período em que participei como bolsista na Iniciação Científica. Em princípio, nas apresentações em congressos, onde sempre havia quem participasse da sessão de comunicação ou quem houvesse estudado algum livro da *Série*, ou porque se houvesse alfabetizado com os livros de leitura e cartilha, cujo personagem principal era o menino Pedrinho, e via na apresentação um quê de nostalgia. Benjamin (2002) descreve a sensação que o livro infantil desperta no colecionador e diz que ela “só é possível a quem se tenha mantido fiel à alegria que ele [livro infantil] desperta na criança” (2002, p. 54).

¹¹ Atualmente, os negócios da companhia “englobam editora, livraria, papel tissue, celulose, higiene e desenvolvimento urbano, buscando sempre o máximo em qualidade, com responsabilidade social e ambiental”. Disponível em: <http://www2.melhoramentos.com.br/melhoramentos/pt/perfil.asp>. Acesso em: 13 mai. 2010.

¹² Coleção de livros de literatura infantil da Companhia Editora Melhoramentos, fundada em 1915 pelo professor Arnaldo Oliveira Barreto, alcança o número de 100 títulos em 1958 (SOARES, 2007, p. 347).

A leitura dos livros da *Série Pedrinho* evoca lembranças. Dentre as mais marcantes mencionadas pelos ouvintes das sessões de comunicações em congressos está o poema *A Gatinha Parda*, de autoria de Osvaldo Orico, que faz parte do primeiro livro de leitura *Pedrinho*, 53ª lição. Às vezes era a recordação da declamação feita na escola para colegas ou a lembrança de alguém recitando fora do ambiente escolar, deixando no ar que os poemas contidos na *Série* estimulam laços afetivos de permanência.

Isto pelo menos é o que leva a supor uma prática de leitura constante, bem como a declamação das poesias contidas nos livros de leitura, principalmente desse poema de Osvaldo Orico. Sua lembrança ficou nas pessoas que um dia tiveram acesso à educação escolarizada com os livros de leitura de Lourenço Filho. Esta afirmação é corroborada pela mensagem via correio eletrônico recebida no dia 7 de abril de 2010, que, para além de mencionar o poema, dá indícios da circulação da *Série* no Nordeste brasileiro em uma determinada época:

Sra. Professora, Há muito tempo ando em busca do livro de Pedrinho mas não o encontro em sebo nenhum. Pesquisando na internet vi referências sobre seu estudo [...]. Seria possível uma consulta virtual do mesmo em algum site? ou uma cópia xerox? Estudei nestes livros e estou ansiosamente buscando os vol. 1 e 2. (já tenho o 3 e 4). Aqui na **Bahia todos estudamos por eles na década de 60** e ficaram na nossa memória como uma leitura muito prazerosa. É neste volume 1 que tem a poesia da **gatinha parda?** e do trem de ferro (do M.Bandeira)? Ficaria muito grata se me respondesse. Atenciosamente, Maria Helena Veloso – Jequié/Bahia (Grifo nosso).¹³

Há indícios de circulação também no interior de Santa Catarina, especificamente na cidade de Blumenau. Tal afirmação vem a tona quando um fato relevante ocorreu em sala de aula. Um dos colegas realmente demonstrou encantamento com o terceiro livro de leitura, *Aventuras de Pedrinho*, pois afirmou que a mãe se alfabetizou com aquele livro e o guardou. Ele, quando criança, brincava com partes deterioradas da obra. Era fascinado com a história de “Borba Gato”¹⁴, especificamente na lição que versa sobre os bandeirantes.

Na lição está registrada a resposta do bandeirante ao gentio, sobre o que busca na terra e quais seus anseios: “- Queremos todos os gentios! Tôda a prata das minas!... Todo o ouro das montanhas! Tôdas as esmeraldas dos rios!...” (RAMOS *apud* LOURENÇO FILHO, 1961, p. 87–88).

¹³ VELOSO, Maria Helena. **Livro Pedrinho Série Graduada**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: <marlene-cba@hotmail.com> em 7 abr. 2010. De acordo com o Comitê de Ética da UDESC, não há necessidade de autorização, pois se trata de uma informação contida na parte introdutória do trabalho e não é um dado “resultante” da pesquisa.

¹⁴ Alcinha de Fernão Dias Pais Leme.

Pelas histórias relatadas sobre livros da *Série*, observa-se que não só eles, mas também outros tipos de livros que fazem parte da infância escolarizada estabelecem um vínculo com os leitores, pelos sentimentos de encantamento, sensibilidade e nostalgia neles deixados. O que sobressai, mesmo com o passar dos anos, são laços afetivos de permanência. Ainda que o livro que se folheasse estivesse deteriorado, como no exemplo acima, essas lembranças vêm à tona e enchem o ar de sensibilidade, como descreve Benjamin sobre a fidelidade da alegria que o livro infantil desperta:

Um livro, uma página de livro apenas, ou até mesmo uma mera gravura em um exemplar antigo e fora de moda, herdado talvez da mãe ou da avó, pode ser o apoio em torno do qual a primeira e delicada raiz desse impulso se enlaça. Não importa se a capa está solta, se faltam páginas e se vez ou outra mãos desastradas mancharam as xilogravuras (BENJAMIN, 2002, p. 54).

Tais momentos, ocorridos durante o percurso, só fizeram solidificar a escolha pelo objeto de pesquisa e reforçaram a necessidade de investigação mais profunda do assunto. Assim, posso parafrasear Benjamin e dizer que a *Série* “desperta a participação do leitor na beleza descortinada pela sua obra” (BENJAMIN, 2002, p. 54). Cabe, no entanto, ressaltar que ter acesso à fonte - *Série de Leitura Graduada Pedrinho* - não justifica o presente trabalho, mas explica os motivos que levaram a considerar estes livros fontes de extrema relevância nos estudos da História da Educação Brasileira.

Sabendo-se que a historiografia da educação brasileira abarca estudos de usos dos impressos em interface com a história do livro e com práticas de leitura, sentimos que o presente estudo é relevante por trazer à baila uma *Série* apresentada como um dispositivo escolar da modernidade. Estudos recentes (ABREU, 2009; SOARES, 2008; FIGUEIRA, 2010) evidenciam um uso nacional dessa *Série* e permitem considerar que ela foi utilizada pelas escolas públicas elementares do País, haja vista suas altas tiragens, além de ser previamente aprovada pelos conselhos de instrução pública ou órgãos competentes e de autoria de educador consagrado no campo. Assim se manifestam Cunha e Fernandes (2008):

Estes livros atingiram vendas significativas e, tudo indica que isso fazia parte de uma estratégia editorial que via no livro uma missão educadora. [...] indubitavelmente, se impôs na escola pública brasileira desde seu aparecimento em 1953 até a década de 1970, como os informa suas altas vendas, perceptíveis pelo número de suas edições. Ter como autor um nome consagrado no campo educacional como Lourenço Filho, agregava valor à *Série* e a autoridade do autor, aliada a sua trajetória profissional qualificada, sobremaneira, as propostas para a leitura firmando-as como um paradigma, um modelo positivo de identificação para professores e alunos (CUNHA e FERNANDES, 2008, p. 132-3).

Os livros de leitura ou manuais escolares¹⁵ constituem uma fonte relevante para a configuração da historiografia da educação. Para além de um objeto de uso restrito ao ambiente escolar, são elementos que permitem conhecer representações de uma maneira de conceber e praticar o ensino e a leitura. É interessante ressaltar que, para Choppin, os manuais escolares são “depositários de um conteúdo educativo e têm o papel de transmitir às jovens gerações os saberes, as habilidades (mesmo o saber ‘ser’), os quais, em uma dada área e a um dado momento, são julgados indispensáveis à sociedade para perpetuar-se” (CHOPPIN, 2002, p. 14). Esses manuais escolares reunidos em volumes formam as Séries Graduas de Leitura, ou seja, livros destinados a determinado público, como enfatizam Carvalho e Toledo “um outro dispositivo editorial é o da seleção de textos e autores. O editor se propõe a selecionar e a reunir na coleção os livros mais adequados a um determinado perfil de leitor” (CARVALHO e TOLEDO, 2007, p. 93).

Um dos fatores relevantes a considerar por essa pesquisa é a rede de sociabilidades em que o autor da *Série* estava inserido no determinado período histórico. A partir dos anos 20, quando organizou com êxito a reforma do ensino público no estado do Ceará, “o alvorecer de sua ação educativa e do movimento da Escola Nova no Brasil” (BASTOS e CAVALCANTE, 2009, 10); posteriormente, com a efetivação do movimento (MONARCHA, 1999, 2001, 2009), do qual foi signatário no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova.

Outro fato referente à *Série* é ser editada pela Companhia Melhoramentos, na qual Lourenço Filho exerceu diversos cargos, entre eles: diretor da série *Bibliotheca de Educação* (MONARCHA, 1997; RAZZINI, 2007) e da *Série Bibliotheca Infantil* (RAZZINI, 2005; SOARES, 2007). A propaganda na contracapa do primeiro livro da *Série Pedrinho* faz virem à baila vestígios da rede de sociabilidade da qual o autor fazia parte:

Edições Melhoramentos sente-se honrada em poder apresentar ao distinto magistério brasileiro esta série de livros de leitura para o curso primário, composta pelo consagrado mestre, Prof. Lourenço Filho, autor da Cartilha do Povo, que atinge com sua última edição a cifra de 5.080,000 exemplares. Nestes livros estão consubstanciadas as mais recentes orientações da moderna Pedagogia. Série acomodada às exigências do magistério e feita de modo a possibilitar às crianças do curso primário de todo o Brasil um aproveitamento fácil, agradável e integral (LOURENÇO FILHO, 1954, p. 130).

¹⁵ Segundo Choppin (2002), compreendem-se por manual escolar os utilitários da sala de aula: eles são concebidos na intenção, mais ou menos explícita ou manifesta, segundo as épocas, de servir de suporte escrito ao ensino de uma disciplina no seio de uma instituição escolar.

A propaganda possibilita o reconhecimento e a divulgação de suas obras didáticas, pois mostra em *cifras* a última edição da *Cartilha do Povo*¹⁶, deixando claro tratar-se de um autor consolidado na área (a primeira edição da cartilha é de 1928). Para além disso, traz as orientações pelas quais os livros se submetem à *moderna Pedagogia*, e igualmente deixa clara a importância do *consagrado mestre* na época. A Companhia Melhoramentos editava livros de outros representantes do movimento da Escola Nova. Dessa forma, os representantes que transitavam pela editora, e em outras instâncias, compunham uma rede de sociabilidades, como adverte Sirinelli:

O meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um “pequeno mundo estreito”, onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora. A linguagem comum homologou o termo “redes” para definir tais estruturas (SIRINELLI, 2003, p. 248).

Um levantamento feito por Razzini (2002) evidencia outros autores consagrados na Companhia Melhoramentos. “Além de Arnaldo Barreto, destacam-se como autores de sucesso da Melhoramentos: Romão Puiggari, Ramon Roca Dordal, Rocha Pombo, Mariano de Oliveira, Antonio Proença, Renato Sêneca Fleury e Lourenço Filho” (RAZZINI, 2002, p. 4). Inicialmente, Lourenço Filho transita em esferas regionais, como o interior de São Paulo e Fortaleza, sempre em instâncias ligadas à educação, nas quais mantêm contato com vários intelectuais; posteriormente, atinge a esfera do poder central, formando uma categoria que Miceli (2001) caracteriza como *educadores profissionais*, “a categoria de intelectuais convocadas pela elite burocrática em virtude da competência e do saber de que dispunham em suas respectivas áreas de atuação” (MICELI, 2001, p. 219). Bertolletti corrobora que a solidificação do *educador profissional* se dá entre os anos de 1920 e 1945, pois essa figura caracterizada por Miceli “assume uma posição predominantemente técnica e canaliza os fatos da educação para os seus campos de domínio: produzem livros didáticos, de literatura, teóricos e de divulgação educacional, e ocupam cargos na administração de ensino” (BERTOLETTI, 2006, p. 53).

Tudo leva a crer que o resultado editorial da *Série* esteja relacionado à atuação desse intelectual, Lourenço Filho, no campo educacional brasileiro. A tiragem significativa de dois manuais escolares que compõem a *Série*, chega a mais de dois milhões de exemplares distribuídos para todo o Brasil durante o ano de 1956 e 1957. Surpreendentemente, toda a *Série* ultrapassa a marca de mais de 6 milhões de exemplares. A bem dizer, durante os anos

¹⁶ *Cartilha do Povo* para ensinar a ler rapidamente teve sua primeira edição em 1928, com a tiragem de 1.080.000 unidades. Teve alternâncias nos anos de publicação, chegando a quase 4.000.000 em 1970, último ano de publicação.

em que foram publicados, dois dos livros saíram com a tiragem de 1 milhão: *Pedrinho*, na quinta edição – 1956 - e a cartilha *Upa, cavalinho!*, na primeira edição – 1957. As demais tiragens oscilavam entre seis mil, geralmente no último ano de publicação, até 150 mil exemplares (MONARCHA; LOURENÇO FILHO, R., 2001).

As alterações ocorridas com os livros de leitura da época refletem a progressiva organização do sistema de ensino brasileiro. Segundo Cunha e Fernandes (2008), as séries graduadas de leitura surgiram à época da institucionalização da escola graduada, os chamados grupos escolares (CUNHA e FERNANDES, 2008, p. 123). A implantação dessa nova modalidade escolar, de acordo com Souza (1998), trouxe mudanças significativas para o ensino primário e para a sociedade da época. Segundo a autora:

A escola graduada de ensino primário constituía em si um modelo cultural em circulação. Implantadas no Estado de São Paulo sob o signo da modernidade e da inovação educacional, os intelectuais e educadores – buscaram instituir uma nova realidade educacional e adaptar o modelo às condições da realidade paulista (SOUZA, 1998, p. 18).

Para além das alterações ocorridas com os livros de leitura, a implantação dessa nova modalidade escolar introduz inovações e modificações no ensino primário da época, visando à sua universalização, segundo Souza:

No bojo desse processo, a escola primária foi “(re) inventada”: novas finalidades, outra concepção educacional e organização do ensino. O método individual cedeu lugar ao ensino simultâneo; a escola unitária foi, paulatinamente, substituída pela escola de várias classes e vários professores, o método tradicional dá lugar ao método intuitivo, a mulher encontrou no magistério primário uma profissão, os professores e professoras tornaram-se profissionais da educação (SOUZA, 1998, p. 29).

Assim, com as inovações em evidência, coube modificar também os livros de leitura, que se tornam séries de leitura graduada¹⁷. Com uso das séries graduadas de leitura, utilizadas no Curso Primário Elementar (grupos escolares, escolas reunidas, escolas isoladas, escolas rurais), as crianças passam a ter uma coleção de quatro livros, um para cada ano (1º a 4º ano), geralmente todos pertencentes a uma mesma autoria. Atendendo ao ensino seriado, os livros mantinham continuidade, coerência e aprofundamento das lições conforme o ano ou série a que se destinavam. Os livros tendiam a exercer certa uniformização, de acordo com Fernandes

¹⁷ Caracterizam-se como coleções de livros destinados às quatro séries do ensino elementar, podendo incluir um quinto, voltado para a alfabetização ou para uma outra série, de acordo com a organização do sistema de ensino. Apresentam, por essa razão, uma progressão tanto no interior dos livros quanto em suas relações com os demais livros da série, em geral baseada na extensão e na complexidade dos textos utilizados (BATISTA *et al.*, 2002, p. 35).

(2009), em consequência do Decreto-Lei nº 1.006, de 30 de dezembro de 1938, que cria a Comissão do Livro Didático, com a função de estabelecer as condições de produção, importação e utilização do livro didático.

Torna-se imprescindível lembrar que a pesquisa se apóia nos pressupostos teóricos da História da Educação, cujos objetos e fontes são hoje “alargados e diversificados” (LOPES; GALVÃO, 2005, p. 35). De acordo com as autoras, a História da Educação é considerada mais imaginativa e inovadora (no Brasil como em outros países). Recentemente, a História Cultural, particularmente, tem influenciado os pesquisadores para que investiguem temas antes considerados pouco nobres na própria História da Educação (LOPES; GALVÃO, 2005). Dentre os novos objetos estudados e valorizados está o livro didático:

[...] principalmente através de estudos realizados por Roger Chartier, para a necessidade de se estudarem os objetos culturais em sua materialidade, restabelecendo os processos implicados em sua produção, circulação, consumo, práticas, usos e apropriações (LOPES; GALVÃO, 2005, p. 40).

Cabe lembrar que o interesse pela edição escolar é considerado recente. Hoje constitui um dos campos mais promissores da História da Educação, segundo Choppin (2004):

Após ter sido negligenciado, tanto pelos historiadores quanto pelos bibliógrafos, os livros didáticos vêm suscitando um vivo interesse entre os pesquisadores de uns trinta anos para cá. Desde então, a história dos livros e das edições didáticas passou a constituir um domínio de pesquisa em pleno desenvolvimento, em um número cada vez maior de países [...] (CHOPPIN, 2004, p. 549).

Dando continuidade aos estudos referentes ao educador Lourenço Filho e à sua produção escrita, especialmente às relacionadas ao público infantil, atualmente se ampliaram e melhor se definiram em função de abordagens de fundo histórico da produção e da atuação do educador. Em virtude da comemoração de seu centenário de nascimento, ocorrido em 1997, duas coletâneas foram lançadas¹⁸ – *Centenário de Lourenço Filho: 1897 - 1997* e *Lourenço Filho: outros aspectos, mesma obra* -, fazendo referência sobre a vida e a obra de Lourenço Filho e facilitando o acesso aos interessados. Tais coletâneas e outras pesquisas foram subsídios do presente trabalho, especialmente para o estudo sobre Lourenço Filho.

Posteriormente, foi organizado e lançado por Carlos Monarcha e Ruy Lourenço Filho o livro intitulado *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia* (2001), obra que inaugura a *Coleção Lourenço Filho*. Traz contribuições de Leda Maia Silva Lourenço, Maria do Rosário

¹⁸ MONARCHA, Carlos. *Centenário de Lourenço Filho. 1897 – 1997*. Londrina: UEL; Marília: UNESP; Rio de Janeiro: ABE, 1997a; MONARCHA, Carlos. *Lourenço Filho: outros aspectos, mesma obra*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1997b.

Longo Mortatti, Luciana Quillet Heymann, Diana Gonçalves Vidal e Maria Juraci Maia Cavalcante e tem o objetivo de:

Estabelecer exaustiva e sistematicamente o conjunto da produção intelectual de Lourenço Filho, elaborada ao longo de aproximadamente sessenta anos e abordando uma multiplicidade de temas, e servir de instrumento de pesquisa, com natureza de obra de referência, que estimula a realização de estudos compreensivos a respeito do sentido histórico, social e intelectual da obra lourenciana e de seus aspectos específicos, por vezes esquecidos, desconhecidos ou mesmo inexplorados (MONARCHA; LOURENÇO FILHO, 2001, p. 12).

Segundo os organizadores, graças ao esforço de todos os que contribuíram para a obra, tornou-se possível localizar, recuperar, reunir, ordenar a produção *de* Lourenço Filho num total de 771 referências. A produção intelectual *sobre* o autor e sua obra totalizaram 369 referências, dados computados até o ano de 2001. Este livro, que faz parte da *Coleção Lourenço Filho*, é o primeiro dessa coleção editado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP -, do qual Lourenço Filho foi diretor (1938–1946). Também fazem parte da *coleção* nove livros escritos pelo autor e reeditados pelo INEP¹⁹.

Anteriormente às coletâneas oriundas da comemoração do centenário de nascimento de Lourenço Filho, foi organizado pela Associação Brasileira de Educação o livro jubilar *Um educador brasileiro Lourenço Filho*, editado em 1959, pela Edições Melhoramentos, que esclarece: “É assim editado este livro, cuja divulgação não representa apenas um ato de reverência aos esforços de um educador, mas também um voto de fé no trabalho construtivo da escola, nos moldes renovados que, em nosso país, difundiu e realizou o Professor Lourenço Filho” (ABE, 1959, p. 5). A obra inaugural, como se referem os organizadores, tem textos de José Augusto Bezerra de Medeiros (então presidente da ABE), Fernando de Azevedo, A. Almeida Júnior, J. Moreira Souza, Anísio Teixeira, Clemente Mariani, Alceu Amoroso Lima, Peregrino Jr., Abgar Renault, entre outros.

Há, atualmente, trabalhos de pesquisa científica que versam sobre o autor com abordagens peculiares, que se utilizam de fontes diversificadas e apontam as instâncias por ele transitadas. Por exemplo, recentemente foi lançado *O curso de Lourenço Filho na Escola Normal do Ceará*, organizado por Maria Helena Camara Bastos e Maria Juraci Maia Cavalcante, que utilizam como fonte um caderno, material de natureza didático-pedagógica, que até há pouco tempo vinha sendo considerado como pouco importante. Tal estudo

¹⁹ As seguintes obras são reeditadas pelo INEP: *A pedagogia Rui Barbosa, Lourenço Filho e a organização da psicologia aplicada à educação, A formação de professores*: da Escola Normal à Escola de Educação; *Juazeiro do Padre Cícero, Tendências da Educação Brasileira, Educação comparada, Organização e Administração Escolar, Testes ABC*: para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita.

apresenta a atuação de Lourenço Filho no período em que esteve à frente da Reforma da Instrução Pública do estado do Ceará, no período de abril de 1922 a janeiro de 1924. No ano de 1923, Lourenço Filho lecionava na cadeira de Psicologia, Pedagogia e Didática na Escola Normal do Ceará. Suas aulas eram transmitidas oralmente e “não havia ainda livros com as teorias a elas subjacentes” (BASTOS e CAVALCANTE, 2009, p. 11). As 12 normalistas registram cuidadosamente o conteúdo dessas aulas e compõem um caderno de 443 páginas, intitulado *Álbum com Pequenos Trabalhos de Pedagogia*, dedicado a ele na solenidade da formatura. As organizadoras afirmam que, ao publicar a coletânea, pretendem partilhar o interesse “por um momento dos mais significativos da construção da Escola Nova no Brasil” (BASTOS e CAVALCANTE, 2009, p. 12), sobre a fonte utilizada que outrora era, de certa forma, considerada desprezível. Esclarecem:

O caderno aqui examinado, tomado como escritas ordinárias, pode ser considerado um *ego-documento*, que expressa uma memória da educação escolarizada e permite refletir sobre a cultura escolar saberes e práticas educativas desenvolvidas no processo de formação de sujeitos. Hoje os pesquisadores, cada vez mais, se detêm sobre documentos resultantes de escritas ordinárias, entre eles, os cadernos dos alunos e de professores, que permitem analisar as práticas e rotinas escolares (BASTOS e CAVALCANTE, 2009, p. 11).

Em *Semear Horizontes*. Uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954, Gabriela Pellegrino Soares “discute a construção de um espaço de produção e circulação de obras literárias para crianças na Argentina e no Brasil, entre princípios e meados do século XX” (SOARES, 2007, p. 17). No estudo, a autora traz, no âmbito editorial, as orientações (critérios educacionais e comerciais) com que Lourenço Filho buscava conformar os livros infantis da Companhia Melhoramentos. De acordo com a autora, “na perspectiva do educador, a literatura infantil tinha um papel a cumprir, complementar àquele desempenhado pela escola, por si só insuficiente para a formação integral do homem” (SOARES, 2007, p.349) e Lourenço Filho foi criterioso com esse papel dado à literatura infantil na época em que exerceu a função de diretor da Biblioteca Infantil da Melhoramentos e parecerista da coleção, chegando a emitir mais de trinta mil pareceres²⁰.

Enfim, como já foi mencionado, há muitas referências *de e sobre* o autor; porém, são poucos os trabalhos que se propuseram a discutir aspectos específicos, como seus livros de leitura direcionados ao público infantil. Encontramos duas autoras que versam sobre o último livro que compõe a *Série*. a cartilha *Upa, cavalinho!*(1957). Maria do Rosário Longo Mortatti

²⁰ Segundo Soares (2010, p. 162), a cifra de trinta mil pareceres é de Donato, porém no levantamento realizado pela autora no Arquivo da Companhia Melhoramentos no bairro da Lapa - SP, no ano de 2000, o acesso foi a centenas de pareceres, mas que não alcançava a essa cifra vultosa.

(2000), no livro *Os sentidos da alfabetização*, analisa a cartilha inserida nos debates teóricos e metodológicos sobre alfabetização da época e destaca o pensamento de Lourenço Filho “[...] diretamente articulado às urgências sociopolíticas de âmbito nacional” (MORTATTI, 2000, p. 144), em interface com o ensino da leitura e da escrita. Para a autora:

Em decorrência sobretudo da disseminação, repercussão e institucionalização das novas revolucionárias bases psicológicas contidas em *Testes ABC* (1934), de Lourenço Filho, vão conquistando hegemonia as práticas de medida do nível de maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita e de classificação dos alfabetizandos, de acordo com as quais a importância do método é sistematicamente relativizada e considerada tradicional. Dessa posição resulta um ecletismo processual e conceitual, que passa a permear as tematizações, normatizações e concretizações relativas à alfabetização, fundando-se uma nova tradição: alfabetização sob medida (MORTATTI, 2000, p. 26).

Para além da cartilha mencionada, a autora estende seu olhar às obras *Testes ABC*, para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita (1934) e *Cartilha do povo*, para ensinar a ler rapidamente (1928), de Lourenço Filho. Com o intuito de analisar a “questão dos métodos” de ensino da leitura e escrita na fase inicial da escolarização das crianças, aborda os sentidos atribuídos à alfabetização em decorrência das tematizações, normatizações e concretizações produzidas em São Paulo entre 1876 e 1994.

O estudo de Estela Natalina Mantovani Bertoletti tenta compreender o projeto de alfabetização de Lourenço Filho concretizado nas cartilhas: *Cartilha do povo e Upa, cavalinho!* Essa discussão está presente no livro *Lourenço Filho e a alfabetização* (2006). Sua análise, “como quem busca compreender o passado para explicá-lo e para iluminar também o presente”, o faz “enfocando as tensões entre rupturas e permanências, características do movimento histórico de alfabetização no Brasil” (BERTOLETTI, 2006, p. 12). Para tal intento a autora utiliza-se da análise de configuração textual dos livros.

Se direcionarmos o foco especificamente para a *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, verificamos que é citada em diversas pesquisas; entre elas, os Projetos de Pesquisas²¹ organizados pela professora doutora Maria Teresa Santos Cunha. Como fica evidente:

Os manuais escolares aqui problematizados para investigação circularam a partir da década de 1950 estendendo-se até a década de 1970, com o nome de *Série de Leitura Graduada Pedrinho* – [...] e foram largamente utilizados [...] como livros de leitura. Tais leituras faziam parte de uma proposta de educação ligada a propósitos civilizadores, unidas tanto pela idéia inicial de construir o *bom cidadão*, como estudioso, obediente, leal e cuidadoso, como ser base para a construção de um

²¹ *Saberes Impressos*. Imagens de textos escolares e não-escolares: composição e circulação (décadas de 50 a 70 do século XX), CNPq 478925/2006-9 e *Protocolos de Cívildades*. Modelos de conduta pessoal e cívica em manuais escolares (Santa Catarina/décadas de 1920 a 1950 do século XX), CNPq 475851/2009-9, ambos coordenados pela professora doutora Maria Teresa Santos Cunha, Departamento de História – UDESC.

cidadão industrial, empreendedor e cosmopolita, em um momento que o país se industrializava, a partir da década de 1950 (CUNHA, 2008, p. 3).

Igualmente, outros trabalhos estão concluídos e foram de capital importância para o desenvolvimento da presente pesquisa. Trago à baila a dissertação de mestrado defendida por Raquel Abreu, na Universidade Federal de Santa Catarina, em 2009, intitulada *A Série de Leitura Graduada Pedrinho (1953-1970) e a perspectiva de socialização em Lourenço Filho*, com a qual investiga as propostas de socialização para a infância brasileira presentes na *Série* articuladas às ideias divulgadas por seu autor (ABREU, 2009, p. 23). A autora analisa a *Série* como um todo, mas prioriza o segundo e o terceiro volume, inclusive com descrição detalhada das ilustrações das capas, para averiguar como são expressas as ideias de nacionalismo ou, ainda, de que forma o autor se apropria de conceitos como moral, progresso, socialização, solidariedade, disciplina e ordem, entre outras indagações. Tal análise, segundo a autora, feita em consonância com a obra *Introdução ao estudo da escola nova*, a Lei Orgânica do Ensino Primário (1946), e as formulações teóricas de Émile Durkheim, que multiplicam as possibilidades investigativas futuras:

Lourenço Filho utiliza-se das teorias de Durkheim, fortalecendo e confirmando seu projeto civilizatório para um Brasil ideal, que permeou sua trajetória de pensador da educação brasileira por mais de cinquenta anos. Neste trabalho, apresentamos um leque de possibilidades investigativas em torno de um nome, o intelectual Manoel Bergström Lourenço Filho, em uma de suas obras, a *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, relacionando algumas de suas ideias à teoria sociológica percebidas durante as incursões exploratórias que permitiam a multiplicidade de reflexões relatadas até aqui. A partir de tais reflexões, certamente outras investigações podem ser realizadas, quer no campo da História, da Educação ou da Sociologia, ou como no presente trabalho, na convergência das três áreas de investigação (ABREU, 2009, p. 223).

Também a dissertação de Patrícia Ferreira Fernandes Figueira, defendida em 2010, na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista de Araraquara, utiliza-se da *Série de Leitura Graduada Pedrinho* como fonte de investigação. Porém, a análise principal se dá nos *Guias* da *Série* e na obra *Introdução ao estudo da escola nova*, com os quais a autora tenta compreender como Lourenço Filho se apropriou dos princípios da Escola Nova no livro e nas prescrições para a prática pedagógica contidas nos *Guias*. Para Figueira (2010):

O presente estudo, na medida em que pretende contribuir com a contextualização do Movimento da Escola Nova no Brasil, a partir da perspectiva de um de seus divulgadores – Lourenço Filho – também objetiva tornar mais claro e exemplificar que os princípios teóricos comportam diversas interpretações quando mobilizados para orientar atividades práticas (FIGUEIRA, 2010, p. 15).

O recente estudo de Valdemarin (2010) na obra *História dos métodos e materiais de ensino* referente à “compreensão do processo de transformação de valores, princípios e finalidades em práticas pedagógicas” pondera que:

A produção dos manuais didáticos e os processos formativos institucionais são entrelaçados nos movimentos do autor: são professores que atuam na formação dos professores, mas também orientam institucionalmente o trabalho docente pela ocupação de cargos que é referendada com a produção do manual, que também consolida uma área de conhecimento institucionalizada (VALDEMARIN, 2010, p. 130)

Mesmo com análises diferenciadas, tais estudos, por conterem as mesmas fontes, são de extrema relevância para o referencial da presente pesquisa. Um diferencial do presente estudo se dá pela sutileza em enxergar a representatividade de outros autores e autoras nos quatro livros de leitura da *Série*. Tal apreciação priorizaria apenas os livros de leitura por entender que, mesmo como parte integrante da série, a cartilha *Upa, cavaliño!* se enquadraria em uma categoria de análise distinta, como, por exemplo, o projeto de alfabetização de Lourenço Filho. A própria Bertoletti (2006), já citada, pondera que a cartilha “sintetiza em suas páginas um projeto de alfabetização rigorosamente fundamentado e intensamente voltado para alfabetização de crianças, como indica seu título [...]” (BERTOLETTI, 2006, p. 117).

O objetivo fundamental deste trabalho é evidenciar a *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, de Lourenço Filho, como manual escolar que circulou na educação escolarizada pública entre as décadas de 1950 e 1970. Para além de ressaltar os protocolos de civilidades presentes em forma de aconselhamento de condutas e valores a seguir, esta pesquisa partiu de um instrumento denominado mapeamento dos autores e autoras que Lourenço Filho selecionou para a confecção dos livros de leitura da referida *Série*. Constata-se, por esse mapeamento que, na realidade, o autor além de escrever textos para a obra, também seleciona trechos de obras já escritas por outros autores de variados períodos históricos para compor o *corpus* da *Série Pedrinho*, o que justifica a expressão “diálogo²²” no título dessa pesquisa. Esse diálogo se dá na medida em que o organizador da obra utiliza esses escritos, qualificando de certa forma variados autores, já que seleciona seus escritos para as lições. Prevalecem, na *Série*, saberes concernentes à alfabetização, mas nas lições dos livros de leitura, também há saberes de diversas disciplinas ou o ensino enciclopédico: português, matemática, geografia,

²² O termo diálogo aparece neste trabalho como metáfora e não necessariamente como um ato. Por isto, o autor com o qual Lourenço Filho mais dialoga pode não ser seu contemporâneo ou alguém com tenha de fato convivido, o termo sinaliza para uma metáfora de presença, de comparecimento de outros autores na obra.

história, ciências, ensino moral e cívico, civilidades, boas maneiras, higiene. Ao selecionar os autores, Lourenço Filho qualificou os textos que enfatizam determinados tipos de saberes, especialmente aqueles dedicados ao ensino das disciplinas formadoras da nacionalidade, tais como História e Geografia, de forma mais dispersas no primeiro e segundo volume e muito especialmente de forma mais efetiva no terceiro e quarto volume.

Com base nessas considerações, o presente trabalho se estrutura em três partes. No primeiro capítulo serão sucintamente apresentados aspectos da trajetória de Lourenço Filho, dando maior ênfase à sua produção didática e de literatura infantil. Tais períodos referem-se ao lançamento dos livros de literatura infantil, denominados *Histórias do tio Damião*, publicados entre 1943 e 1958. O mais importante para a pesquisa em curso é a partir do ano de 1953, quando começa a publicação da Série de Leitura Graduada Pedrinho²³, composta por quatro livros e uma cartilha, a saber: *Pedrinho* – primeiro livro; *Pedrinho e seus amigos* – segundo livro; *Aventuras de Pedrinho* – terceiro livro; *Leituras de Pedrinho e Maria Clara* – quarto livro; cartilha *Upa, Cavalinho!*, que finaliza a *Série*.

Outro aspecto relevante a enfatizar nesta parte do trabalho são as tiragens e edições da *Série Pedrinho*. Foi feito um estudo descritivo, os dados referentes às tiragens serão mostrados em gráficos, com sua devida interpretação. Concomitantemente, serão arrolados aspectos sobre a materialidade, tais como: capa, tipo de encadernação, formato, ilustração, etc., dados relevantes para o trabalho, pois, segundo Chartier (2001a), a materialidade é o que dá existência ao texto, geralmente um objeto, um manuscrito ou um impresso. Serão enfatizados os dados das edições que ocorrem entre os anos 1953 e 1970, com predominância à descrição de itens como capa, folha de rosto, sumário.

No segundo capítulo, destaca-se o que se convencionou chamar de uma constelação de leitura, ou seja, serão apresentados os autores e autoras de variados períodos históricos que Lourenço Filho seleciona para compor os livros da *Série*. Na realidade, ao organizar a *Série Pedrinho*, o autor além de escrever, seleciona trechos de obras já escritas por autores da literatura brasileira para figurar como lições dos livros de leitura; destarte, essas lições foram

²³ Para além dos volumes consultados no Catálogo digital, as análises realizadas baseiam-se nos exemplares localizados:

Dois exemplares de *Pedrinho*, 3ª edição de 1954, localizado em Campinas, SP e 7ª edição de 1958, localizado em São Bernardo do Campo, SP.

Dois exemplares de *Pedrinho e seus amigos*, 6ª edição de 1958, localizado em Porto Alegre, RS e 10ª edição de 1962, localizado em Olímpia, SP.

Três exemplares de *Aventuras de Pedrinho*, 4ª edição de 1958, 8ª edição de 1961 e 11ª edição de 1967. Localizados em Rio de Janeiro, RJ; Santo André, SP e Sorocaba, SP, respectivamente.

Dois exemplares de *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*, 5ª edição de 1960, localizado em São Mateus, MG e 9ª edição de 1966, localizado em Pinheiros, SP.

lidas e seus autores e autoras quantificados e mapeados. O resultado é uma tabela com 59 autores identificados e seus respectivos números de participação nos livros. Por se tratar de uma pesquisa pontual, terão destaque neste tópico do trabalho apenas quatro autores por sua maior representatividade na *Série*, seja pelo número de participação em um único livro ou nos quatro volumes que compõem a *Série*.

Percebe-se, especialmente no quarto volume, *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*, uma proposta de iniciação literária, por conta da quantidade de textos de outros autores que Lourenço Filho seleciona para compor o livro. Este papel de transmissão de saberes que o livro de leitura se propunha é principalmente atrelado à valorização da leitura, daí a importância da literatura. Para viabilizar essa transmissão de saberes, Lourenço Filho “dialoga”, na medida em que elege determinados textos para compor sua *Série*, com variados nomes da literatura brasileira, profissionais de alguma maneira vinculados à educação nacional. Os quatro autores destacados nesta parte da pesquisa têm seus escritos no quarto livro da *Série*. Olavo Bilac, Correia Júnior, Pedro Calmon e Viriato Correia.

Posteriormente, no terceiro capítulo intitulado *Saberes em foco: Um despertar do sentimento de nacionalidade*, serão listados os saberes contidos nos livros de leitura da *Série* e procurar-se-á, em especial, identificar que saberes Lourenço Filho priorizou. Para possibilitar essa identificação, foi elaborado um banco de dados (ANEXO A) com vistas a sistematizar os saberes ou assuntos vinculados a esses saberes. Todas as 289 lições, dos quatro livros da *Série*, foram lidas com o intuito de mapear e quantificar as categorias de assuntos mais recorrentes. Os assuntos surgiram e foram devidamente sistematizados em “categorias”, por mim criadas durante a leitura das lições. Assim, foi possível esquadrihar os assuntos descritos nas lições.

Cabe ressaltar que cada lição/história abrange sempre mais que um assunto. Assim, ao final da elaboração desse banco de dados foi confeccionada uma tabela com o total de cada assunto. Por ordem de classificação, os cinco assuntos mais frequentes foram: Geografia – 103; História - 85; plantas, plantações, árvores, jardins - 63; animais – 57 e linguagem – 51. Com base nesta classificação, priorizei os saberes mais recorrentes para discorrer no referido trabalho, a começar por Geografia e História, saberes priorizados pelo autor. Se levarmos em consideração a categoria “vulto histórico”, com 37 aparições nas lições, somada à de História, esta passaria de 85 para 122 aparições, consolidando assim as categorias elegidas para o presente trabalho.

Percebe-se, na maior parte das lições analisadas, que as *categorias* eleitas e convencionadas como pertencentes aos campos da Geografia e História estão presentes em

lições que consagram o nacionalismo, o patriotismo, a exaltação da natureza e na noção de exemplaridade difundida através de biografia de vultos históricos nacionais, em muitas ocasiões associadas ao tema da viagem, seja uma viagem ao interior da cidade, no intuito de conhecer ao campo; na própria cidade, para entender seu funcionamento; às capitais do País e até mesmo uma viagem histórica, como recurso para compreender fatos históricos acontecidos em diversas partes do Brasil. Por essa razão, um terceiro tópico dessa parte do texto foi dedicado às recorrentes viagens, que o autor utiliza como metodologia de ensino, no qual se procurará analisar itens como as viagens pelo Brasil feitas pelo protagonista da *Série* e o quanto elas podem contribuir para a aprendizagem dos pequenos leitores.

Assim, com os conteúdos entrelaçados esta parte final do trabalho procura oferecer informações sobre os saberes priorizados por Lourenço Filho nas lições dos livros de leitura da *Série*. História e Geografia são os saberes que se destacam nas lições e são utilizadas pelo autor como disciplinas formadoras da nacionalidade brasileira.

O que se busca nesta tentativa de compreensão é vislumbrar que valores se pretendia transmitir por esses livros, sabendo-se que todos são portadores de um projeto de nação a ser construída no período histórico referido por meio da educação escolar. A esse respeito, Lajolo e Zilberman ponderam que o livro didático é “poderosa fonte de conhecimento da história de uma nação que, por intermédio de sua trajetória de publicações e leituras, dá a entender que rumos seus governantes escolhem para educação [...]” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p. 121).

1 LOURENÇO FILHO E A LEITURA ESCOLAR

1.1 O AUTOR: LOURENÇO FILHO

A intenção da primeira parte do trabalho é apresentar Manoel Bergström Lourenço Filho, o autor/organizador da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*. Optou-se, para este fim, por salientar dados referentes às tiragens e edições da *Série*, bem como aos aspectos sobre sua materialidade (CHARTIER, 2001a). Antes disso, porém, é necessário apresentar o autor/organizador da *Série* e alguns aspectos da sua trajetória²⁴.

No presente tópico, pretende-se enfatizar especialmente o período em que Lourenço Filho escreveu livros infantis, sem descartar aspectos de sua trajetória. Intelectual de sua época e de seu país, sua figura pode ser apreciada sob numerosos ângulos, segundo Venâncio Filho: “o professor primário, de escola normal e universitário, o mestre de psicologia, o administrador escolar no âmbito estadual e federal, o escritor, o homem público, o chefe de família e o amigo” (VENÂNCIO FILHO, 2001, 15). Privilegia-se aqui, porém, um ângulo obliterado por Venâncio Filho no prefácio do livro *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia*, o escritor de livros de leitura infantil.

Manoel Bergström Lourenço Filho nasceu em 10 de março de 1897, em Porto Ferreira, cidade situada no coração do estado de São Paulo, às margens do rio Mogi-Guaçu. Primogênito do casal Ida Cristina Bergström e Manoel Lourenço Júnior, seu nome completo, segundo Almeida Júnior (1959), na ocasião do livro jubilar organizado pela Associação Brasileira de Educação, denuncia a origem dos seus pais: Portugal e Suécia. Na infância, era apenas Manequinho.

Aos seis anos inicia estudos primários; porém, o prosseguimento se dá na cidade vizinha de Santa Rita do Passa Quatro, sob a regência do professor recém-formado na capital, Ernesto Alves Moreira, que o incentiva posteriormente a matricular-se no Ginásio de Campinas. Entretanto, como seu pai não poderia custear-lhe os estudos e a pensão, sua estadia em tal ginásio foi como transeunte (ALMEIDA JÚNIOR, 1959; LOURENÇO FILHO, 2001). Em 1911, seu pai conta-lhe uma novidade: “Vai abrir-se uma Escola Normal em Pirassununga, e o professor Moreira vai lá ensinar. Poderás viajar todos os dias, pois a estrada

²⁴ Segundo Bourdieu (1996), a noção de trajetória conduz a uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo), em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes.

de ferro dá um abatimento aos estudantes, e essa despesa posso eu fazer...” (LOURENÇO FILHO, 2001, p. 24).

De acordo com Almeida Júnior (1959), as escolas normais da época viviam uma fase de trepidação, da mais intensa operosidade, e por que não dizer, uma fase heróica. Na Escola Normal Primária de Pirassununga, Lourenço Filho se destaca, pois obtém o primeiro lugar nos exames de admissão e também nos anos seguintes, que sucedem da primeira à última série. Segundo Almeida Júnior, seu mestre em francês primeiramente, e depois, de pedagogia:

Era esse instituto um dos cinco novos cursos normais criados por Oscar Thompson, e localizados estrategicamente em diferentes pontos do interior paulista. Tinha quatro séries, como a Escola Normal Secundária, mas dedicava mais tempo à formação pedagógica, com sacrifício do Latim e do Inglês (ALMEIDA JÚNIOR, 1959, p. 29).

Dentre os professores da Escola Normal Primária de Pirassununga, um “se destaca pela influência e pela longa amizade” (LOURENÇO FILHO, 2001, p. 25): Almeida Júnior. Tal qual Lourenço Filho, é um intelectual que transita por inúmeras instâncias educacionais. Inicialmente, Almeida Júnior dedica-se ao magistério. É também um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Exerce cargo como diretor de Ensino da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (1936-1938), de Secretário de Educação e Saúde Pública do Estado de São Paulo (1945-1946) e publica inúmeras obras educacionais (GANDINI, 1999). Pelo exposto, têm-se indícios da rede de sociabilidade através das instâncias percorridas e dos assuntos aos quais se dedicavam, estrutura que permite intercâmbio e fortalecimento de laços, como adverte Sirinelli:

Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidade mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. [...]. O meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um “pequeno mundo estreito”, onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora. A linguagem comum homologou o termo “redes” para definir tais estruturas (SIRINELLI, 2003, p. 248).

Estes fatos revelam que a rede de sociabilidade da carreira de Lourenço Filho tem início ainda na escola primária. Os escritos de Almeida Júnior (1959), no livro jubilar organizado pela Associação Brasileira de Educação, revelam as suas lembranças dessa época. Expressam admiração pelo então aluno e a constituição de um laço de amizade entre eles – mestre/aluno - que aos poucos se solidifica. Tal fato é evidenciado quando escreve sobre a atuação na prática pedagógica:

A prática pedagógica, em Pirassununga, muito mais intensa que a da Capital, iniciava-se na segunda série e concluía-se na quarta, consistindo em observação nas classes do grupo escolar, acrescida posteriormente de lições preparadas e ministradas pelo aluno-mestre. Tais exercícios eram acompanhados de crítica e discussão, de que participavam os alunos e o professor. Lembro-me que a primeira aula de Lourenço Filho, a que assisti, versou sobre os indígenas brasileiros. Vejo ainda agora, diante de mim, aquela figura esguia de adolescente, em pé junto aos meninos, levemente emocionado, a dialogar, a explicar, a desenhar em côres no quadro-negro, provocando entre as crianças o mais genuíno interesse. – “Uma aula diferente!” – comentei ao apertar a mão ao meu jovem discípulo. Desde aí Lourenço Filho começou a freqüentar-me a casa de solitário e a explorar com inteligência a minha minúscula biblioteca (ALMEIDA JÚNIOR, 1959, p. 31-32).

A dedicação de Lourenço Filho aos estudos é reconhecida pelo então mestre Almeida Júnior e a escola, segundo Miceli (2001), é a via para que profissionais de estratos sociais modestos ocupem “cargos a que não teriam acesso em uma conjuntura distinta de funcionamento desse mercado de trabalho especializado. Para o autor, Lourenço Filho se enquadra na categoria de intelectual: os educadores profissionais e o alcance se dá pela via escolar:

A trajetória profissional de Lourenço Filho é o exemplo cabal de um agente especializado que deve quase tudo à escola e que por isso mesmo tende a concentrar seus investimentos na aquisição de títulos escolares. O trabalho que desenvolve e a carreira à qual se devota resultam da coincidência entre a boa vontade cultural que permeia suas disposições e os interesses do poder público em contar com um corpo de especialista voltado para a gestão do sistema de ensino (MICELI, 2001, p. 224).

Após receber seu diploma de normalista, em 1915, volta à terra natal - Pôrto Ferreira -, que contava com o primeiro grupo escolar desde 1914, para exercer o magistério primário. Foi nomeado professor substituto efetivo. Nessa época também foram nomeados para o grupo escolar dois jovens professores, Sud Menucci e Thales de Andrade, com os quais manteve grande e duradoura amizade (LOURENÇO FILHO, 2001, p. 25).

No grupo escolar organiza e dirige semanário intitulado *O filhote* – um suplemento literário que contava com a colaboração dos professores acima citados. São desse período seus escritos mais antigos de natureza social e pedagógica e o início de atividade literária e jornalística. No período de 1915 a 1921 publicou numerosos artigos: na revista *Vida Moderna* e nos jornais *O commercio de São Paulo*, *Jornal do Commercio* (edição de São Paulo), em *A folha* (Porto Ferreira), no *Jornal de Piracicaba*, em *O Estado de S. Paulo* e outros (LOURENÇO FILHO, 2001, p. 26).



Figura 1 - Lourenço Filho – Conclusão da Escola Normal de Pirassununga/SP, 1914.
FONTE: Acervo Ruy Lourenço Filho.

Posteriormente, já na capital paulista, cursa os dois últimos anos da Escola Normal Secundária, ou Escola Normal da Praça da República, recebendo novo diploma de professor. Foi aí que conviveu com o professor Sampaio Dória e com ele estabeleceu a amizade que muito influenciou o jovem em sua formação pedagógica. Em 1916, no *Jornal do Comércio*, exerce a função de redator. Conhece Monteiro Lobato, que o convida para auxiliá-lo na *Revista do Brasil*. Em 1918, matricula-se no curso de Medicina, “na esperança de galgar os postos reservados em princípio aos portadores de diplomas mais legítimos e mais rentáveis que o seu de normalista” (MICELI, 2001, p. 225). Desiste no segundo ano. Em 1919, ingressa na Faculdade de Direito, curso que conclui anos mais tarde. No final desse ano, Sampaio Dória, recém-nomeado diretor-geral da instituição pelo governador Washington Luís, convida-o para cadeira de Pedagogia e Educação Cívica da Escola Normal Primária, anexa à Escola Normal da capital, em substituição a Roldão de Barros.

No decorrer da carreira, Lourenço Filho estabeleceu vínculo com os mais renomados intelectuais e atuou nas mais diversas instâncias de âmbito regional a federal. Atuou como professor em diversas escolas do País e também no exterior, como professor visitante. Aos 24 anos, recebeu a incumbência de reorganizar a instrução pública do estado do Ceará, a pedido do governador Justiniano Serpa, em uma época em que o fenômeno educacional aflorava com expressivas manifestações (NOGUEIRA, 2001). Na década de 1920 houve importantes reformas no sistema de ensino no Brasil. Foram realizadas nos estados de São Paulo, no

Distrito Federal, na Bahia, em Minas Gerais e Pernambuco, respectivamente por Sampaio Dória, Fernando Azevedo, Anísio Teixeira, Mario Casassanta e Carneiro Leão.

De acordo com Nogueira (2001), a reforma cearense tem certa continuidade com relação à reforma paulista, regida por Sampaio Dória, pois a Reforma da Instrução Pública no Ceará apresenta peculiaridades:

Primeiro, foi resultado quase exclusivo do trabalho de um só homem, Lourenço Filho, e responsável pela reforma: diferente do que ocorreu na reforma paulista, o Ceará não contava com um número razoável de pessoas qualificadas para efetivação do empreendimento. Segundo, o órgão destinado à administração escolar, a Inspeção da Instrução Pública, existente antes da chegada do reformador, era de nenhuma influência técnica nem política. Terceiro, o estado de descaso pela educação, a insegurança relativa às iniciativas dos poderes públicos estaduais e o contexto social do Estado do Ceará, associando-se a esses fatores o fanatismo evidencia a necessidade de orientação deveras especial (NOGUEIRA, 2001, p. 22-23).

A repercussão do êxito com a Reforma da Instrução Pública no Estado do Ceará foi amplamente positiva e foi uma das primeiras realizações da Escola Nova, reverberando na solidificação do nome Lourenço Filho no cenário educacional nacional.

Corroborando com essa consolidação, sua obra, que trata do fanatismo religioso no Nordeste, denominada *Juazeiro do Padre Cícero*, é premiada pela Academia Brasileira de Letras com o prêmio “Ensaio”. A partir de 1921, segundo Soares (2010) começa a colaborar com textos na *Revista Nacional* “que conferia aos assuntos educacionais um lugar de destaque” (SOARES, 2010, p. 160), editada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo e posteriormente em 1926 substituiu o recém-falecido professor Arnaldo de Oliveira Barreto²⁵ na coordenação da Biblioteca Infantil. Ainda em 1926, na Companhia Melhoramentos, organiza a Biblioteca de Educação, primeira do gênero no País a dedicar-se a uma coleção de textos de divulgação pedagógica. De acordo com Toledo (2005):

Essa Biblioteca pretendia intervir na conformação do campo educacional, introduzindo novos contornos à pedagogia e à prática pedagógica, visando, em última instância, instalar um projeto político-pedagógico de formação do professor e de inovação das práticas pedagógicas na escola (TOLEDO, 2005, p. 1).

²⁵ Arnaldo de Oliveira Barreto (1869 – 1925) foi educador e intelectual brasileiro e autor de livros didáticos, tais como Cartilha das mães (1896) e Cartilha Analytica (1909?) publicadas pela editora Francisco Alves/RJ. Foi redator-chefe da *Revista de Ensino*, órgão da Associação Beneficente do Professorado Público Paulista e que se tornou um dos veículos responsáveis pela propagação do método analítico para o ensino da leitura. No período de 1915 a 1925, organizou a Coleção Biblioteca Infantil, da Companhia Melhoramentos/SP, tendo recriado 28 contos para essa coleção; em 1924, organizou o catálogo dessa coleção. Segundo Bernardes (2007, p. 3) Ao longo de sua atuação profissional, Barreto destacou-se pelo conjunto de importantes atividades que realizou, especialmente por sua produção escrita em que se destacam as relativas ao ensino da leitura: cartilhas e livros de leitura; artigos para revistas; textos pedagógicos traduzidos; e contos infantis recriados (SOARES, 2007; BERNARDES, 2007).

A Coleção Biblioteca da Educação foi um empreendimento cultural de longa duração – de 1927 a 1970 -, com lançamento de 37 títulos e diversas reedições de autores brasileiros e traduções de obras estrangeiras. Para Carvalho e Toledo (2007), uma coleção de livros é sempre uma estratégia editorial a serviço de um projeto de renovação educacional. Com o intuito de promover a mudança de mentalidade do professorado, fornecendo um repertório de saberes autorizados, a Biblioteca da Educação dava ao livro *status* de instrumento de transformação cultural:

Nesse embate, o livro torna-se arma de propaganda fundamental na transformação da cultura nacional, seja pela instrumentalização da reforma da escola, seja pela propaganda dos *verdadeiros valores nacionais* contidos na literatura nos manuais de cidadania e nas coleções de vulgarização da literatura nacional. As editoras, conseqüentemente, ganham um lugar de agências de desenvolvimento da cultura nacional, pela sua função de produção desse importante instrumento de transformação cultural: o livro (CARVALHO; TOLEDO, 2007, p. 97).

Em 1927, funda o Liceu Nacional Rio Branco, em São Paulo, com um grupo de intelectuais - Antonio Sampaio Dória, Antonio de Almeida Júnior, Saverio Cristófaru e outros -, e dirige a Escola Primária Experimental. No ano de 1928, publica *Cartilha do povo - Para ensinar a ler rapidamente*, editada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo. É a primeira de uma série de livros didáticos, dedicada -se ao ensino da leitura e da escrita a crianças e adultos (BERTOLETTI, 2006). Gradua-se bacharel em Direito em 1929 e, no mesmo ano, é eleito membro da Academia Paulista de Letras, cadeira número 32. No ano seguinte, como parte da Biblioteca da Educação, publica *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, obra que se destaca como uma das principais sobre o tema veiculadas no país:

A obra é fundamental na estratégia de divulgação das novas bases educacionais assentadas em um conjunto de conhecimentos então recentes, provenientes da biologia, da psicologia e da sociologia. Estes fundamentos, que dão origem a princípios gerais da Escola Nova, tais como: atividade, interesse e motivação, são explicitados por Lourenço Filho no livro com intuito de que deles recorram novas práticas (FIGUEIRA, 2010, p. 41).

Em 1932, é signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, movimento que via a educação como elemento central para remodelar o País. Gestado na IV Conferência Nacional de Educação, o documento previa a universalização da escola pública, laica e gratuita. Ainda nesse ano, Lourenço Filho é convidado a integrar os quadros de especialistas no recém-criado Ministério da Educação e Saúde, chegando, assim, a atuar em instância de âmbito federal, o que amplia sua rede de sociabilidade.

Sua atuação na área da educação brasileira ainda perpassa pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), onde foi organizador e diretor de 1938 a 1946, pela fundação da *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* – RBEP, onde trabalhou no período de 1944 a 1952, enfim, pela autoria e publicação de grande número de artigos e livros vinculados à psicologia, à pedagogia, à gestão educacional, à literatura infantil e a obras didáticas, além de traduzir obras clássicas de autores como Émile Durkheim, Edouard Claparède, Henri Pierón, Alfred Binet e Th. Simon, Léon Walther e Gilbert Higert. Pela solidez de sua carreira, pode-se inferir que se tratava de uma das maiores autoridades sobre educação no País, com atuação em diversas instâncias.

De acordo com os filhos (1959), no livro jubilar da ABE, é a partir de 1951 que Lourenço Filho se encontra em plena atividade literária, pois no ano anterior havia ele deixado a administração do ensino, passando a dedicar-se exclusivamente à cátedra de Psicologia Educacional na Faculdade Nacional de Filosofia, a suas leituras, pesquisas e escritos (LOURENÇO FILHO, 1959, p. 198). Julgava o autor que sua produção até então não passava de “subprodutos”:

Juazeiro Padre Cícero eram artigos de jornal; *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, notas de um curso de divulgação proferido em São Paulo, na Sociedade de Educação; *Testes ABC*, simples relatório de pesquisa; *Tendências da Educação Brasileira*, conferências feitas para atender à solicitação de diversas entidades de ensino e de cultura (LOURENÇO FILHO, 1959, p. 198).

Nesse ínterim, dedica-se aos escritos de *A Pedagogia de Rui Barbosa*. “Nele se reúnem estudos redigidos em ocasiões diversas, muito embora tenham perfeita unidade” (LOURENÇO FILHO, 1959, p. 198). A pedido do professor americano Otto Klineberg, compõe o estudo *Psicologia Educacional*, como capítulo de livro e atende com mais regularidade às solicitações para colaborar em obras e publicações de periódicos estrangeiros.

Organiza a série *Viagem através do Brasil*, editada pelas Edições Melhoramentos, com 10 volumes. Tais livros têm como principal escritor Ariosto Espinheira, porém, o volume 9, intitulado *São Paulo*, é escrito por Lourenço Filho, que expõe na contracapa o intuito da *Série*.

Autêntico desfile das grandezas de nossa terra através de seus costumes, encantos naturais, formação histórica, acidentes geográficos característicos, etc. Volumes caprichosamente ilustrados, constituindo a coleção um precioso documentário. Leia a série completa na seguinte ordem: Vol. 1 – Amazonas e Pará; Vol. 2 – Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas; Vol. 3 – Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Estado do Rio; Vol. 4 – Minas Gerais; Vol. 5 – Rio Grande do Sul; Vol. 6 – Santa Catarina; Vol. 7 – Paraná; Vol. 8 – Distrito Federal;

Vol. 9 – São Paulo e Vol. 10 – Goiás e Mato Grosso (LOURENÇO FILHO, 1956, p. 210).

A partir de 1952, segundo seus filhos no livro jubilar da ABE, entra em cena o autor de livros didáticos²⁶, com “orientação nova”, dedicados ao ensino da leitura e escrita, concomitante aos escritos acima mencionados. O desejo era antigo; porém, segundo Ruy e Márcio Lourenço Filho, (1959, 199), adiado por falta de tempo e por entender o autor que, ocupando cargos de administração escolar, não deveria publicar livros didáticos. Tanto que a *Cartilha do Povo – Para ensinar a ler rapidamente* (1928) é publicada sem a menção do nome do autor até a 115ª edição (BERTOLETTI, 2006, p. 24). Só por exigência da legislação sobre o livro didático é que passou a mencioná-lo.

Os autores (1959) ponderam ainda que a ideia do pai era organizar uma série de textos de leitura, com orientação nova. Para Lourenço Filho, a leitura seria “a fonte dos conhecimentos, os motivos de reflexão ou de entretenimento sadio...” São estes os predicados que ele intenta transmitir nos livros da *Série*. Ademais, é necessário dizer que, para além de a leitura estar vinculada à escola, sua importância se dá fora dela, conforme o autor recomenda:

Não é só na escola, porém, que a leitura importa. É na vida real, nos problemas de cada dia, senão de cada hora; é nas atividades de cada profissão no cumprimento de nossos deveres como elementos da vida social, e nos que tenhamos de assumir para conosco mesmo, como pessoas livres e conscientes. Pelas sugestões da leitura, tão variadas e contraditórias, mais que em outras épocas, recebemos mil influências, boas e más, que devemos saber avaliar, relacionar e selecionar (LOURENÇO FILHO, 1954, p. 3).

Observa-se que a ideia inicial de organizar livros de leitura se confirma. Ele não era o único autor da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, mas utilizava variados trechos de obras de outros autores e autoras, uma espécie de compilação de saberes, prática já efetivada nos livros de leitura anterior à *Série*. Nesse período, Lourenço Filho, que já tinha consolidada sua carreira na trajetória intelectual, teve acesso a diferentes instâncias educacionais, políticas e jornalísticas. Andou em meio a educadores, homens de letras, jornalistas, etc., de quem foi parceiro e com eles compôs uma rede de sociabilidade.

Elias (1994) fornece elementos e informações para que se possam entender as relações entre a proposta de Lourenço Filho e a escolha dos autores e temas que dão um perfil próprio à *Série*. O autor atribui um papel central às redes de dependências recíprocas, fazendo com

²⁶ Os livros didáticos elaborados por Lourenço Filho são produzidos a partir de 1928 e dividem-se em cartilhas, livros de leitura escolar, livros de matemática e aritmética e livros do professor e do aluno (MONARCHA; LOURENÇO FILHO, 2001).

que cada ação individual dependa de toda uma série de outras, que modificam, por seu turno, a própria figura do jogo social. Como assegura Veiga (2008):

A principal hipótese, elaborada com maior proficuidade na obra *O processo civilizador*, escrita em Londres, era de que a sociedade de corte se constituiu enquanto uma forma social específica produzida com base nas relações entre os indivíduos e/ou grupos sociais, relações que se realizam a partir de dependências recíprocas, produtores de comportamentos e códigos sociais. Dessa maneira, interessa a Elias compreender as posições dos sujeitos nas redes de dependências e interdependências humanas (VEIGA, 2008, p. 147)

Lourenço Filho, através de seus escritos, sempre teve seu nome ligado ao cenário educacional. Sua própria trajetória anuncia isso. O autor estabelece diálogo com intelectuais brasileiros e estrangeiros. Isto explica e permite seu desempenho em livros, revistas e periódicos com circulação significativa para além do Rio de Janeiro, por conta de traduções de seus livros para diversas línguas, ampliando assim sua rede de sociabilidade.

Podemos aquilatar a tessitura dessa rede, por exemplo, na orelha de seu livro *Introdução ao Estudo da Escola Nova* (1978), na qual se destacam as opiniões de autores e profissionais renomados na área da educação mundial, seus nomes e as instituições que representam: “Esta Introdução é um dos melhores livros que, seja em que língua for, já se escreveram sobre Escola Nova” (FAUCONNET. P., professor da Sorbonne); “Livro de mestre. Não há obra, que o substitua na literatura pedagógica. Lede-o, se quiserdes ter uma visão, larga e profunda, da nova escola” (AZEVEDO, F., da Universidade de São Paulo); “O principal nome no Brasil, em estudos educacionais, é o de M. B. Lourenço Filho, autor do livro *Introdução ao estudo da escola nova*”. (J. B. BEEBE-CENTER, da Harvard University); ou “Graças aos escritos de Ferrière, Claperède e Lourenço Filho, o conceito de escola nova adquiriu significação própria e precisa” (AGUAYO, A. M., da Universidade de Havana apud LOURENÇO FILHO, 1978). Estas são algumas das 13 opiniões sobre a obra, que merecem lugar de destaque na orelha do livro e dão ideia da solidez do nome do autor no cenário nacional e internacional, tornando inquestionável sua presença na área da educação e comprovando a tessitura da rede por ele formada.

1.2 ASPECTOS DA PRODUÇÃO DIDÁTICA E LITERATURA INFANTIL

[...] das 171 obras originais de autores brasileiros, cerca de metade são de medíocre qualidade, quer pela

concepção e estrutura, quer também pela linguagem. Não mais de metade desses livros merecia figurar em bibliotecas infantis [...] (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 12).

As palavras acima constam no texto *Como aperfeiçoar a literatura infantil*, publicado no *Boletim Informativo* da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Demonstram a preocupação e, pode-se até mesmo supor, o envolvimento de Lourenço Filho com a literatura infantil. O estreitamento com essa área se consubstancia por ocasião do convite da então editora Weiszflog Irmãos, em 1926, para dirigir a Biblioteca Infantil, em substituição ao professor Arnaldo Oliveira Barreto. Essa biblioteca publicava livros para leituras suplementares e auxiliares que se tornaram comuns na primeira década do século XX, obras de valor mais estético e menos didático, indicadas para o treino das crianças que já sabiam ler, estreitando os laços da literatura infantil com a escola (RAZZINI, 2005, p. 110).

De acordo com Soares, para além da direção da Biblioteca Infantil, Lourenço Filho “acumulou outras função junto à editora, entre as quais a de consultor sobre obras, especialmente infantis, que a empresa estudava publicar” (SOARES, 2007, p. 344). Os pareceres produzidos por Lourenço Filho e analisados por Soares (2007) revelam os critérios de produção de literatura infantil da Editora Melhoramentos, bem como as escolhas do autor:

Os critérios que adotava para seleção, edição ou revisão de obras para crianças diziam respeito a múltiplos aspectos do trabalho do editor, envolvendo questões da esfera educacional à literária, da esfera comercial à política, da esfera do público leitor à dos mediadores, da esfera do conteúdo à da forma (SOARES, 2007, p. 361).

Sua preocupação com a literatura destinada às crianças também era percebida na década de 40, especificamente em seu discurso sobre um balanço dos livros de literatura infantil para membros da Academia Brasileira de Letras, em 1943 (“nada menos de 605 trabalhos, dos mais diversos gêneros e tipos”). Ademais denunciava a qualidade dos livros: “[...] dessas, 434 representam traduções, adaptações e mesmo grosseiras imitações”; e “[...] das 171 obras originais de autores brasileiros, cerca de metade são de medíocre qualidade, quer pela concepção e estrutura, quer também pela linguagem. Não mais de metade desses livros merecia figurar em bibliotecas infantis, se devidamente apurados quanto à forma e ao fundo” (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 12).²⁷

Nesse ínterim, Lourenço Filho viabiliza o seu projeto para livros infantis. O primeiro são livros de literatura – denominados *Histórias do tio Damião*, coletânea formada por 12

²⁷ LOURENÇO FILHO. *Como aperfeiçoar a literatura infantil*. *Boletim informativo*, Rio de Janeiro, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, 1943, p. 12.

livros publicados entre 1942 e 1958, a saber: *Totó* (1942), *Baianinha* (1942), *Papagaio Real* (1943), *Tão Pequenino* (1943), *Saci Pererê* (1944), *O indiozinho* (1944), *A irmã do Indiozinho* (1946), *Gaúchita* (1946), *A Formiguinha* (1946), *No circo* (1946), *Maria do Céu* (1951), *E eu também...* (1951). Essa produção respeita cuidados referentes a aspectos gráficos, editoriais e linguísticos, como afirma Bertoletti (2007):

Para isso, o escritor tornou-se *autor* de um projeto de livros originais, no sentido de adequar esses livros ao mercado de livros de literatura infantil, de propiciar sua circulação em uma Série e de adequá-los à faixa etária do leitor, com relação aos interesses da criança, à linguagem utilizada e à forma de apresentação gráfica (BERTOLETTI, 2007, p.6).

Segundo Bertoletti (2007), ao produzir os livros de literatura infantil, Lourenço Filho concilia o desejo do escritor de difusão, o do editor de vender livros em larga escala e que ao mesmo tempo busca tematizar o cotidiano da criança (como seu leitor) dentro de um projeto de educação, enfatizando a formação propiciada por seus livros (BERTOLETTI, 2007). Verificam-se os cuidados relativos aos aspectos gráficos apontados pela autora na Série Tio Damião, através das capas de três edições, expostas na figura 2.



Figura 2 - Capas de Maria do Céu, Papagaio real e A formiguinha
FONTE: Acervo Marlene Neves Fernandes.

A autora, “em seu estudo com o objetivo de compreender as concretizações e tematizações em relação à literatura infantil” (BERTOLETTI, 2007), pondera ainda que a Série Histórias do Tio Damião foi produzida e publicada sob os auspícios de uma editora que à época empreendeu pioneiramente a difusão e nacionalização de cartilhas, livros de leitura, de literatura infantil e de teorias educacionais, a Companhia Melhoramentos de São Paulo, da qual Lourenço Filho fazia parte como escritor, organizador de projetos editoriais, tradutor de livros e consultor. Todas essas designações facilitavam a interlocução junto à editora, na qual publicou também livros didáticos desde 1928 (Tabela 1).

Tabela 1 – Livros didáticos editados pela Melhoramentos

LIVROS DIDÁTICOS	ANO
<i>Cartilha do povo – para ensinar a ler rapidamente</i>	1928
<i>Testes ABC: caixa com 100 fórmulas individuais</i>	1930
<i>Aprenda por si!</i> exercícios de Aritmética. Série A: preliminar	1941
<i>Aprenda por si!</i> exercícios de Aritmética. Série B: Exercícios e problemas com números inteiros	1942
<i>Pedrinho</i>	1953
<i>Guia do mestre</i> . para o ensino da leitura, v. 1	1953
<i>Pedrinho e seus amigos</i>	1954
<i>Guia do mestre: para o ensino da leitura</i> , v. 2	1954
<i>Aventuras de Pedrinho</i>	1955
<i>Guia do mestre: livro 3 Aventuras de Pedrinho</i>	1955
<i>Leituras de Pedrinho e Maria Clara</i>	1956
<i>Guia do mestre: para a cartilha Upa, cavalinho!</i>	1956
<i>Upa, cavalinho!</i>	1957
<i>Testes ABC: material completo</i>	1957
<i>Nova tabuada e noções de aritmética</i>	1958

FONTE: Adaptado de Monarcha; Lourenço Filho, 2001.

Posteriormente, com essas interlocuções, além da consolidação da carreira e credibilidade no assunto, Lourenço Filho dá prosseguimento ao projeto para livros infantis. Dessa vez investe em livros didáticos – *Série de Leitura Graduada Pedrinho* -, publicada de 1953 até o ano de sua morte, em 1970.

Neste momento, a infra-estrutura da Melhoramentos contava com um dos melhores níveis no que diz respeito a literatura para crianças²⁸ (MICHELE, 2001; HALLEWELL, 2005; SOARES, 2007, BERTOLETTI, 2006), pois os escritores, aos poucos, se profissionalizavam

²⁸ De acordo com Miceli (2001), em pesquisa junto ao Anuário Brasileiro de Literatura, a Editora Melhoramentos fazia parte das seis maiores editoras brasileiras entre 1938 e 1943. Sua publicação no gênero infantil era de 38% e o segundo maior índice de publicação de livros é do gênero didático, totalizando 28% (MICELI, 2001, p. 153). Ainda segundo Hallwell: “Quer em termos de sua atual produção editorial, quer de seu catálogo geral, a Melhoramentos tem estado, desde muitos anos, entre as três maiores” (HALLEWELL, 2005, p. 333).

nesse campo. Dessa maneira, a profissionalização de editoras, editores e autores, aliada à especialização na área de livros voltados ao público infantil, marca o período que ocupa as décadas de 1940 a 1960. Hallewell pondera que, “graças a Kubitschek, a indústria gráfica cresceria 143,3% entre 1950 e 1960, a quinta maior taxa de crescimento entre as indústrias do país” (2005, p. 533), o que ratifica a consolidação do parque gráfico da Editora Melhoramentos. De acordo com Bertolletti:

Uma das editoras que empreenderam pioneiramente a difusão e a nacionalização das cartilhas, livros de leitura, de literatura e de teorias educacionais foi a Companhia Melhoramentos de São Paulo, uma vez que essa Editora investia “fundo” na nacionalização de livros didáticos, editando e comercializando obras dos principais expoentes do novo pensamento pedagógico, e priorizando, dessa maneira, os livros para crianças, tanto didáticos quanto recreativos e teóricos sobre a educação infantil (BERTOLETTI, 2006, p.49).

Esse período, segundo Lajolo e Zilberman, “baliza, portanto, a etapa subsequente do processo de industrialização que acompanha, em paralelo, a história dos livros para a infância no Brasil” (2004, p. 86), gerando uma etapa de intensa produção e fabricação em série, que respondia às exigências crescentes do mercado consumidor em expansão. Importante reafirmar que o sucesso da *Série* se deve a uma conjunção de fatores. O processo de industrialização seria uma das justificativas para o êxito da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, que, no período de 1953 a 1970, teve a tiragem de mais de seis milhões de exemplares, a contar somente os quatro livros de leitura da *Série* e a Cartilha, excetuando os Guias Mestre. A saber, somente a cartilha Upa, Cavalinho! em 1957, foi lançada com a tiragem de 1 milhão de exemplares. Hoje o sustentáculo editorial da Melhoramentos são a literatura infanto-juvenil e os livros didáticos, os quais, segundo Hallewell (2005, p. 335), “respondem por aproximadamente dois terços da produção total em títulos”. Seu parque gráfico é utilizado por muitas outras editoras.

Dentre os livros didáticos por ela editados e de autoria de Lourenço Filho foi eleita como *corpus* para o presente trabalho a *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, pelos motivos já arrolados. O que chamou a atenção na *Série* ainda na construção do projeto é que Lourenço Filho, na realidade, organiza a *Série*, pois se utiliza de trechos já escritos por outros autores de variados períodos históricos para compor suas lições, estabelecendo, assim, o que convencionei chamar de um “diálogo” com outros autores. O gráfico abaixo pretende ilustrar o percentual da inclusão de trechos de obras de outros autores nos quatro volumes da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*. O gráfico revela a participação gradual de outros autores, justamente o tema que trabalhamos na pesquisa.

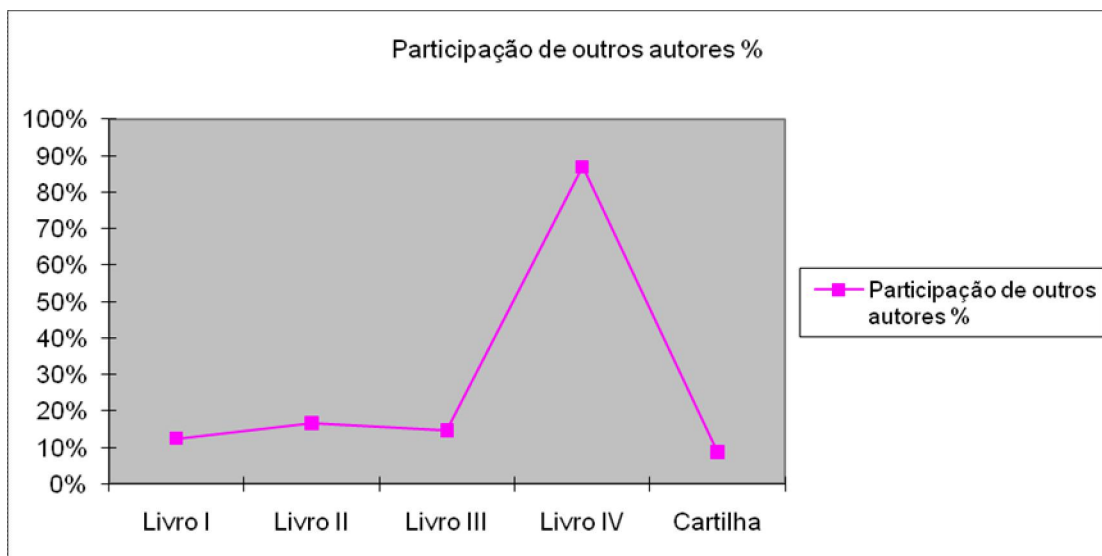


Figura 3 - Gráfico com percentual de outros autores na *Série*.
 FONTE: Adaptado de Monarcha; Lourenço Filho, R, 2001.

O gráfico apresenta 12,5% de participação de outros autores no primeiro livro – *Pedrinho* - e atinge um número excepcional de participação no quarto livro – *Leituras de Pedrinho e Maria Clara* -, volume no qual a presença/diálogo com outros autores representa 87% dos textos, o que sugere um aumento de sua participação na iniciação literária dos leitores.

O sistema de organização adotado por Lourenço Filho na *Série*, de gradativa cooperação de textos de outros autores, segue uma tendência encontrada em livros de leitura de décadas anteriores, como por exemplo, o livro *Leitura IV* (1945), organizado por Erasmo Braga²⁹. O *Índice* do livro de leitura organizado por Erasmo Braga apresenta 71 textos, dos quais 49 são de autores diversos ou adaptações (Padre Antônio Vieira, Castro Alves, Coelho Neto, Olavo Bilac, Guerra Junqueiro, Gonçalves Dias, Vicente de Carvalho, Machado de Assis, Casimiro de Abreu, Rui Barbosa, Viriato Correia, entre outros). Das lições, 69% são de autoria alheia. O próprio Lourenço Filho, que revisa a obra, anuncia no prefácio da 68ª edição:

²⁹ Erasmo de Carvalho Braga (1877 – 1932) foi educador e intelectual brasileiro. A partir de 1909 começa a publicação da *Série Braga*, obra que lhe traz popularidade, um conjunto de livro de leitura para a escola primária. A *Série Braga* foi publicada por quarenta anos e alcançou mais de cem edições sendo adotada em muitos estados brasileiros (HIRSCHOWICZ, 1949, p.96).

A revisão dos livros anteriores admitiu a simplificação do vocabulário, senão, por vezes, a alteração da construção de períodos e frases. Já no presente volume que, sem ser propriamente uma antologia, **recorre a excertos de nossos grandes escritores**; os trechos teriam de ser respeitados em toda a sua integridade, tivessem sido escolhidos pela feição ou beleza do estilo, intenção humana que nêles transpareça, ou ainda pela profunda significação cívica de que se achem iluminados [...] (LOURENÇO FILHO, 1945, p. 3-4).

Para além dos textos de outros autores, o *Livro IV* de Erasmo Braga traz em cada lição a sùmula biobibliográfica do autor, com o intento, segundo Lourenço Filho, de que:

[...] **desperte o gôsto para o conhecimento de obras de nossos grandes escritores** e <<motive>> a organização de uma biblioteca de classe, ou da escola, se esta ainda não a possuir. Faça viver, por essa forma, a intenção profundamente educativa do livro, em <<projetos>>, nos quais todos os alunos possam tomar parte (LOURENÇO FILHO, 1945, p. 5, grifo nosso).

Esta prática de inserção de textos de outros autores é recorrente nos livros de leitura, como, por exemplo, nos livros da Série Fontes, utilizada no estado de Santa Catarina entre as décadas de 1920 e 1950, embora os objetivos dos textos apresentem diferenças no conteúdo por se tratar de um período histórico diverso. Segundo o “Quadro Comparativo da Série Fontes”, elaborado por Prochnow (2009, p. 77), é possível observar que Henrique Fontes, o autor e organizador da Série, se vale de trechos de obras de variados autores (Dr. Carlos Porto Carreiro, Zalina Rolin de Toledo, Hilário Ribeiro, Afonso Lopes de Almeida, Olavo Bilac, Rui Barbosa, entre outros).

Colabora com essa prática o autor Antônio Firmino de Proença, ao redigir o 3º e o 4º livro de leitura da Série Graduada de Leitura a partir da década de 1920. Segundo Maciel e Campelo (2010), ao propor lições constituídas de narrativas, fábulas e contos populares, o autor lança mão de textos de autores conhecidos no meio educacional, como, por exemplo: Júlia Lopes de Almeida, Adelina A. Lopes Vieira, Gonçalves Dias, Brant Horta, Abílio Barreto, Alexina Magalhães, José Oiticica, Afonso Celso, Artur Azevedo e Júlio Nogueira no *3º Livro de Leitura* e Hermes Fontes, João do Norte, Ricardo Gonçalves, José Bonifácio, M. Metelinck, Afonso Arinos, Coelho Netto, Zalina Rolim, Joaquim Serra, Euclides da Cunha, Emílio de Menezes, Olegário Mariano e Olavo Bilac, no *4º Livro de Leitura*. Lourenço Filho utiliza-se dessa prática ao organizar a *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, porém, segundo o autor, a diferença está em organizar “uma série de textos de leitura com orientação nova” (LOURENÇO FILHO, 1959, p. 199).

Reportando-nos novamente ao gráfico, pode-se perceber que, no primeiro livro, *Pedrinho*, de um total de 64 lições, oito são escritas por outros autores; no segundo livro *Pedrinho e seus amigos*, dez de 60 lições são escritas por outros autores, totalizando assim o

percentual de 16,6%; no terceiro livro, *Aventuras de Pedrinho*, o número de lições cresce para 82, porém, o número de participações permanece baixo, com 12 participações de outros autores, totalizando um percentual de 14,63%. Enfim, o quarto livro *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*, tem 77 lições. Delas participam outros 67 autores, revelando um número extraordinário de participações: 87%.

Pelo exposto, pode-se dizer que teríamos uma compilação de textos de outros autores, especialmente no quarto livro da Série, em que Lourenço Filho passaria de autor principal a compilador de textos, evidenciando assim os “diálogos” com outros autores, anunciado no título, que vimos anunciando como um dos objetivos do presente trabalho.

Os livros da *Série* traziam esses desdobramentos por vezes bem esmiuçados, como, por exemplo, no primeiro livro *Pedrinho*, no qual “as ilustrações mostram os três irmãos [...] relacionados à infância, às brincadeiras, aos brinquedos, à escola, à família, à casa, à cidade, aos animais, à natureza, à história do Brasil, aos meios de comunicação [...]” (CUNHA; FERNANDES, 2008, p.129); as lições escritas também se mostram de maneira gradativa, do mais particular para o geral:

Há uma seqüência cumulativa nas histórias, começa com a apresentação do personagem principal: Pedrinho, posteriormente os irmãos: Maria Clara e Zezinho, a família, a casa, o jardim e o quintal da casa, a rua, as profissões, etc., até chegar à última história, que se refere ao país representado pela bandeira e pelo mapa (CUNHA; FERNANDES, 2008, p. 130).

Em sua obra *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, Lourenço Filho (1978) traz os ensinamentos também de forma gradativa, antecipando, ao que parece, os escritos de seus livros de leitura que tinham o escopo e o mérito de “estimular o desejo de ler, e de ler com compreensão, de forma produtiva. É a primeira série de leitura escolar a cuidar dos problemas das relações humanas no lar, na escola, na vida social” (LOURENÇO FILHO, 1961, p. 130). É o que se verifica na obra *Introdução ao Estudo da Escola Nova* (1978), especificamente no item “c)” do subtítulo “5. Organização de Séries de projetos”:

c) Atividades que conduzem a experiência social: 1. A casa; membros da família; relações de uns com os outros; suas ocupações. Higiene e conforto da casa; limpeza, arejamento, iluminação, etc. Necessidades da família: estuário, alimentação, educação. 2. A comunidade: O trabalho profissional; os serviços públicos; as leis; os transportes; os estabelecimentos, de beneficência; as diversões. 3) A cidade: seus habitantes; sua vida; os animais de trabalho, sua utilidade; comparação entre a vida rural e a vida da cidade; relações do agricultor com as populações urbanas, como vende, compra, etc. 4. A escola; seu trabalho, seus fins, seus interesses, etc. (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 210).

Percebem-se as semelhanças entre a orientação da obra *Introdução ao Estudo da Escola Nova* e seus livros de leitura da *Série*, publicados anos depois. Um e outros conduzem, de maneira gradativa, à experiência social.

Procurou-se, nos dois primeiros itens, traçar a trajetória do autor, sua trajetória didática, já que sua produção de livros didáticos, voltados à literatura infantil, antecede os livros de leitura da *Série Pedrinho*.

O próximo item tratará especificamente dos referidos livros de leitura, enfatizando as tiragens, as edições e aspectos sobre a materialidade da *Série*.

1.3 SÉRIE DE LEITURA GRADUADA PEDRINHO: TIRAGENS E EDIÇÕES

No presente item, o recorte analítico no que se refere a tiragens e edições será apenas com os livros de leitura da *Série Pedrinho*, excetuando-se os respectivos Guias Mestres, apesar de fazerem parte da *Série*. Entende-se que tais documentos se enquadrariam numa categoria distinta de análise, questões pedagógicas que demandariam outros olhares³⁰. Assim, haverá uma descrição pormenorizada dos livros de leitura da *Série*, os dados referentes às tiragens e edições serão esmiuçados e mostrados em gráficos.

Segundo o anúncio das Edições Melhoramentos, a *Série de Leitura Graduada Pedrinho* é composta de quatro títulos: quatro livros de leitura graduada e uma cartilha. A publicação se inicia com *Pedrinho*, primeiro livro, com a primeira edição em janeiro de 1953. Na sequência, em janeiro de 1954, é publicado o segundo livro da *Série*, intitulado *Pedrinho e seus amigos*. O terceiro livro recebe o título de *Aventuras de Pedrinho*, que tem sua primeira edição em janeiro de 1955. A seguir, o quarto livro da *Série* é editado em março de 1956 e é intitulado *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*. A cartilha *Upa, cavalinho!* é editada pela primeira vez em janeiro de 1957 e encerra a *Série*. De acordo com Bertoletti, o fato de a cartilha encerrar e não iniciar a *Série* se deve ao fato de a *Cartilha do povo* (1928)³¹ continuar atual e intensamente utilizada à época do lançamento de *Upa, cavalinho!* Para a autora, pode ter ocorrido uma “certa hesitação por parte de Lourenço Filho em escrever uma nova cartilha” (BERTOLETTI, 2006, 73).

³⁰ Sobre os Guias do Mestre da Série de Leitura Graduada Pedrinho ver FIGUEIRA (2010).

³¹ *Cartilha do Povo*, para ensinar a ler rapidamente, constou no catálogo da Melhoramentos até 1995 (MORTATTI, 2000, p.159).

Além de ter ultrapassado a marca de mais de 6 milhões de livros editados, como constataremos adiante, tanto os livros de leitura quanto a cartilha da *Série Pedrinho* tiveram edições consecutivas até o ano de 1970³². O êxito editorial da *Série* se dá por essa permanência, aparentemente curta, de 17 anos de reedições para o primeiro livro e de 12 anos para a cartilha, se comparado ao de outros livros que fazem parte de Séries Graduada de Leitura³³. Para além da curta permanência editorial, o êxito da *Série* se dá pela credibilidade do autor no campo educacional e à sua atuação em diversas instâncias, inclusive na Editora Melhoramentos.

Por se tratar de uma investigação de fundo histórico, inúmeras são as dificuldades de localização e recuperação dos livros de leitura e da cartilha da *Série* em suas diferentes edições. Assim, os exemplares analisados³⁴ são: *Pedrinho*, 1º livro da 11ª edição; *Pedrinho e seus amigos*, 2º livro da 6ª edição; *Aventuras de Pedrinho*, 3º livro da 8ª edição; *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*, 4º livro da 9ª edição e cartilha *Upa, cavalinho!* da 10ª edição. Para realização desta análise, optou-se pela descrição preliminar dos livros da *Série*, pelo número da edição e pela tiragem, sem omitir apresentação da estrutura e características gráficas.

Conforme tabela 2, o livro que inicia a *Série Graduada de Leitura Pedrinho* é intitulado *Pedrinho*, assim, no diminutivo. Teve sua primeira edição no ano de 1953, a que se seguiram outras até 1970 sem interrupção, ressaltando que no ano de lançamento e em 1960 foram edições duplas, nos meses janeiro e outubro. O ápice das publicações foi em 1956, na 5ª edição, tendo alcançado a tiragem de 1.000.000 de livros impressos. A menor tiragem é de 15 mil exemplares, no ano de 1970, ou seja, na última edição. *Pedrinho* apresentou 18 edições, totalizando 2.123.000 livros impressos. É o volume da *Série* com maior número de livros impressos e com mais edições publicadas. Dentre os fatos que talvez possam explicar essa vultosa quantidade é o inchaço das classes de primeiro ano, ocasionado pelas taxas gerais de reprovação e desistências dos demais anos escolares, como observa Lourenço Filho no prefácio de *O que dizem os números sobre o ensino primário*, de Teixeira de Freitas: “Apenas

³² O ano de 1970 marca o fim da publicação da *Série Pedrinho* e também a morte de Lourenço Filho. Os anos em que a *Série* é editada (1953–1970) perpassam diversos governos, desde o segundo governo Vargas (1951-1955) até o governo de Médici (1969-1974), já no regime militar. Não é intuito desse trabalho, porém, aprofundar o contexto político da época, pois a *Série* tem circulação intensa até 1960, como veremos adiante, através dos gráficos.

³³ De acordo com Frade, o livro *Leitura do Principiante*, da Série Graduada de Leitura de Antônio Firmino de Proença, circulou durante 30 anos, de 1926 a 1956, com mais de 50 edições (FRADE, 2010, p. 147). Já a *Cartilha do Povo*, de Lourenço Filho, circulou por mais de 60 anos (MORTATTI, 2000, p. 159).

³⁴ As edições aqui analisadas fazem parte do acervo dos Projetos de Pesquisa coordenados pela professora doutora Maria Teresa Santos Cunha, por conta da facilidade de acesso no Catálogo Digital.

35% dos alunos frequentes logram aprovação do 1º para o 2º ano; menos de 50% do 2º para o 3º, ou do 3º para o 4º [...]” (LOURENÇO FILHO, 1937, p. 7).

Tabela 2 - Tiragem e edição de *Pedrinho*, primeiro volume

Data	Edição	Tiragem
Janeiro/1953	1ª	30.000
Outubro/1953	2ª	50.00
Julho/1954	3ª	38.000
Fevereiro/1955	4ª	100.000
Fevereiro/1956	5ª	1.000.000
Fevereiro/1957	6ª	100.000
Janeiro/1958	7ª	120.000
Janeiro/1959	8ª	120.000
Janeiro/1960	9ª	50.000
Outubro/1960	10ª	80.000
Junho/1961	11ª	100.00
Fevereiro/1962	12ª	120.000
Março/1964	13ª	85.000
Setembro/1966	14ª	30.000
Julho/1967	15ª	30.000
Setembro/1968	16ª	30.000
Fevereiro/1969	17ª	25.000
Fevereiro/1970	18ª	15.000
Total		2.123.000

FONTE: Adaptado de Monarcha; Lourenço Filho, 2001.

Conforme se pode observar na tabela 3, o segundo volume *Pedrinho e seus amigos* teve sua primeira edição no ano de 1954 e essas edições também seguiram até 1970, sem interrupções, lembrando que no primeiro ano e em 1961 foram edições duplas: em 1954, nos meses janeiro e julho e em 1961, nos meses fevereiro e julho. Foram 17 edições, num total de 1.053.000 livros publicados. A tiragem com maior número de livros é a de 1958, 6ª edição, com o total de 120.000 livros. A menor tiragem se deu em 1970, 17ª edição, com 13.000 livros. Como se pode notar na tabela 2, a 16ª edição parece ter sido obliterada, pois não consta no catálogo da Editora.

Tabela 3 - Tiragem e edição de *Pedrinho e seus amigos*, segundo volume

Data	Edição	Tiragem
Janeiro/1954	1ª	50.000
Julho/1954	2ª	50.000
Março/1955	3ª	100.000
Dezembro/1956	4ª	100.000
Novembro/1957	5ª	100.000
Julho/1958	6ª	120.000
Dezembro/1959	7ª	100.000

Continua

conclusão

Fevereiro/1961	8 ^a	50.000
Julho/1961	9 ^a	70.000
Março/1962	10 ^a	100.000
Setembro/1963	11 ^a	80.000
Março/1965	12 ^a	30.000
Julho/1966	13 ^a	20.000
Fevereiro/1967	14 ^a	30.000
Dezembro/1967	15 ^a	40.000
Fevereiro/1970	17 ^a	13.000
Total		1.053.000

FONTE: Adaptado de Monarcha; Lourenço Filho, 2001.

Na tabela 4, o terceiro livro da *Série*, intitulado *Aventuras de Pedrinho*, teve sua primeira edição no ano de 1955 e as edições seguiram até 1970, com interrupções nos anos de 1956, 1958, 1962, 1963, 1966, 1968, num total de 14 edições. A tiragem com maior número de livros editados é a do ano 1957, 4^a edição, com o total de 100.000 livros, assim também para o quarto volume da *Série*. A menor tiragem foi em 1969, 12^a, com 2.376 livros. É a única tiragem em todos os livros da *Série* que apresenta o número de edições quebrado, ou seja, não apresenta número inteiro. É também o maior número de interrupções: no total, são seis anos em que o volume não é editado pela Edições Melhoramentos. O livro *Aventuras de Pedrinho* apresenta um total de 723.376 exemplares impressos.

Tabela 4 - Tiragem e edição de *Aventuras de Pedrinho*, terceiro volume

Data	Edição	Tiragem
Janeiro/1955	1 ^a	50.000
Agosto/1955	2 ^a	75.000
Janeiro/1957	3 ^a	60.000
Novembro/1957	4 ^a	100.000
Fevereiro/1959	5 ^a	80.000
Maio/1960	6 ^a	40.000
Março/1961	7 ^a	70.000
Agosto/1961	8 ^a	70.000
Março/1964	9 ^a	60.000
Agosto/1965	10 ^a	60.000
Dezembro/1967	11 ^a	40.000
Fevereiro/1969	12 ^a	2.376
Novembro/1969	13 ^a	10.000
Fevereiro/1970	14 ^a	6.000
Total		723.376

FONTE: Adaptado de Monarcha; Lourenço Filho, 2001.

O livro *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*, quarto volume da *Série*, tem sua primeira edição no ano de 1956 e isto segue até 1970; porém, com interrupções nos anos de 1963 e 1965. A tiragem com maior número de livros editados se deu na segunda edição, no ano de 1957, com o total de 60.000 livros. A menor tiragem se deu em 1970, 14^a edição, com 6.000 livros. *Leituras de Pedrinho e Maria Clara* apresentou 14 edições, totalizando a tiragem de

525.00 livros. Apesar de apresentar um total de tiragem com mais de 500 mil livros, não chega ao vultoso número, se comparado com o total dos outros livros da *Série*, por exemplo, a cartilha *Upa, cavalinho!*, que apresentou tiragem superior a 2 milhões de exemplares, com menor número de edições (12 edições).

Assim, pode-se visualizar a premissa observada por Lourenço Filho, no prefácio da obra intitulada *Estatística e educação* (1937). Entre outros assuntos, o autor alerta sobre o inchaço nas turmas do primeiro ano e a repetência ou desistência nos demais anos escolares, o que, por sua vez, ocasiona o alto índice de publicações nos primeiros volumes das coleções de livros de leitura graduada e o decréscimo de tiragens no decorrer das edições. Ou seja, a produção dos livros de leitura e cartilhas estava atrelada aos índices de matrículas, repetências e desistências, como pondera Razzini:

A progressiva e drástica diminuição do número de matrículas à medida que o curso primário avança e a alta mobilidade, além de causar inchaço das classes de primeiro ano e um esvaziamento significativo a partir do segundo ano, acabavam refletindo na tiragem dos livros didáticos, que iam diminuindo bastante à medida que o livro era direcionado para os níveis mais adiantados (RAZZINI, 2005, p. 108).

Esta questão de evasão escolar e mesmo a repetência pode ajudar a explicar o fato de que os últimos volumes das coleções de livros de leitura graduada sempre tiveram um número bem menor de edições que os primeiros. Na *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, assim como em outras, há um decréscimo no número de edições. Por exemplo, o primeiro livro *Pedrinho* começa com 18 edições que, depois, vão decrescendo, sucessivamente: o segundo livro *Pedrinho e seus amigos* apresenta 17 edições; o terceiro livro, 14 edições; o quarto, 14 edições, até chegar à cartilha, com 12 edições.

Tabela 5 - Tiragem e edição de *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*, quarto volume

Data	Edição	Tiragem
Março/1956	1ª	50.000
Março/1957	2ª	60.000
Março/1958	3ª	50.000
Janeiro/1959	4ª	50.000
Maió/1960	5ª	40.000
Março/1961	6ª	50.000
Abril/1962	7ª	50.000
Fevereiro/1964	8ª	56.000
Julho/1966	9ª	20.000
Maió/1967	10ª	20.000
Março/1968	11ª	30.000
Fevereiro/1969	12ª	35.000
Novembro/1969	13ª	8.000
Fevereiro/1970	14ª	6.000
Total		525.000

FONTE: Adaptado de Monarcha; Lourenço Filho, 2001.

A Cartilha *Upa, Cavalinho!*³⁵ (Tabela 6) encerra a *Série de Leitura Graduada Pedrinho*. Foi publicada de 1957 até 1970, com interrupções nos anos de 1959, 1963, 1966, 1967, 1969. Estas suspensões, porém, foram de certa forma compensadas, pois houve 3 anos com edições duplas: no ano de 1958, no mês de janeiro, 2ª edição; e outubro, 3ª edição; no ano de 1960, 4ª edição no mês de março, e 5ª edição em setembro. Em 1962, 7ª edição no mês de fevereiro; em setembro, 8ª edição. A cartilha teve um total de 12 edições. Apesar de ser o volume da *Série* como menor número de edições, é o segundo em livros publicados, totalizando uma tiragem de 1.995.000 exemplares. O ápice de sua publicação foi 1957, 1ª edição, tendo alcançado a tiragem de 1.000.000 exemplares, o que deu uma alavancada na tiragem geral. A menor tiragem é de 20 mil exemplares, no ano de 1970, ou seja, na última edição.

Pelo exposto, pode-se ver que, apesar de uma permanência relativamente curta se comparada à dos outros livros da *Série* - 12 anos -, a “trajetória editorial mostra o contrário” (BERTOLETTI, 2006, p. 94). A cartilha *Upa, cavalinho!*, assim como os livros da *Série Pedrinho*, continuaram sendo publicados mesmo numa época em que o mercado editorial começava a sofrer alterações por conta do realinhamento econômico do mercado, momento em que a Editora Melhoramentos resolve suprimir as publicações didáticas em 1962. Sobre o êxito da cartilha, Bertoletti pondera ainda:

Desse modo, o sucesso da cartilha pode ser verificado tanto no número de edições e tiragens quanto na aprovação, aceitação e recomendação da cartilha pelos órgãos oficiais, pelos “entendidos” e pela própria Editora. Poucos livros escolares já receberam, em todo o país, o entusiástico acolhimento que se vem dando à cartilha [...] (BERTOLETTI, 2006, p. 94).

Tabela 6 - Tiragem e edição de *Upa, cavalinho!*, cartilha

Data	Edição	Tiragem
Janeiro/1957	1ª	1.000.000
Janeiro/1958	2ª	120.000
Outubro/1958	3ª	100.000
Março/1960	4ª	60.000
Setembro/1960	5ª	75.000
Junho/1961	6ª	150.000
Fevereiro/1962	7ª	100.000
Setembro/1962	8ª	120.000
Mai/1964	9ª	100.000
Setembro/1965	10ª	100.000
Dezembro/1968	11ª	50.000
Março/1970	12ª	20.000
Total		1.995.000

FONTE: Adaptado de Monarcha; Lourenço Filho, 2001.

³⁵ A esse respeito, ver especificamente Bertoletti, 2006.

Diante destas considerações, pode-se perceber um decréscimo no número de edições à medida que os novos volumes são reeditados, fato que também se verifica com séries de leitura graduada de décadas anteriores, como alerta Razzini:

[...] em 1946, por exemplo, a Livraria Francisco Alves reeditou os *Livros de leitura* de Felisberto de Carvalho, amplamente adotados nas escolas primárias, sendo que o primeiro volume, indicado para o 1º ano, estava na 130ª edição, o segundo volume (para o 2º ano) na 107ª edição, o terceiro volume (para o 3º ano) na 75ª edição e o quarto volume (para o 4º ano) na 42ª edição (RAZZINI, 2005, p. 108).

Além do decréscimo no número de edições, há uma diminuição também no total de tiragens de cada volume. Este fato se repete na *Série de Leitura Graduada Pedrinho* até o quarto volume, como o total das tiragens de cada volume e o total de edições podem assegurar: *Pedrinho*, primeiro livro, 18 edições, com um total de 2.123.000 exemplares; *Pedrinho e seus amigos*, segundo livro, 17 edições, total de 1.053.000 exemplares; *Aventuras de Pedrinho*, terceiro livro, 14 edições, totalizando 723.376 exemplares; *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*, quarto livro, 14 edições, totalizando 525.000 exemplares.

No entanto, há um diferencial na *Série* em relação ao último volume a cartilha, *Upa, cavalinho!*, que, apesar de decrescer no número de edições (12 no total), tem o número de tiragens maior que os demais volumes: são 1.995.00 exemplares, não superando apenas o primeiro volume, *Pedrinho*, no total de livros publicados.

O cruzamento de dados dessas tabelas permitiu verificar que os livros da *Série de Leitura Graduada Pedrinho* foram reeditados até os meses de fevereiro e março do ano 1970, com 6.419.376 exemplares, excetuando-se os *Guias do mestre* e o *Livro do Aluno para a cartilha Upa, cavalinho!* Por essa vultosa soma, pode-se fazer ideia do sucesso da *Série* e da quantidade de crianças que ela alcançou. O cruzamento de dados das tabelas também nos leva a inferir que as maiores tiragens se dão até meados de 1960; a partir daí, com os desdobramentos da política nacional, com o realinhamento econômico do mercado, inclusive do mercado editorial, as edições e tiragens começam a diminuir, até se extinguir.

Cuidadosamente editada pela Editora Melhoramentos, respeitando os padrões gráficos da época, a *Série* exhibe determinados protocolos de leitura, que, segundo Chartier, definem “quais devem ser a interpretação correta e o uso adequado do texto, ao mesmo tempo em que esboça seu leitor ideal” (CHARTIER, 2001b, p. 20). Os protocolos funcionam como regras para ler e compreender os livros. Sabendo-se que não existe texto fora do suporte que permita sua leitura (ou da escuta), fora da circunstância na qual é lido (ou ouvido) (CHARTIER e

CAVALLO, 2002, p. 9), é através das capas, sumários, ilustração, tipos de letras, e até mesmo do projeto gráfico e da qualidade do papel que este suporte se dava a ler.

As edições dos livros da *Série de Leitura Graduada Pedrinho* apresentam diferenças quanto a tamanho e tipos de capa. São livros pequenos. As encadernações de capa dura – capa cartonada - têm as dimensões de aproximadamente 14 cm x 20 cm, ou encadernações do tipo brochura, medindo 14 cm x 19,5 cm. As encadernações de capa dura perduraram até o ano de 1960. A partir de 1961, começam a ser produzidas no padrão brochura, o que leva a supor que a Editora Melhoramentos estava racionalizando os gastos, fato que se evidencia um ano depois, em 1962, quando a Editora “decide extinguir as publicações didáticas” (BERTOLETTI, 2006, p. 94). As publicações da *Série Pedrinho*, porém, permanecem, segundo Bertoletti, sem sofrer quaisquer modificações em nenhum de seus aspectos até o ano de 1970, quando cessam de vez.

A estrutura das capas dos volumes da *Série Pedrinho* apresenta um mesmo padrão de impressão. De acordo com as análises dos volumes consultados e ratificados por Abreu (2009), a cor de fundo nas capas é predominantemente verde, nas tonalidades folha ou bandeira; porém, sobressaem-se também nuances de marrom e, particularmente, as cores amarelo, azul e branco - que expressam a nacionalidade brasileira. As ilustrações estão concomitantemente relacionadas ao conteúdo apresentado no interior das obras e refletem aspectos singulares do cotidiano infantil. O primeiro volume da *Série* tem ilustrações de Maria Bóes; os demais volumes são ilustrados por Oswaldo Storni³⁶

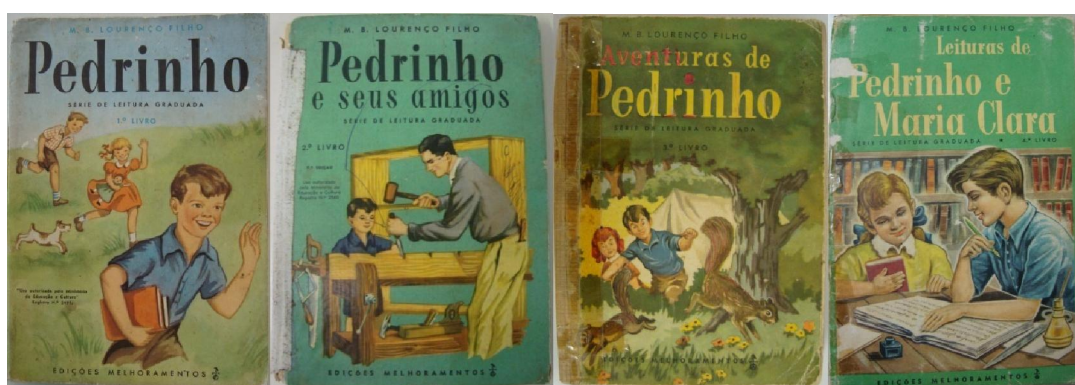


Figura 4 – Pedrinho, Pedrinho e seus amigos, Aventuras de Pedrinho e Leituras de Pedrinho e Maria Clara, capa dos quatro volumes

FONTE: Catálogo Digital - Laboratório de Patrimônio Cultural/Faed/Udesc.

³⁶ Oswaldo Storni (1909-1972) nasceu no Rio de Janeiro. Trabalhou em diversas editoras e revistas, colaborou nas publicações do Tico-tico e O Malho. A partir de 1950, passou a ilustrador efetivo da Companhia Melhoramentos, da qual nunca se desligou. Além de desenhista, escreveu livros infantis, como, por exemplo, *A medalha* (ABREU, 2010)

As capas dos livros levam o título em letras de imprensa grandes. Nos dois primeiros volumes, a cor das letras é preta e, nos dois últimos, amarela. Acima do título do livro, em caixa alta, há o nome do autor - “M. B. Lourenço Filho” – e, abaixo do título, a informação explicitando a série a que o livro pertencia “Série de Leitura Graduada Pedrinho”. Logo em seguida vem a especificação do volume. Embaixo, no rodapé, há o nome e a logomarca da Editora: “Edições Melhoramentos”. Como se pode notar nas capas dos dois primeiros volumes da *Série*, consta a especificação em letras de imprensa menores: “Uso autorizado pelo Ministério da Educação e Cultura” e um número de registro, apontando vestígios do rigor com a aprovação por parte do Estado, através do Ministério da Educação, local que o autor tinha circulação constante. A legislação da época previa fiscalização e autorização das obras didáticas. O Decreto-Lei 8460/45, em seu capítulo III, artigo 24, ponderava:

Os livros didáticos, cujo uso tenha sido autorizado na forma desta lei, deverão conter na capa, impresso diretamente ou por meio de etiqueta, os seguintes dizeres. "Livro de uso autorizado pelo Ministério da Educação e Saúde". Em seguida, entre parêntese, declarar-se-á ainda o número do registro feito pela Comissão Nacional do Livro Didático, pela maneira seguinte: (Registro n...) (Decreto-Lei 8460/45).

O Decreto-Lei 8460/45, que consolida a legislação sobre as condições de produção, importação e utilização do livro didático, é uma incorporação de diversas mudanças ocorridas em decretos de anos anteriores e uma reafirmação do Decreto-Lei 1006/38 que cria a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD). A Comissão, composta por sete membros “escolhidos dentre pessoas de notório preparo pedagógico e reconhecido valor moral” (Decreto-Lei 1006/38, cap II, 9º art, § 1º), é encarregada de examinar e autorizar as obras didáticas por meio de pareceres. Em seu 3º artigo, do capítulo I, especifica que somente através da autorização da Comissão os livros poderão ser adotados nas escolas:

A partir de 1 de janeiro de 1940, os livros didáticos que não tiverem tido autorização prévia, concedida pelo Ministério da Educação, nos termos desta lei, não poderão ser adotados no ensino das escolas pré-primárias, primárias, normais, profissionais e secundárias, em toda a República (Decreto-Lei 1006/38).

A contracapa é utilizada, entre outras funções, para apresentação dos livros da *Série* e oferece indícios de protocolos de leitura:

Edições Melhoramentos sente-se honrada em poder apresentar ao distinto magistério brasileiro esta série de livros de leitura para o curso primário, composta pelo consagrado mestre, Prof. Lourenço Filho, autor da Cartilha do Povo, que atinge com sua última edição a cifra de 5.080.000 exemplares. Nestes livros estão consubstanciadas as mais recentes orientações da moderna Pedagogia. Série acomodada às exigências do magistério e feita de modo a possibilitar às crianças do curso primário de todo o Brasil um aproveitamento fácil, agradável e integral.

Novidade utilíssima:

Os livros desta coleção, destinados aos professores, vêm acompanhados de um utilíssimo manual denominado GUIA DO MESTRE, contendo explicações para o emprêgo dos livros, sugestões de novos exercícios, indicação de leituras suplementares, etc., verdadeiro guia didático feito exclusivamente para o professor (LOURENÇO FILHO, 1954).

Antes mesmo de abrir e manusear as folhas do livro, a obra já se dá a ler na contracapa. Há uma estratégia de escrita utilizada fora do livro que instrui o leitor, preparando-o para uma maneira de ler que lhe é indicada, como observa Chartier:

Existe aí um primeiro conjunto de dispositivos resultantes da escrita, puramente textuais, desejados pelo autor, que tendem a impor um protocolo de leitura, seja aproximando o leitor a uma maneira de ler que lhe é indicada, seja fazendo agir sobre ele uma mecânica literária que o coloca onde o autor deseja que esteja. (CHARTIER, 2001b, p. 97)

Para Chartier (2001b), esses protocolos são instruções estabelecidas ao leitor e repousam em uma dupla estratégia de escrita, na medida em que inscrevem no texto as convenções sociais que permitirão a sua sinalização, classificação e compreensão (CHARTIER, 2001b, p. 96). Dessa maneira, o texto da contracapa, que ocupa 1/3 do espaço, apresenta as intenções do autor, quiçá da editora, e produz efeitos no leitor, que começa a leitura com certa expectativa. O texto da contracapa apresenta uma estratégia de propaganda da *Série* e possibilita ao leitor tomar conhecimento do cenário em que a obra está inserida: o autor é confirmado na área com outras obras notadamente reconhecidas; a orientação dos livros é pertinente e condizente com as mais recentes orientações pedagógicas, pelas quais a criança deve ter lugar de destaque e o ensino deve ser “fácil, agradável e integral”. Em destaque, no meio do texto, a expressão “Novidade utilíssima”, anuncia os *Guias do Mestre*, salientando que as informações contidas na contracapa desejavam atingir um leitor em específico, o professor primário.

O conteúdo da página de rosto não se modifica em ambas às edições; apenas alterna as informações, como: nome da série, autor, título do livro, ano, volume, edição, milheiro, nome do ilustrador, editora, ilustração, etc. Outras informações que se alternam, dependendo da época de edição, são: informação sobre a organização da série “Organizada para as escolas primárias pelo professor Lourenço Filho”; autorização para o “Uso autorizado pelo Ministério da Educação e Cultura”; informação sobre nomenclatura gramatical - “Esta obra está revista segundo a *Nomenclatura Gramatical* recomendada pelo Ministério da Educação”, de acordo com o artigo 29, capítulo IV, segundo o qual, “Não será autorizado o uso do livro didático que

escrito em língua nacional, não adote a ortografia estabelecida por lei”. O único diferencial da página de rosto dos quatro livros é uma ilustração colorida que se encontra no primeiro volume e ocupa as duas páginas. A imagem apresenta duas crianças correndo de mãos dadas. Tudo leva a crer que se trata dos irmãos Pedrinho e Maria Clara, que conheceremos no decorrer das lições do livro, rumo a uma edificação que aparenta ser uma escola.



Figura 5 - *Pedrinho*, página de rosto
 FONTE: Lourenço Filho, 11ª edição, 1961.

Os volumes da *Série* trazem em suas primeiras páginas os índices e dão indícios de protocolos de leitura, na medida em que esses índices trazem nomeadas e enumeradas as lições com a indicação do número de página onde iniciam, organizando assim a leitura. Segundo Chartier (2001b), os índices figurariam como dispositivos explícitos utilizados pelo autor, com o intuito de instruir o leitor para uma maneira de ler, apresentando, assim, uma ordenação da leitura. Os índices informam também sobre a percepção do autor em relação ao processo educativo, pois apresentam diferenciações graduais no decorrer dos volumes, ou seja, cada índice tem peculiaridades específicas direcionadas para o nível de ensino a que o volume se destina.

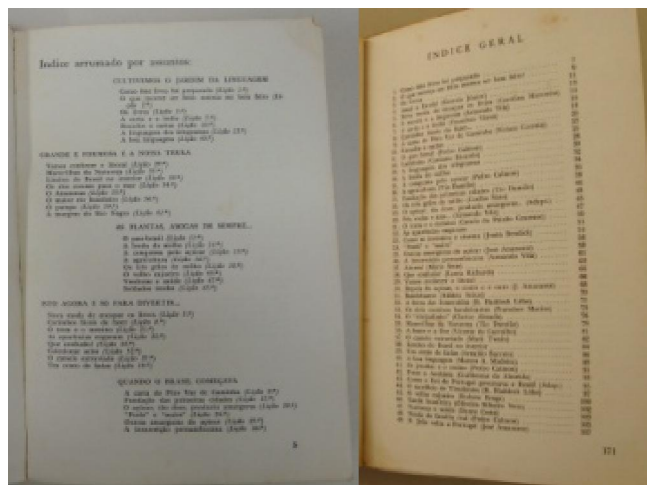
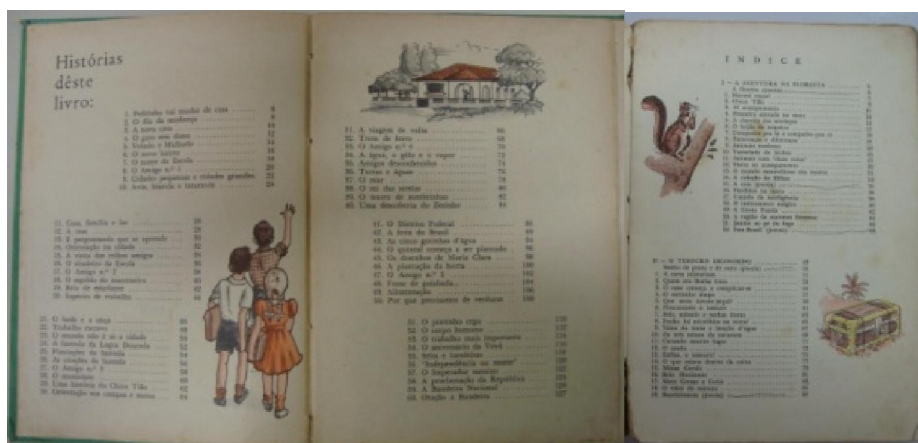


Figura 6 – Índices
 FONTE: Lourenço Filho, Pedrinho, 1961; Pedrinho e seus amigos, 1958; Aventuras de Pedrinho, 1961 e Leituras de Pedrinho e Maria Clara, 1966.

Observa-se que as ilustrações são o primeiro diferencial que chama a atenção nos índices dos quatro volumes da *Série*.

O índice do primeiro volume apresenta seis figuras associadas às lições apresentadas no interior do livro e presentes no cotidiano infantil: boneca, soldadinhos de chumbo, verduras, macaco, galho de folha, avião. Nos demais volumes, as ilustrações vão diminuindo gradativamente, mas continuam associadas às leituras. O segundo volume apresenta apenas duas ilustrações; o terceiro, apresenta quatro e o último, não apresenta nenhuma ilustração. Tudo leva a crer que ao chegar ao quarto livro a criança já teria o domínio de leitura, ficando isenta, ao menos no índice, da mesclagem entre linguagem escrita e iconográfica para despertar o seu interesse.

Nos dois primeiros volumes, os índices ocupam duas páginas e são denominados *Histórias deste livro*. No primeiro volume, esta denominação é ilustrada por um adorno de madeira, como se realmente fosse esculpida, estratégia utilizada pela linguagem escrita e iconográfica que se dá a ver e salienta para a criança que existe certa ordenação da leitura no índice. Nos dois últimos volumes, o índice perde esse título habitual e surge apenas como *Índice*, apresentado na frente e verso de uma página, nas quais suas lições são subdivididas. No terceiro volume, o índice é dividido em quatro subitens, com seu respectivo título: I. A aventura na floresta; II. O tesouro escondido; III. A viagem inesperada; IV. A aventura nas nuvens, cada um com 22, 19, 24, 18 lições, respectivamente. As divisões indicadas no índice começam com poesias, que fazem alusão ao tema de cada subitem e ocupam, na maioria das vezes, uma página. As partes I, II e IV também são concluídas dessa forma.

No quarto volume, supõe-se que a criança já seja suficientemente autônoma e domine a leitura. Assim, o índice traz uma novidade, anunciada no título, escrita com fonte itálica: *Índice arrumado por assuntos*, ou seja, as 76 lições estão distribuídas aleatoriamente de acordo com os assuntos, a saber: Cultivemos o jardim da linguagem; Grande e formosa é a nossa terra; As plantas amigas de sempre...; Isto agora é só para divertir...; Quando o Brasil começava; Grande terra, grande gente; Versos que nos falam a alma; As invenções, o trabalho e o trabalhador; Dos velhos tempos a república.

Pode-se perceber, pelos assuntos arrolados, que os temas serão expostos no decorrer do livro. Porém, há um Índice Geral, organizado por sequência gradativa, e não aleatória, no fim do livro, nas páginas 173/174 e o autor sugere, na 3ª lição, que seria uma explicação de Maria Clara: “Examinem o índice que vem no começo do livro. Depois comparem com o que vem no fim (LOURENÇO FILHO, 1966, p. 10)”, uma estratégia para que a criança compare, pesquise, manuseie o livro. Os últimos volumes da *Série* apresentam diferentes intenções sobre a maneira de ler. Há uma ordenação nas lições presentes no índice. No terceiro livro, os subitens do índice referem-se às quatro *aventuras* vivenciadas, mas há uma sequência. No

quarto livro, porém, os títulos das lições são agrupados por assuntos, instigando os leitores a novas formas de associações, despertando-lhes o interesse pelo manuseio da obra. Pela ordenação contida no índice, temos uma visão geral de cada livro da *Série*, como se pode observar na tabela 7³⁷

Tabela 7 - Série de Leitura Graduada Pedrinho

Título	Lições	Número de páginas	Ilustrações	Índice
Pedrinho	64	126	6	1
Pedrinho e seus amigos	60	128	2	1
Aventuras de Pedrinho	83	172	4	1
Leituras de Pedrinho e Maria Clara	77	174	-	2

As ilustrações no interior dos livros estão relacionadas ao conteúdo apresentado nas lições. O primeiro volume, ilustrado por Maria Bóes, mostra os três irmãos: Pedrinho, Maria Clara e Zézinho. As ilustrações estão relacionadas a infância, brincadeiras, brinquedos, escola, família, casa, quintal, cidade, campo, animais, natureza, história e geografia do Brasil, alimentos, meios de transporte, patriotismo, trabalho, cenas de leitura, etc. As histórias, ou lições, sempre ocupam duas páginas e são escritas com letra de imprensa de tamanho uniforme, mesmo nos títulos. Estes, por sua vez, são destacados em negrito e numerados de 1 a 64. Há uma sequência cumulativa nas histórias e seus assuntos são encadeados uns aos outros. Ao final, há atividades a serem feitas, geralmente vinculadas ao texto lido. Nessas atividades há, geralmente, expressões escritas em negrito ou em itálico, uma estratégia utilizada para chamar a atenção dos pequenos leitores.

Nos demais livros da *Série*, o procedimento gradativo se repete. As ilustrações aqui são de Oswaldo Storni. As ilustrações do segundo livro trazem um assunto que será enfatizado no decorrer da obra: o trabalho. A essa época, havia uma efervescência na industrialização brasileira. Pela ampliação da legislação trabalhista, o governo enfatizava a necessidade de se promover “desenvolvimento e ordem” (FAUSTO, 2004, p. 424). Ademais, uma das finalidades do ensino primário, de acordo com a Lei Orgânica, era “elevar o nível dos conhecimentos úteis à vida na família, à defesa da saúde e à iniciação no trabalho (Lei nº 8529/46, capítulo I, artigo 1). Segundo Choppin (2004), o livro didático não é um simples espelho da sociedade; ele modifica a realidade para educar as novas gerações. Assim, assuntos concernentes ao trabalho presentes nos livros da *Série* estavam associadas a vivência do País. Nele há um discurso segundo o qual o desenvolvimento viria através do trabalho. A *Série*

³⁷ Para a elaboração da Tabela 7 foram consultadas as edições da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*.

completa e especialmente o segundo livro traziam essa urgência. Para o autor, o livro tinha um objetivo, de informar “o estudo para as necessidades da vida real e para as ocupações normais do ambiente. [...] relação entre a vida íntima da escola e a iniciação ao trabalho e seu aperfeiçoamento. [...] preocupação vocacional ou pré-vocacional” (LOURENÇO FILHO, 1937, p. 7).

O segundo livro versa sobre a mudança de Pedrinho, que vai para outra casa e gradativamente conhece cinco novos amigos. O detalhe desse livro é que as ilustrações dão indícios de uma educação escolarizada por parte dos três irmãos – Pedrinho, Maria Clara e Zézinho -, os quais, por frequentarem a escola, ampliam seu mundo, assim como as crianças que os lêem. O livro aborda a comunidade, a vizinhança, as profissões, os modos de vida do campo e da cidade, o corpo humano, o contato com animais e plantas, fatos históricos. Sem esquecer os símbolos nacionais, tão bem representados pela bandeira nacional e pela poesia de Correia Júnior, Oração à Bandeira, todos os conhecimentos para a formação de um bom cidadão e os fatos e vultos históricos como elementos de afirmação da nacionalidade.

A partir do segundo livro, as fontes das letras diminuem um pouco, tornando assim as lições mais extensas. Também os conteúdos das lições apresentam, de forma gradativa, um grau de dificuldade maior, assim como as atividades no final de cada lição, que, por sua vez, tem a fonte menor ainda, ou seja, além de as lições e atividades se tornarem mais extensas, aumenta também seu grau de complexidade.

No terceiro volume, *Aventuras de Pedrinho*, no verso da folha de rosto, para além de informações sobre direitos reservados, endereço da editora e número para pedidos telegráficos, consta um parecer favorável assinado por Theobaldo Miranda Santos, “conhecido autor de manuais para a educação básica quanto para normalistas”, e de Ismael de Lima Coutinho, “destacado estudioso da literatura na primeira metade do século XX” (ARENA, 2005, p. 6), que descreve informação sobre o livro, bem como sua aprovação:

PARECER Nº 519/55. Comissão Especial de Leitura Processo nº 9.991/55. *“Aventuras de Pedrinho”* destina-se à aprendizagem da leitura na 3ª série do curso primário. Trata-se de um livro de classe, vivo e interessante, em que a prática da leitura se acha associada, de maneira harmoniosa, ao estudo dos conhecimentos gerais. Escrito por eminente professor de psicologia educacional, a referida obra recomenda-se por sua segura orientação pedagógica, devendo, por isso, ser aprovada e seu uso autorizado nas escolas primárias do país. Quanto ao preço do livro, sou de parecer que está dentro dos limites normais das obras didáticas do mesmo nível de ensino. Rio de Janeiro, 4 de outubro de 1955. a) *Theobaldo Miranda Santos* b) *Ismael de Lima Coutinho* (LOURENÇO FILHO, 1961, p. 2).

De acordo com Arena (2005), o parecer acima citado é um aval para a circulação do livro, expedido pela Comissão Especial de Leitura, no Rio de Janeiro, assinado por dois nomes importantes ligados à educação, como prevê a legislação da época:

Quando se tratar de autorização para uso de livro didático, de autoria, seja no todo ou em parte, de algum membro da Comissão, o Ministro da Educação e Saúde submetê-lo-á ao parecer de dois catedráticos da especialidade, ou de disciplinas congêneres, com exercício em escolas superiores, oficiais ou reconhecidas (Decreto-Lei nº 8460/45, capítulo III, artigo 25).

Tudo leva a supor que a data do parecer – 1955 – indica o ano de seu lançamento no mercado editorial brasileiro. Arena pondera ainda que “a manifestação, registrada na segunda capa, poderia ter a finalidade de dar credibilidade ao manual, por ter sido analisada por figuras de prestígio e funcionar como estratégia de *marketing*” (ARENA, 2005, p. 6). A descrição de informações e a aprovação no parecer expressam a esfera de confiança que perpassa o lançamento do livro, tanto pelo autor, quanto pelos autores que o analisam e a editora. Generosa nos adjetivos: “livro de classe, vivo e interessante”; “prática da leitura [...] harmoniosa” (LOURENÇO FILHO, 1961, p. 2), “a manifestação mais procura agradar ao autor e alavancar as vendas da editora, do que propriamente emitir análise específica sobre o manual” (ARENA, 2005, p. 6).

Assim como outros livros da *Série*, as lições apresentam a letra de imprensa na sua composição. O autor utiliza-se dos tipos de letra como protocolos de leitura (CHARTIER, 2001b): apresenta textos e exercícios em letras em caixa alta, em itálico, em negrito. Entretanto, no terceiro livro – *Aventuras de Pedrinho* - duas lições fogem a essa regra. A segunda lição, intitulada *A composição de Pedrinho*, e a décima oitava lição, intitulada *A carta de Pedrinho*, do subitem IV - *Aventura nas nuvens* -, são escritas com letra cursiva, como se as lições impusessem uma maneira muito peculiar de leitura, a que o autor induz, propondo tipos diversificados de letras. Na edição mais antiga (1958), as lições, que na verdade são missivas de Pedrinho primeiramente para o pai e depois para a mãe, contêm erros de grafia, que são corrigidos como se se tratasse de escrito de próprio punho. Nas edições mais recentes (1961–1967) esses erros de grafia já não existem. A missiva de Pedrinho ao pai é apresentada em uma versão final já corrigida, como se pode notar na figura 7. Percebe-se, com este exemplo, a importância dada à leitura e também à escrita, pois o autor demonstra a letra cursiva não só no talhe da letra bem desenhada, mas nas ilustrações que seguem a lição, que são desenhos do menino Pedrinho para ornamentar a carta. Num período relativamente

curto, valoriza-se também a memória visual das crianças, pois na edição mais recente (1961-1967) optou-se por fixar o acerto e não o erro.

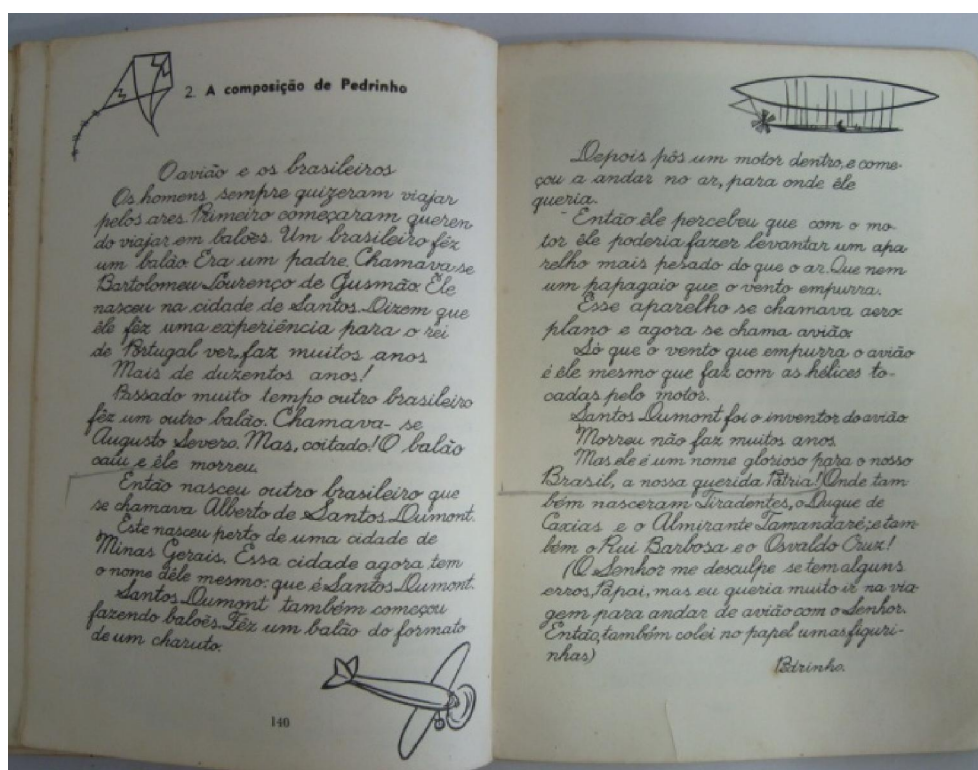
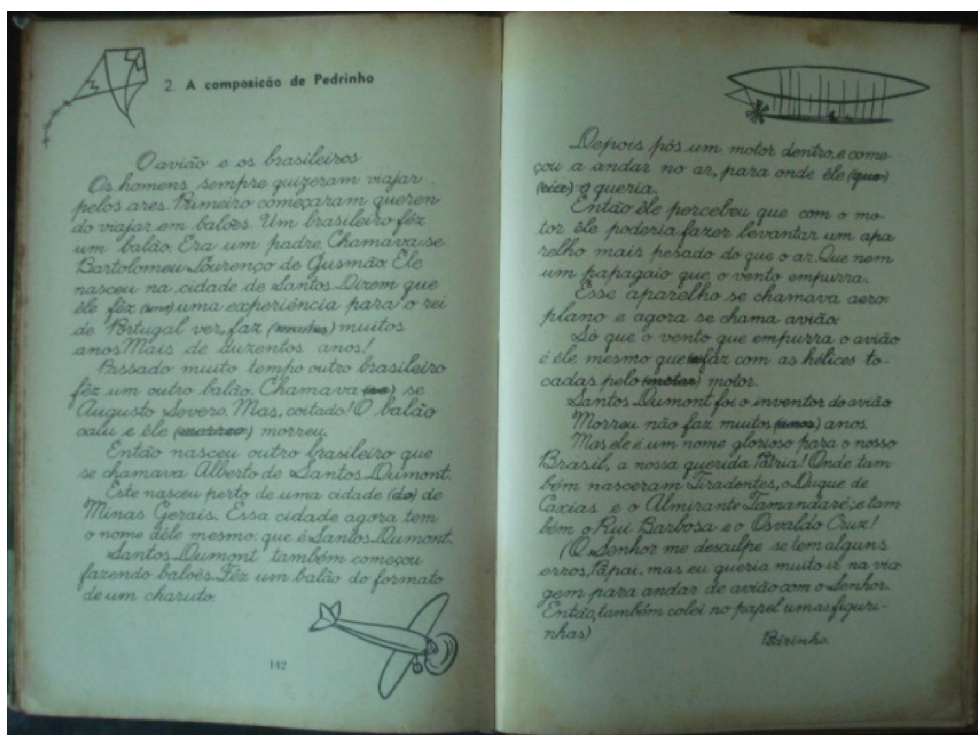


Figura 7 - Lição 2. A composição de Pedrinho, no segundo volume.

FONTE: Lourenço Filho, 4ª e 8ª edição, 1958 e 1961.

Com relação à leitura, na orientação aos professores do *Guia Mestre*, o autor destaca:

Não é só na escola, porém, que a leitura importa. É na vida real, nos problemas de cada dia, senão de cada hora; é nas atividades de cada profissão, no cumprimento de nossos deveres como elementos da vida social, e nos que tenhamos de assumir para conosco mesmos, como pessoas livres e conscientes. Pelas sugestões da leitura, tão variadas e contraditórias, mais que em outras épocas, recebemos mil influências, boas e más, que devemos saber avaliar, relacionar, selecionar (LOURENÇO FILHO, 1954, p. 3).

Para Lourenço Filho, as lições da *Série* têm de apresentar assuntos que despertem o interesse da criança e que estejam de acordo com sua faixa etária. A leitura deve ter uma finalidade prática para a vida social, como corrobora Figueira:

Para o autor, não basta ler por ler, a leitura tem que ser funcional, ou seja, destinada a uma finalidade prática. A criança deve se interessar pela leitura e através dela desenvolver capacidades necessárias para desenvolver por si mesma seus conhecimentos para melhor compreender as coisas, as pessoas e a vida social. De tudo isso a leitura servirá ao aperfeiçoamento das formas de trabalho, à educação da saúde e à educação cívica (FIGUEIRA, 2010, p. 73).

O autor se utiliza das orientações previstas nas regulamentações da época para propor a adequação das habilidades de leitura e dos assuntos de cada livro de leitura da *Série* em acordo com a faixa etária e o nível de conhecimento de cada criança. Dessa maneira, teríamos, a cada livro, um grau de complexidade maior, não só nas lições, mas também nas atividades propostas: a cartilha, indicada para alunos com 7 anos de idade e destinada à fase inicial da aprendizagem; o primeiro livro, *Pedrinho*, indicado para alunos com 7 ou 8 anos, destinado a quem estivesse na passagem da leitura hesitante para a leitura corrente; o segundo livro, *Pedrinho e seus amigos*, indicado para alunos com 8 ou 9 anos, destinado aos que estivessem na passagem da leitura corrente para leitura autônoma; o terceiro livro, *Aventuras de Pedrinho*, indicado para alunos de 9 a 10 anos, destinado ao desenvolvimento da leitura autônoma e, por último, o quarto livro, *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*, indicado para alunos de 10 a 11 anos, destinado aos que já tivessem o domínio da leitura autônoma. Como o quadro sinóptico abaixo enfatiza os objetivos de ensino correspondentes às habilidades de leitura:

SÉRIE DE LEITURA GRADUADA "PEDRINHO" pelo Prof. LOURENÇO FILHO — EDIÇÕES MELHORAMENTOS	
Certilho: UPA, CAVALINHO! (7 anos)	Fase inicial da aprendizagem: 1. Percepção de pequenas frases, como um todo. 2. Reconhecimento de elementos comuns, nessas frases. 3. Recombinação de tais elementos em novas unidades. 4. Aquisição de conveniente atitude de compreensão do texto. 5. Reconhecimento de sílabas e letras, e seu valor. 6. Leitura lenta e hesitante, mas consciente.
1.º livro: PEDRINHO (7-8 anos)	Passagem da leitura hesitante para a leitura corrente: 1. Percepção de duas ou mais palavras a um só golpe de vista. 2. Compreensão dos sinais comuns de pontuação. 3. Capacidade de compor e decompor quaisquer palavras. 4. Relacionamento das sentenças num texto seguido. 5. Compreensão total de períodos e pequenas narrativas. 6. Domínio geral do mecanismo e sentido da leitura.
2.º livro: PEDRINHO E SEUS AMIGOS (8-9 anos)	Passagem da leitura corrente para a leitura autônoma: 1. Desenvolvimento da percepção de frases inteiras. 2. Domínio geral da função da pontuação. 3. Compreensão integral de narrativas simples. 4. Facilidades em ler para o outro e para si. 5. Solução pronta a perguntas com resposta explícita no texto. 6. Reação inicial às idéias expostas no texto.
3.º livro: AVENTURAS DE PEDRINHO (9-10 anos)	Desenvolvimento da leitura autônoma: 1. Leitura com intenção definida; desejo de narrativas seguidas. 2. Capacidade de isolar idéias, umas de outras. 3. Apreensão do sentido das palavras segundo o contexto. 4. Solução a perguntas com resposta implícita no texto. 5. Percepção das partes capitais de cada oração. 6. Modificação, pela leitura, de modos de sentir e pensar.
4.º livro: LEITURAS DE PEDRINHO E MARIA CLARA (10-11 anos)	Domínio da leitura autônoma: 1. Compreensão do plano geral do texto e de suas partes. 2. Idem do sentido de cada expressão do contexto. 3. Noção das palavras "de valor" na leitura em voz alta. 4. Rapidez na leitura silenciosa. 5. Compreensão das partes capitais e acessórias da oração. 6. Modificação, pela leitura, de modos de sentir, pensar e agir.
5.º livro: PEDRINHO E O MUNDO	Aperfeiçoamento da leitura autônoma: 1. Boa capacidade de instruir-se por si, através da leitura. 2. Apreciação das intenções do autor e de seus pontos de vista.

Figura 8 - Quadro sinóptico, no quarto volume
FONTE: Lourenço Filho, 1966, 9ª edição, p. 174.

O primeiro livro de leitura, *Pedrinho*, possui, dentre outros 'objetivos, compreensão de sinais comuns de pontuação', 'a compreensão total de períodos e pequenas narrativas' e o 'domínio geral do mecanismo e sentido da leitura', como é possível verificar nos exercícios e explicações frequentemente localizados ao final de cada lição, exemplificados abaixo:

Quando se faz uma pergunta, que sinal se escreve? Escreve-se êste sinal ? que se chama *ponto de interrogação* (LOURENÇO FILHO, 1961, p. 63).

A cedilha— Dona Amélia disse: *Sim, não esqueça o açúcar*. Nessa sentença, a letra *c* aparece com um sinalzinho em baixo, que é a *cedilha*. Usa-se a cedilha para dar ao *c* o mesmo som dos dois *ss* antes de *a*, *oe* e *u*. Antes de *ee* não se usa cedilha.

Veja a diferença que há entre estas palavras: *caco*, *caço*— *fôrça*, *força*— *faca*, *faça*.

Ponha a cedilha que falta nestas palavras: cabeça — engracado — açúcar.

Ponha ç ou ss nestas palavras, conforme seja certo:

Eu po . . . o.

O po . . . o.

Eu fa . . . o.

É fa . . . il.

Eu cre . . . o

Carlinhos é so . . . egado (LOURENÇO FILHO, 1961, p. 65).

Escreva as palavras que faltam.

A casa do é pequena.

A casa está sempre bem

A casa sempre limpa.

Leia bem depressa. Uma casa, seu Pedrinho, tem paredes. Uma casa, seu Pedroca, tem telhado. Uma casa, seu Pedrinho, tem portas. Uma casa, seu Pedroca, tem janelas. Algumas casas, seu Pedrinho, têm jardim. Algumas casas, seu Pedroca, têm jardim (LOURENÇO FILHO, 1961, p. 13).

O livro de leitura *Pedrinho e seus amigos* apresenta um grau de complexidade maior nas lições e exercícios, assim como o decorrer da *Série*. O segundo volume da *Série* volta-se à passagem da leitura corrente para a leitura autônoma. Dentre seus objetivos estão o ‘domínio geral da função da pontuação’. Para alcançar esse objetivo, o autor faz uma retrospectiva, em forma de exercícios no decorrer das lições, de todos os sinais de pontuação apresentados no primeiro livro:

Pontuação: Ponto final é o sinal que se usa ao fim de uma sentença em que se afirma alguma coisa. Ponto de interrogação é o sinal que se usa ao fim de uma sentença que pergunta alguma coisa. Quantos pontos de interrogação existem acima? (LOURENÇO FILHO, 1958, p. 47).

Pontuação: Ponto de admiração, ou de exclamação é o sinal que se põe ao fim de uma sentença em que se faz uma exclamação ou se revela admiração: Boa casa, sim senhor! Ó meninos preguiçosos! (LOURENÇO FILHO, 1958, p. 51).

Pontuação: A vírgula é um sinal de pontuação que se usa para indicar uma pequena pausa na leitura [...] (LOURENÇO FILHO, 1958, p. 53).

Pontuação: O grande poeta, que escreveu êstes versos, muito de propósito não pôs nêles todos os sinais de pontuação. Experimente pôr os sinais que você achar que estejam faltando (LOURENÇO FILHO, 1958, p. 69).

Para além do tom intimista utilizado com traquejo pelo autor e perceptível nos excertos acima, o que chama a atenção nesse segundo volume é a vinculação da leitura com a vida real, com o cotidiano do aluno. Dentre os objetivos que compreendem a vinculação descrita no quadro sinóptico, estão a ‘solução pronta para perguntas com resposta explícita no texto’ e a ‘reação inicial às idéias expostas no texto’. Para exemplificar os objetivos anunciados pelo autor, pode-se citar a lição 18, intitulada *O segredo do marceneiro*. Com efeito, o autor utiliza um tom intimista e escreve em forma narrativa os ensinamentos do marceneiro – “*seu*” Raimundo - para Pedrinho e “todos os meninos do mundo. A todos!” (LOURENÇO FILHO, 1958, p. 40).

A partir disso, o marceneiro ensina a fazer um armário de cozinha e revela dois segredos para sua confecção: “a gente deve experimentar sempre, *de cabeça*, o que vai fazer. Deve imaginar se a coisa que vai fazer dá certo. E o melhor modelo de imaginar é desenhar. Sim senhor, *de-se-nhar?*” Em outras palavras, o senhor Raimundo prescreve a Pedrinho e a todos os leitores do livro que, para fazer algo, é necessário planejamento, raciocínio, pensar antecipadamente ao realizar algo. Indica, além disso, a utilização de ferramentas e estimula o menino a confeccioná-las: “[...] Você pode fazer o fio de prumo com um cordel e duas

caixinhas vazias. E pode fazer um nível de bôlha com um tubinho de vidro dêsses que vêm com aspirina, ou outros remédios”. Posteriormente, revela seu segundo segredo: “Para trabalhar bem será preciso saber lidar com ferramentas e com instrumentos” (LOURENÇO FILHO, 1958, p. 41). O autor enfatiza no final da lição: “Experimente, Pedrinho”. No exercício fica claro esse estímulo à prática:

Como fazer o fio de prumo: Duas caixas de fósforos vazias, de igual tamanho. Um barbante fino, de um metro de comprimento. Fure uma das caixas, bem ao centro, de uma das faces maiores da caixa para a outra. Na ponta do fio faça um nó, para não correr. Amarre a outra ponta na outra caixa, do mesmo jeito. Encha essa caixa com pedrinhas, para que fique bem pesada. Está pronto o fio de prumo. Para ver se a superfície de uma parede, ou de um móvel, está a prumo, ou na vertical, encoste a caixinha vazia no alto, pelo seu tampo, e vá deixando correr o fio. Acerte a caixa que tem as pedras também de tampo. Se essa caixa ficar junto da superfície, mas fácil de correr, a superfície está na vertical. Se pesar para dentro, ou afastar-se dela, a superfície estará inclinada. Como fazer o nível de bôlha: Encha com água um tubinho, dêsses que vêm com comprimidos. Tenha o cuidado de deixar uma bôlhazinha de ar. Tape o tubo com uma rôlha, de modo que ela não saia para fora do tubo. Amarre o tubo numa tirinha de papelão. No centro da tira (onde também deve ficar o centro do tubo), faça um risco. Para ver se a superfície está na horizontal, ponha o nível deitado sôbre ela, e veja a bôlha fica exatamente sôbre o risco (LOURENÇO FILHO, 1958, p. 41).

Percebe-se, pelos exemplos, a importância dada à leitura conectada à vida real, na escola ou fora dela, pois, ao invés de o aluno apenas receber o conhecimento passivamente, é incentivado a pensar, a refletir sobre o que aprende, a planejar e a aplicar conhecimentos. O autor traz para *Série Pedrinho* pressupostos escolanovistas, então apresentados na obra *Introdução ao estudo da escola nova* (1978). O ensino pautado na experiência se torna ativo na prática, “isto é, responde a interesses reais da criança, porque conduz a situações problemáticas” (LOURENÇO FILHO, 1954, p. 18), como ratifica o autor:

Os alunos são levados a aprender observando, pesquisando, perguntando, trabalhando, construindo, pensando e resolvendo situações problemáticas que lhes sejam apresentadas, quer em relação a um ambiente de coisas, de objetos e ações práticas, quer em situações de sentido social e moral, reais ou simbólicas (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 151).

Pode-se inferir, assim, que Lourenço Filho propõe à *Série Pedrinho* adequação das habilidades de leitura e dos assuntos nas lições dos livros de leitura, pois apresenta gradativamente os assuntos que cabem à faixa etária correspondente à fase específica de desenvolvimento das crianças, resultando assim em condições mais adequadas para o aprendizado.

Este item se encerra tendo cumprido a função específica de destacar e descrever analiticamente os referidos livros de leitura, suas tiragens, as edições e associada a aspectos sobre a materialidade da *Série*.

2 CONSTELAÇÃO DE LEITURA: AUTORES EM CENA NA SÉRIE DE LEITURA GRADUADA PEDRINHO

Ao iniciar, em 1952, a escrita dos livros de leitura nomeados de *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, Lourenço Filho realiza um antigo desejo - “organizar uma série de textos de leitura, com orientação nova” (LOURENÇO FILHO, 1959, p. 199) - e “renova os padrões do livro escolar de leitura” (BATISTA; GALVÃO; KLINKE, 2002, p. 29).

Anteriormente à elaboração da *Série*, estabeleceu contato e interlocução com variados nomes da literatura brasileira, ou homens de letras, bem como com profissionais de alguma maneira ligados à educação e se valeu dessa rede de sociabilidade para compor o cenário intelectual da *Série*. Ao organizar a *Série Pedrinho*, Lourenço Filho seleciona trechos de obras já escritas e publicadas por outros autores consagrados na literatura brasileira, estabelecendo com eles um “diálogo”, na medida em que utiliza seus escritos como lições dos livros de leitura. São 101 os escritos desses autores, de um total de quase 300 textos que compõem a *Série* completa. Este número de textos, ou melhor, de lições, não descarta, eventualmente, a repetição de alguns autores na *Série Pedrinho*.

Com um intuito de apresentar os autores selecionados por Lourenço Filho para compor a *Série*, todas as lições foram lidas e seus autores arrolados na tabela 8³⁸. São 59 autores de variadas épocas, em cena nos quatro livros de leitura, formando uma constelação de leituras com 101 textos apresentados em variados estilos: narrativa, prosa, versos, fábulas, contos populares, etc. Figuram no rol de autores: 52 homens e sete mulheres; porém, em cinco lições não foi possível a identificação dos autores.

Tabela 8 - Autores/as da Série de Leitura Graduada Pedrinho e número de participações

Nome	Livro	Número
Afonso Lopes de Almeida	3º volume	1
Alberto Silva	4º volume	1
Aldemar Tavares	4º volume	1
Amado Nervo	1º volume	1
Ariosto Espinheira	4º volume	1
Aristeu Seixas	4º volume	1
Armando Paiva	4º volume	1
Armando Vila	4º volume	5
Arnaldo Barreto	4º volume	1
Belmiro Braga	3º volume	1
C. Paula Barros	3º volume	3

Continua

³⁸ Para a elaboração da Tabela 8 foram consultadas as edições da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*.

conclusão

Carolina Horowitz	4º volume	1
Cassiano Ricardo	4º volume	2
Catulo da Paixão Cearense	4º volume	1
Cecília Meireles	4º volume	1
Clarice Almada	4º volume	2
Coelho Neto	4º volume	2
Correia Júnior	2º, 3º, 4º volumes	5
Dante Costa	4º volume	1
Evaristo da Veiga	4º volume	1
Francisco Manuel Silva	4º volume	1
Francisco Marins	4º volume	1
Francisco Viana	4º volume	1
Gonçalves Dias	3º volume	1
Guilherme de Almeida	4º volume	1
Gustavo Barroso	4º volume	1
Hernâni Donato	4º volume	1
Isabel Vieira Serpa	1º volume	1
J. S. Oliveira	4º volume	1
Joana Bendick	4º volume	1
José Amarante	4º volume	4
José Lannes	2º volume	1
Laura Richards	4º volume	1
Manuel Bandeira	2º volume	2
Marcos Almir Madeira	4º volume	1
Mário Sette	4º volume	2
Mark Twain	4º volume	1
Martins Fontes	4º volume	1
Narbal e Ofélia Fontes	1, 2º volume	2
Olavo Bilac	1º, 2º, 3º, 4º volumes	4
Olegário Mariano	2º, 3º volumes	2
Oliveira Ribeiro Neto	4º volume	1
Osório Duque Estrada	4º volume	1
Osvaldo Orico	1º volume	1
Paulo Setúbal	3º volume	1
Pedro Diniz	1º volume	1
Pedro Calmon	4º volume	5
Petrarca Maranhão	4º volume	1
R. Haddock Lobo	4º volume	3
Renato S. Fleury	4º volume	1
Rocha Pombo	4º volume	3
Rodrigo Júnior	3º volume	1
Rubem Braga	4º volume	1
T. A. Acosta	1º volume	1
Teodoro de Moraes	4º volume	1
Tiago de Melo	4º volume	1
Vicente de Carvalho	4º volume	1
Viriato Correia	4º volume	3
Autores não identificados	1º, 2º, 3º, 4º volumes	5

A quantidade de lições escritas por outros autores cresce especialmente no quarto livro, *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*. O volume é indicado para crianças que já estejam num nível de leitura autônoma. Pode-se perceber o intuito de reforçar uma iniciação literária, pois 87% dos textos são de autores consagrados na literatura brasileira. Esta maneira de

conceber seus livros de leitura parece atender aos seus propósitos - do simples para o complexo - nos assuntos das lições, habilidades de leitura, atividades propostas. Todos são apresentados de forma gradativa. Lourenço utilizou-se desse recurso também quando recorreu aos diversos autores para compor os livros da *Série*. Por isso o último livro contém maior número de lições com iniciação literária.

Neste item do trabalho, serão apresentados, de uma maneira geral, os autores que figuraram como verdadeira constelação nos livros de leitura organizados por Lourenço Filho. Por se tratar, porém, de uma pesquisa pontual, haverá destaque apenas para quatro autores. Foram selecionados Olavo Bilac, Correia Jr., Pedro Calmon e Viriato Correia, por sua representatividade na *Série*.

Os autores que têm trechos de suas obras selecionados por Lourenço Filho para compor a *Série* são de épocas diversificadas, ou seja, nasceram em séculos diferenciados. O organizador consegue condensar nos livros de leituras autores de três séculos: XVIII, XIX e XX. Dois deles são do século XVIII: Evaristo Ferreira da Veiga e Barros (1799-1837), letrista do Hino da Independência, hino que tem a música atribuída a Dom Pedro I; e Francisco Manuel da Silva (1795-1865), autor do Hino Nacional. Esses hinos estão no 4º volume e tal inserção é comum nos livros didáticos até os dias atuais.

Pode-se afirmar, pelos dados levantados na tabela 8, que 52,55% dos autores que compõem a *Série* são do século XIX, totalizando 31 nomes. Já o século XX, época em que os livros de leitura são publicados, ficam com apenas 13 nomes, que Lourenço Filho apresenta nos livros de leitura. Ainda há um número de autores com datas de nascimento não identificadas, os quais totalizam 13, ou 22,03%. São eles: Aristeu Seixas, Armando Paiva, Armando Vila, C. Paula Ramos, Carolina Horowitz, Clarice Almada, Dante Costa, Isabel Vieira Serpa, J. S. Oliveira, Joana Bendick, José Amarante, Laura Richards e T. C. Acosta.

Os locais de origem desses autores também são diversificados, conforme averiguação. Têm-se representantes de todas as regiões do País, excetuando-se a Região Centro-Oeste. Do estado do Rio de Janeiro, há seis autores oriundos da cidade do Rio de Janeiro, um de Niterói, um de Paty do Alferes. Do estado de São Paulo, há autores nascidos em diversas cidades: de São Paulo, cinco autores; Campinas, dois; São José dos Campos, um; Tatuí, um; Botucatu, dois; Santos, dois; Tietê, um; Sorocaba, um. O Sudeste do País ainda tem um representante da cidade de Vargem Grande/MG e Cachoeira do Itá/ES. No Sul do País temos o estado do Paraná, com três autores, dois nascidos em Curitiba e um em Morretes. Do Nordeste brasileiro, são quatro autores nascidos no Recife (PE), um em Fortaleza (CE), um em São Luís (MA), dois em Caxias e um em Pirapemas (interior do Maranhão), um de Salvador (BA),

um de Laranjeira (SE). Do Norte, há autores nascidos nas cidades de Belém (PA), Manaus (AM) e Barreirinha, um de cada. Não foi possível identificar o local de nascimento de 14 autores.

Cabe destacar, ainda, os autores internacionais, tais como Amado Nervo, poeta mexicano nascido na cidade de Tepic; Mark Twain, escritor norte-americano do estado da Florida, ambos com uma participação nos livros da *Série*, e R. Haddock Lôbo, nascido na cidade de Cascais, em Portugal, mas que emigrou para o Brasil e estudou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Este com três participações no 4º volume. Os locais de nascimento dos autores que Lourenço Filho seleciona para compor o *corpus* da *Série Pedrinho* parecem ratificar a circulação do autor por vários estados do País, se não, pelo menos, demonstrar sua rede de sociabilidade nas mais variadas instâncias. Um tentativa, também, de contemplar autores das várias regiões brasileiras.

Merecem destaque ainda os autores que têm seus escritos na *Série* por consecutivas vezes, como: Armando Vila; Pedro Calmon e Correia Jr., com cinco participações cada um (este último, com participação em três livros da *Série*). Autores como José Amarante e Olavo Bilac totalizam quatro participações; o último, com um participação em cada volume da *Série*, ao lado de C. Paula Barros, Rocha Pombo e Viriato Correia, cada um com três participações. Temos os autores Cassiano Ricardo, Clarice Almada, Coelho Neto, Manuel Bandeira, Mario Sette, o casal Narbal e Ofélia Fontes e Olegário Mariano com duas participações. Os demais autores têm uma participação nos livros da *Série*.

Merecem ênfase também as escritoras, uma singela valorização do gênero feminino, já que nos livros de leitura da *Série* figuravam textos de Carolina Horowitz, Cecília Meireles, Clarice Almada, Isabel Vieira Serpa, Joana Bendick, Laura Richards e Ofélia Fontes. É interessante deixar registrada a falta de referenciais biográficos das representantes do gênero feminino. Das sete mulheres que têm excertos de seus textos nos livros de leitura da *Série*, apenas de três é possível localizar informações significativas. Sob este aspecto, Cecília Meireles, e sua obra, é a que mais dispõe de investigações. Ela teve participação no 4º volume da *Série* na lição 66, intitulada *Um menino prodígio*. O texto é uma biografia de Rui Barbosa e versa sobre a infância do autor, suas peripécias vinculadas à leitura e à importância dos livros. A história de vida do autor é um exemplo para as crianças, em particular a desenvoltura adquirida por “esse grande orador, cujos sermões teriam de ficar célebres, pela beleza de sua linguagem, pela elegância de sua composição [...] (MEIRELES *apud* LOURENÇO FILHO, 1966, p. 146), através da leitura de livros considerados célebres, como

trechos de Camões, Padre Antônio Vieira e a Bíblia. Após a lição, segue-se um complemento que funciona como reforço sobre a vida do biografado, visando a chamar a atenção do leitor:

Rui Barbosa, que nasce na Bahia em 1849, e faleceu em Petrópolis em 1923, é uma das maiores glórias nacionais. Foi advogado, político, jornalista, escritor incomparável, deixou uma obra de mais de cem volumes. Rui representa um grande exemplo de trabalho e patriotismo (LOURENÇO FILHO, 1966, p. 147)

Cecília Meireles tornou-se professora do ensino primário cedo, mas também foi poetisa, jornalista e educadora. Segundo Pimenta (2007), transitava com desenvoltura entre os campos da educação e a literatura. “Constitui uma rede de relações com intelectuais brasileiros e estrangeiros a partir de sua atuação em revistas e periódicos de maior circulação no Rio de Janeiro” (PIMENTA, 2007, p. 166). Entre as pessoas que circulam na sua rede de sociabilidades está Lourenço Filho. Ambos são signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova; participam do debate educacional do País e partilham da preocupação com o tema: livros e leituras infantis. Entre 1930 e 1934, Cecília Meireles publica suas perspectivas sobre o campo educacional, bem como aspectos do movimento escolanovista na coluna “Página de Educação”, no jornal *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro

Através da coluna denominada “Comentário” ela firmava suas posições ideológicas e filosóficas, preocupando-se em difundir o ideário da Escola Nova e marcar a posição dos principais reformadores do momento. Cecília trazia uma nova sensibilidade em relação a estas questões, pois todo o seu pensamento e ação foram sempre motivados por temas educacionais, que se resumiam na reforma do homem com o objetivo de se efetuar a reforma da sociedade, e não o inverso (PIMENTA, 2007, 185).

Posteriormente, durante a gestão de Anísio Teixeira como diretor de Instrução Pública do Distrito Federal, organiza e dirige a Biblioteca Popular Infantil, “experiência pioneira no País, concebida como local de encantamento e de pesquisa. Órgão ‘cooperador da educação primária’ -, a biblioteca abriu suas portas no Pavilhão Mourisco” (PIMENTA *apud* SOARES, 2007, p. 259), inaugurada em 1934, mas que em 1937 já conta com 1.500 leitores assíduos. Os laços estreitados nas mais diversas instâncias ligadas à cultura e educação dão indícios da afinidade de Cecília Meireles e Lourenço Filho e dão credibilidade à escolha de uma escritora consagrada na área para compor o *corpus* da *Série*.

Há poucas informações a respeito das demais autoras que figuram nos livros de leitura da *Série Pedrinho*. Sabe-se apenas que Isabel Vieira Serpa e Ofélia Fontes tiveram carreiras vinculadas ao campo educacional.

A primeira, que atualmente é nome de escola no município de Jaraguá/SP, teve sua carreira vinculada ao magistério, possivelmente no ensino primário, pois a lição descrita no 1º volume da *Série* tem caráter lúdico infantil: “Nesta mãozinha direita, eu tenho cinco dedinhos, fazem tudo de uma feita, fazem tudo ligeirinhos! [...]” (SERPA, *apud* LOURENÇO FILHO, 1961, p. 49). Isabel Vieira Serpa foi uma das 64 professoras/es que tiveram sua biografia divulgada no periódico *Jornal dos Professores*, publicação oficial do Centro de Professorado Paulista (CPP). Na coluna Galeria dos Patronos de Escolas, Antônio d’Ávila homenageava os professores e professoras com biografias elaboradas a partir de dados como: “origem familiar, vida e histórico escolar, trajetória e atuação profissional, atributos morais, cívicos e religiosos, entre outros” (TREVISAN, 2006, p. 7). De acordo com esta autora, evidenciava-se na coluna Galeria dos Patronos da Escola, do *Jornal dos Professores*, a representação ideal de ser professor, um modelo de conduta a ser seguido.

Tal como Isabel Vieira Serpa, Ofélia Fontes teve sua carreira vinculada ao campo educacional. Foi poetisa, biógrafa, autora didática, tradutora, professora, etc. Seus escritos abrangem variadas ramificações: são de literatura infanto-juvenil, didáticos, poesia, crônicas, romances, biografias, paradidáticos. Vários deles receberam prêmios de melhor livro. A autora quase sempre escreveu em parceria com o marido Narbal Fontes. O casal tem duas participações inclusive nos livros da *Série Pedrinho*. No 1º volume uma lição que versa sobre o vento de uma maneira lúdica, pois o retrata como menino e o atrativo da história é a sonoridade que imita o vento. “[...] Mas agora eu já conheço. Ésse menino danado: Não quer brinquedo parado, só gosta de movimento! E começo a assobiar, Zizz... zizz... zizz... chamando o Menino Vento; - Menino Vento, venha comigo, vamos brincar!” (*Apud* LOURENÇO FILHO, 1961, p. 96). No 2º volume da *Série*, na lição 42, intitulada *A festa do Brasil*, há uma adaptação da poesia de Narbal e Ofélia Fontes. Trata-se de um texto de perguntas e respostas sobre as características das cidades brasileiras. Começa com o estado do Amazonas e termina no Distrito Federal, capital do País. É um texto dialogado, apropriado para a prática do jogral. Das demais autoras que compõem o *corpus* da *Série Pedrinho*. Carolina Horowitz, Clarice Almada, Joana Bendick e Laura Richards, não foi localizada nenhuma informação, mesmo recorrendo-se a dicionários bibliográficos e a outros meios de identificação. As quatro têm participação no 4º volume: Clarice Almada, com 2 lições (biografia de Aleijadinho e texto que versa sobre a guerra dos Farrapos).

Tendo apresentado a tabela com os 59 autores que Lourenço Filho seleciona para compor a *Série Pedrinho* e algumas informações sobre eles e suas lições nos livros de leitura, serão apresentados a seguir os quatro autores destacados pela presente pesquisa por

apresentarem representatividade na *Série*. São eles: Olavo Bilac, com quatro inserções, uma em cada volume da *Série*, Correia Jr., com cinco trechos de sua obra nos livros de leitura organizados por Lourenço Filho, sendo três inserções no segundo volume, uma inserção no terceiro volume e uma inserção no quarto volume; Pedro Calmon, com cinco contribuições no quarto volume e Viriato Correia com três inserções no quarto volume, conforme tabela 9³⁹:

Tabela 9 - Autores/Lições

Autor/volume	1. Pedrinho	2. Pedrinho e seus amigos	3. Aventuras de Pedrinho	4. Leituras de Pedrinho e Maria Clara
Olavo Bilac	Hino à Bandeira	A casa	Nossa terra	Hino à Bandeira
Correia Júnior	–	Brio de estudante Treze de maio Oração à Bandeira	Minha terra	Amai a escola
Pedro Calmon	–	–	–	O pau Brasil A conquista pelo açúcar O açúcar de tão doce, produziu amarguras Os jesuítas e o ensino Vinda da família real
Viriato Correia	–	–	–	A carta de Pero Vaz Caminha O Amazonas O maior rio Brasileiro

2.1 OLAVO BILAC (1865 - 1918)

O autor merece destaque, pois foi presença constante nos quatro volumes da *Série*, tendo uma poesia transcrita em cada volume. Bilac é autor, junto com Manuel Bonfim, de uma obra muito famosa para crianças intitulada *Através do Brasil*. Obra, de 1910, editada pela livraria Francisco Alves, foi largamente utilizada nas escolas públicas brasileiras. Seu sucesso e circulação pode ser comprovado com as tiragens. Em “1958 o livro estava em sua 43ª edição” (BILAC, BOMFIM e LAJOLO, 2000, p. 21).

O livro, pioneiro na literatura paradidática brasileira, é protagonizado por Carlos e Alfredo, que se aventuram ao mesmo tempo em que aprendem numa viagem de Recife, em Pernambuco, até Pelotas, no Rio Grande do Sul, “num itinerário caprichoso ao qual não falta menção às regiões, então longínquas, do norte e do centro do país” (BILAC, BOMFIM e LAJOLO, 2000, p. 14).

Ainda, segundo a mesma autora, ao contar a história de dois meninos em busca da família, Olavo Bilac e Manoel Bonfim levaram aos estudantes a possibilidade de

³⁹ Para a elaboração da Tabela 9 foram consultadas as edições da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*.

envolvimento emocional com a leitura. Sobre esta *plataforma afetiva* deram o passo seguinte: ofereceram a eles uma possibilidade de descobrir os vários cenários sociais, geográficos e econômicos que compunham o Brasil na época. Como premissa à narrativa, os autores esclarecem na *Advertência e explicação* sobre a obra:

Entretanto, este livro é uma simples narrativa, acompanhada dos cenários e costumes mais distintivos da vida brasileira; e, em verdade, a escola primária deve ensinar muito mais do que aqui se contém, e muito mais do que se possa conter em qualquer livro de leitura. Quando a pedagogia recomendada que as classes primárias elementares não tenham outro livro além do de leitura, não quer dizer com isso que nesse livro único se incluam todas as noções e conhecimentos que a criança deve adquirir. Fora absurdo e impossível. Desde a primeira classe elementar, há de a criança aprender, além da leitura e da escrita, a gramática e a prática da língua vernácula, noções de geografia e de história, cálculo, sistema dos pesos e medidas, lições de coisas – isto é: elementos de ciências físicas e naturais, e preceitos de higiene e instrução cívica (BILAC, BONFIM, e LAJOLO, 2000, p. 44).

Percebe-se na citação dos autores que o livro visava ao ensino enciclopédico através dos ensinamentos que se propunham: leitura, escrita, gramática, geografia, história, matemática, lições de coisas, higiene e civismo ou, pode-se dizer, o acréscimo de base de ensino científico em detrimento da tradição humanística literária.

Pode-se inferir que Lourenço Filho utilizou no terceiro volume da *Série*, intitulado *Aventuras de Pedrinho*, a mesma estratégia de ensino de Bilac e Bonfim. Nas 83 lições, distribuídas em 172 páginas do livro, há todo um itinerário com um misto de aprendizado, conhecimento e curiosidade. Essa estratégia é consagrada desde muito, precisamente na segunda metade do século XIX:

A literatura infantil, nascida para reforçar a escola na função de transformar crianças e jovens em cidadãos e cidadãs, fornecia exemplos recentes e bem-sucedidos de como certos tipos de narrativa podiam ser aliados valiosos em momentos em que a identidade nacional carecia de reforço (BILAC, BOMFIM e LAJOLO, 2000, p. 21)

De acordo com os autores (2000), a genealogia⁴⁰ de *Através do Brasil* é européia. Em 1877, após derrota para Alemanha, a França vislumbra a restauração da soberania nacional no livro *Le tour de la France par deux enfants*, de Augustine Tuillerie, que se valeu do pseudônimo G. Bruno. Assim como a história de Carlos e Alfredo de *Através do Brasil*, “*Le tour de la France par deux enfants* contava as aventuras de dois irmãos que, órfãos, abandonavam a Alsácia ocupada e, no território da França livre, refaziam os laços familiares” (BILAC, BOMFIM e LAJOLO, 2000, p. 22). Outro exemplo de genealogia com função

⁴⁰ *Le tour de la France par deux enfants* (1877) e *Cuore* (1886) parecem constituir matrizes inspiradoras de obras que se transformaram em verdadeiras cartilhas de nacionalidade, como *Através do Brasil* (1910), [...] e outros tantos, corrobora Bastos (2004, p. 3).

equivalente é o livro *Cuore* (1886), de Edmondo de Amicis, porém não há viagem como no *Le tour de la France*, e sim pelas regiões da Itália, que são apresentadas na medida em que são representados o cotidiano de um colégio e seus alunos, acontecimentos esses registrados num diário. De acordo com Bastos (2004):

A obra é um retrato do cotidiano de uma escola pública para meninos, na Itália, nos anos de 1881 e 1882, período pós-unificação. O sumário é dividido pelos meses do calendário escolar, iniciado em outubro e finalizado em julho. O autor entremeia os relatos das ocorrências de vida cotidiana – escolares e familiares, com cartas dos pais e contos mensais [...] com o objetivo de fortalecer o espírito cívico ou as virtudes morais, apelando para o sentimentalismo do leitor e por um otimismo distante da realidade. A intenção do autor é fazer com que o leitor sinta-se um personagem do texto, identificando-se com os personagens e com os eventos cotidianos narrados, para apreender as mensagens morais e cívicas valoradas (BASTOS, 2004, p. 11).

Segundo Bilac, Bomfim e Lajolo (2000), tanto a obra francesa como a italiana são consideradas *leituras de formação coletiva*. Ao multiplicarem seus protagonistas, “refletem a criação da nação, a conquista ou reconquista da identidade nacional, e não mais e não apenas o processo de amadurecimento de um único indivíduo” (BILAC, BOMFIM e LAJOLO, 2000, p. 25).

Aventuras de Pedrinho, o terceiro livro da *Série Pedrinho*, mostra quatro aventuras das férias do protagonista e traz similaridade com o livro de Bilac e Bomfim; por consequência, com as matrizes europeias. Nele, Pedrinho conhece os cenários e costumes das capitais do Norte, Sudeste e Sul do País, além de adquirir conhecimentos científicos, geográficos, históricos, e aprender sobre itens que sugerem o que há de moderno na época: tipos de máquinas, meios de transporte e de comunicação. As crianças que lêem o livro, de lambuja descobrem o Brasil ao longo das aventuras e ensinamentos durante todo o itinerário do menino Pedrinho pelas cidades brasileiras.

Segundo Lajolo, um dos autores de *Através do Brasil* se destacava como:

Homem público, de currículo ilibado, militante da causa educacional, com carreira no serviço público em cargo ligado à educação, não faltava a ele nem a aura da poesia, nem a garra do jornalismo. Olavo Bilac foi dos poetas brasileiros com quem os leitores mais se identificavam, e essa identificação cimentava-se ainda mais pela colaboração assídua do poeta na imprensa, onde era cronista requintado e atento (BILAC, BOMFIM e LAJOLO, 2000, p. 20).

Diante das constatações, pode-se vislumbrar por que Lourenço Filho privilegiou esse autor e não outro para contribuir de forma tão incisiva nos quatro livros da *Série*. Com historietas que incentivavam uma vida social útil e prática, Lourenço Filho acreditava na

“reforma da sociedade pela reforma do homem” (SOARES, 2006, p.514). Dessa maneira, os livros da *Série* assumiam relevante papel.

Quando Lourenço Filho prescreve no primeiro livro que o diferencial da *Série* é ser a “primeira a cuidar de problemas das relações humanas no lar, na escola e na vida social” (LOURENÇO FILHO, 1961, p. 130), o autor pretende, com as lições contidas na *Série*, prescrever itens úteis e práticos para a vida das crianças. Tal intuito reflete a “Advertência e explicação” contida no livro de Bilac e Bonfim lançado em 1910, que diz: “[...] que é a grande aspiração do ensino primário: que a Escola ensine a conhecer a natureza com a qual a criança está em contato, e a vida que ela tem de viver e da qual já participa” (BILAC, BOMFIM e LAJOLO, 2000, p. 51).

Lourenço Filho, na época em que esteve à frente da Biblioteca Infantil da Melhoramentos, chegando a emitir centenas de pareceres, fomentou iniciativas para formar novos leitores. Soares (2007) argumenta que em seus pareceres eram privilegiados textos que oferecessem passagens que apresentassem experiências emocionais sem causar impressões profundas, sem sugerir rebeldia, contribuindo, assim, para a formação dos leitores:

A formação da “vontade” livre e autônoma na criança, orientada para a moralidade e para a progressiva adaptação do indivíduo a seu meio social [...] seria beneficiada pela diversificação dos campos de atividades educacionais que se lhe abriam [...], aproximando essas experiências daquelas reservadas pela vida real. A socialização do indivíduo, acreditava Lourenço filho, era produto de “forças múltiplas”, e não apenas do trabalho escolar (SOARES, 2007, p. 349).

Tal assertiva figura também na *Série Pedrinho*. Essa formação “livre e autônoma” é acompanhada de restrições. Segundo Soares (2007), Lourenço Filho argumentava em seus pareceres pela presença de temas delicados nomeados de forma delicada, chegando a recomendar em um dos pareceres “que o livro feche com a sugestão de paz e harmonia que o restabelecimento dos laços de família podem trazer” (Lourenço Filho *apud* SOARES, 2007, p. 358). De maneira geral, tantos nos livros de literatura infantil, dos quais foi parecerista, quanto na *Série Pedrinho*, os temas são tratados leveza, graça e harmonia, fazendo com que seus leitores acreditassem na vida, no bem e tivessem uma formação harmônica.

Nas lições consultadas dos livros da *Série*, os temas “guerra” e “revolta” são apresentados para engrandecer os vultos da “nossa pátria mãe gentil”. Não há menção em toda *Série Pedrinho* de situações conflituosas entre os personagens. Prepondera entre os irmãos, amigos, família, sempre situações harmoniosas, de gentileza, de cordialidade. Em similitude ao que propunha Bilac em *Através do Brasil*, mesmo com todas as adversidades encontradas pelos irmãos Carlos e Alfredo, permanece uma atmosfera emotiva recheada de sentimentos,

tais como amor, bondade, resignação, lealdade. Os próprios autores explicitam na obra: “Também quisemos que este livro seja uma grande lição de energia, em grandes lances de afeto. Suscitar a coragem, harmonizar os esforços, e cultivar a bondade – eis a fórmula da educação humana.” (BILAC, BONFIM e LAJOLO, 2000, p. 46).

Dando prosseguimento à participação de Olavo Bilac, o primeiro livro da *Série*, intitulado *Pedrinho*, traz na última página a transcrição do *Hino à Bandeira Nacional*, letra do citado autor. No segundo volume – *Pedrinho e seus amigos* -, encontra-se transcrito o poema *A casa*, no terceiro volume – *Aventuras de Pedrinho* -, Bilac comparece com a poesia *Nossa Terra* e, no quarto, denominado *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*, ele é mais uma vez prestigiado com a transcrição do *Hino à Bandeira Nacional*, símbolo nacional cultivadíssimo.

Certamente, não se podem afirmar categoricamente os motivos de sua presença na *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, de Lourenço Filho, mas podem-se levantar indícios, vestígios de alguns sentidos para explicar essa companhia constante, principalmente, se levarmos em conta o sucesso editorial de sua obra com Manuel Bonfim, que objetivava falar ao mundo próprio da criança, ainda que em outro tempo histórico, mas com objetivos coincidentes com os da obra de Lourenço Filho.

Com relação aos temas subtraídos da obra de Bilac, persiste uma tendência de *missão* patriótica e cívica que se manifesta pela presença de hinos pátrios, como a transcrição por duas vezes, em volumes diferentes, do *Hino à Bandeira Nacional*. A exaltação da natureza brasileira (terra, matas, céu, ar) é proclamada pela grandiosidade da *Nossa terra*, através do poema, cuja estrofe inicial pode ser considerada uma marca geracional:

Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!
 Criança, não verás país nenhum como este!
 Olha que sol! que mar! que rios! que floresta!
 A natureza, aqui, perpétuamente em festa,
 [...]
 Criança! não verás nenhum país como este
 Imita na grandeza a terra em que nasceste!

(BILAC *apud* LOURENÇO FILHO, 1961, p. 172).

Tal consagração ao nacionalismo emerge nos primeiros escritos pedagógicos de Lourenço Filho, como constata Lêda Maria Silva Lourenço (1997), que analisou artigos de jornais publicados no período de 1915 a 1921, com o intuito de identificar suas ideias. De acordo com a autora, em quase todos os seus artigos para jornais, especialmente naqueles escritos em 1917 e 1918, o tema nacionalismo está presente e o autor esclarece seu significado num dos artigos:

Nacionalismo no sentido de cultivar algo comum, esse algo que tem suas origens no passado. Nacionalismo no sentido de aproximar irmãos e despertá-los para a resolução dos problemas brasileiros. Nacionalismo que seja 'patriotismo são, sem pieguices, nem fanfarronadas...'. Nacionalismo que impõe o *cultivo da língua nacional, os estudos de geografia e os de história do Brasil*. Nacionalismo que supõe *alfabetização* e nacionalização do brasileiro. Nacionalismo que implica voltar-se para os problemas brasileiros buscando *soluções brasileiras*. Nacionalismo que não se opõe à solidariedade humana (LOURENÇO *apud* LOURENÇO 1997, p. 48).

No segundo volume, a transcrição do poema *A casa*, com nítida conotação religiosa, em uma *Série* que se pautava pela laicidade, reforça a possibilidade de a presença de Olavo Bilac ser um pretexto legitimador de um projeto nacionalista e educativo, conjugado às civilidades propiciadas pelo ambiente familiar:

Deves amar, criança, a tua casa!
 Ama o calor do maternal carinho!
 Dentro da casa em que nasceste, és tudo...
 Como tudo é feliz, no fim do dia,
 quando voltas das aulas e do estudo!
 Volta, quando tu voltas, a alegria!
 Aqui deves entrar, como num templo,
 com alma pura e o coração sem susto.
 Aqui recebes da Virtude o exemplo,
 aqui aprendes a ser meigo e justo.
 Ama esta casa! Pede a Deus que a guarde,
 pede a Deus que a proteja eternamente!
 [...]
 Ama, criança, a casa em que nasceste! (BILAC *apud* LOURENÇO FILHO, 1958, p. 28)

Nestes versos, o poeta fala a uma criança, com tratamento na segunda pessoa (tu), o que mostra um estilo imperativo, tentativa de ser coloquial, em uma narrativa mais familiar, associada a exemplos de força, fé e perseverança, na intenção de levar as crianças a observar seu entorno, a valorizar a vida familiar e, assim, facilitar sua socialização e aprimorar sua civilidade. Os laços de família são valorizados, assim como os bons sentimentos.

Feitas estas considerações, podem-se vislumbrar alguns indícios da ação de Lourenço Filho na escolha de um diálogo com Bilac para contribuir nos quatro livros da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*. É interessante ressaltar a coincidência da Medicina (inacabada) e do Direito nas carreiras de ambos e, principalmente, a preocupação com a educação brasileira.

A frequência de Olavo Bilac nos quatro volumes da *Série* integra uma constelação de leituras e autores escolhidos por Lourenço Filho. Sua presença leva a considerar que em ambos é possível encontrar similitudes de atuação no campo educacional. A ideia de patriotismo, materializada no conhecimento dos símbolos nacionais (*Hino Nacional*

Brasileiro), no caráter laudatório à natureza (*Nossa Terra*) e no respeito às instituições como a família (poesia *A casa*) guiam estes projetos editoriais, ainda que em tempos diversos.

2.2 CORREIA JÚNIOR (1900 - 1940)

Destaca-se por contribuir com cinco textos nos livros de leitura da *Série*, com exceção do primeiro volume. Desses cinco textos, três estão no segundo volume. A abordagem recai sobre temas como a distinção do estudante, história do Brasil, patriotismo, e valorização da escola e do livro (considerado um amigo).

O que chama a atenção nas contribuições de Correia Jr. são os resquícios de religiosidade de dois textos numa proposta de educação republicana, que primava pela laicidade.

A primeira contribuição de Correia Júnior no segundo volume da *Série* refere-se a uma poesia intitulada *Brio de estudante*, que versa sobre a primeira vivência de Zêzinho, irmão mais novo de Pedrinho, na escola. É neste segundo volume que os três irmãos frequentam a escola, pois no primeiro volume os indícios são de apenas dos dois irmãos mais velhos, Pedrinho e Maria Clara, irem à escola. Nesta poesia, o menino volta cabisbaixo e de cara feia da escola e é consolado pela irmã, pela mãe e até pelo cachorro Veludo. O motivo de tanto desgosto por parte de Zêzinho é ter tirado nota baixa por ter errado a lição inteira:

Chega da escola o Zêzinho,
Vem cabisbaixo, bem mudo...
Em vão, à porta, o Veludo
agita alegre o rabinho.

Em vão, lá dentro risonha
a irmãzinha o beija e abraça.
Ninguém há que lhe desfaça
a teimosa carantonha!

Ninguém! De cara fechada,
Zêzinho a todos resiste...
E a Mamãe ao vê-lo triste,
fica surpêsa e magoada.

“Por que assim tão descontente,
voltou da escola o Zêzinho?”
ela pergunta. E, baixinho,
ei-lo confessa o que sente:

È que, pela vez primeira,
sofrera amarga derrota,
tendo nas aulas má nota,
errando a lição inteira!

E dizendo isto, o coitado
jura à Mamãe, que o consola,

que êle vai ser, lá na escola,
o aluno mais aplicado

(CORREIA JR. *apud* LOURENÇO FILHO, 1958, p. 42-3).

Lourenço Filho utiliza-se da lição para alguns ensinamentos. Dentre eles, reforçar um modelo de estudante a ser seguido. Na lição, o menino Zêzinho sente-se envergonhado pelo comportamento na escola e caracteriza o fato de ter tirado nota baixa como “amarga derrota”. Ao fim da poesia promete à mãe ser um aluno aplicado. Com a poesia, estimula-se o aluno a ser bom, a ter brio, dignidade, valores que asseguram a construção de um bom cidadão.

Após a lição, na parte dedicada aos exercícios, o autor diferencia os tipos de textos, pois descreve a poesia de Correia Júnior em forma de prosa. É notória pela disposição dos dois textos a diferença que o autor se propõe a apresentar dos gêneros literários, pois a poesia está disposta em seis estrofes de quatro versos, com algumas palavras rebuscadas, e a prosa é apresentada de forma contínua, com algumas palavras simplificadas. Como exemplo, tem-se o verso “Ninguém há que lhe desfaça a teimosa carantonha!”, que na prosa é simplificado para “Ele continua de cara zangada”. Tanto no primeiro quanto no segundo volume, o autor apresenta poesias; porém, é a primeira vez que se faz uma diferenciação de gênero literário na *Série*. Há ainda um item no final que explica os significados das palavras mais rebuscadas utilizadas na poesia. De maneira coloquial, o autor esclarece o título da lição: “Explicação: Quando uma pessoa não quer ter defeitos, e sente que deve esforçar-se para ser bom, diz-se que ela *tem brio*, que *tem dignidade*. É o caso que se conta do Zêzinho nesta poesia” (LOURENÇO FILHO, 1958, p. 43). A *Série* prima pela educação do caráter das crianças leitoras.

Se fôssemos levar em consideração o título da pesquisa, poderíamos dizer que Correia Júnior é um dos autores com quem Lourenço Filho realmente estabelece um “diálogo”, pois a lição aparenta ser feita especialmente para o livro. A poesia de Correia Júnior contém os nomes dos personagens do livro, respeita a sequência das histórias, pois só neste segundo volume o menino Zezinho vai para a escola, acata os ensinamentos, pois, apesar de o primeiro volume conter diversas poesias, somente neste segundo foi dada uma explicação plausível sobre sua diferença em relação a outros gêneros literários. Porém, se levarmos em conta o ano de morte do autor – 1940 - e o ano de lançamento no mercado editorial brasileiro do segundo volume – 1954 –, poderemos desconfiar desse diálogo.

A expressão “diálogo”, no título de nossa pesquisa, é atribuída aos trechos de obras já escritas e publicadas por diversos autores consagrados na literatura brasileira, que Lourenço Filho seleciona para compor os livros de leitura da *Série*. Este diálogo é possível na medida

em que o organizador da obra utiliza seus escritos nas lições da *Série Pedrinho*. Isso não quer dizer que efetivamente Lourenço Filho tenha mantido uma rede de sociabilidade com todos eles, até porque os autores são de diferentes épocas. Voltando à poesia *Brio de estudante*, de Correia Júnior, tudo leva a crer no possível diálogo entre os dois. Pelas datas, porém, no ano de publicação do segundo volume da *Série* o autor já havia falecido. É interessante ressaltar também a distância geográfica entre eles e a persistente permanência de Correia Júnior em Curitiba, dificultando os laços. Então, pode-se admitir, por parte de Lourenço Filho, uma adaptação com a poesia do autor (prática recorrente nos livros de leitura) ou até mesmo, estratégia do organizador, que tenha colocado seu nome para dar credibilidade às poesias da *Série*.

No segundo volume, igualmente, a transcrição de excertos do poema *Treze de maio*. O poema fica na parte dedicada aos exercícios, após lição 22, *Trabalho escravo*, e glorifica a princesa Isabel pelo feito da lei assinada no dia treze de maio, razão do título do poema. Ilustrando a lição, temos a princesa Isabel e, na poesia de Correia Júnior, a figura de algemas que se arrebentam, como representação da libertação dos negros escravizados. Assim como em outras lições da *Série*, os feitos relacionados à história do País são imbuídos de heroísmo, como no poema:

Glória à Princesa Isabel,
a redentora imortal,
que a escravidão extinguiu
em nossa terra natal!
Glória ao seu nome querido
e à sua amada memória
que hão de brilhar para sempre
no livro de nossa história!

(CORREIA JR. *apud* LOURENÇO FILHO, 1958, p. 49).

O sentimento nacionalista vem à tona com a terceira contribuição de Correia Júnior no final do segundo volume da *Série*, a lição 60, intitulada *Oração à Bandeira*, que fecha o livro *Pedrinho e seus amigos*. Configura-se, nesta lição, uma tendência de missão patriótica por valorizar o símbolo máximo do País, a bandeira brasileira. É nela também que se insinua, em oposição à palavra paz, a expressão “guerra”, que por tão poucas vezes se faz presente ao longo da *Série*.

Bendita sejas tu, linda Bandeira,
da minha Terra sem-par!
Símbolo do Brasil, flor altaneira,
que, no galho mais tôsko de madeira,
fulguras como um altar!

Bendita seja a Pátria que se encerra
 nesse teu manto anil!
 Tu, que és pura na paz, como na guerra,
 és o espelho do céu de minha Terra,
 o coração do Brasil

(CORREIA JÚNIOR *apud* LOURENÇO FILHO, 1958, p. 127).

O que chama a atenção nas contribuições de Correia Júnior são os resquícios de religiosidade em dois textos de uma *Série* considerada laica. Trata-se das lições contidas nos terceiro e quarto volume. No terceiro livro, *Aventuras de Pedrinho*, na lição *Minha terra*, os versos vinculam-se à formação do sentimento de nacionalismo com a exaltação da natureza. Em caráter laudatório, a terra brasileira é linda, grande e gloriosa e suas belezas naturais são exaltadas e têm “o sorriso de Deus na amplidão” (CORREIA JR. *apud* LOURENÇO FILHO, 1961, p. 90). Para além da conotação com a natureza, a formação do cidadão patriótico se dá nos versos que inspiram verdadeiros sentimentos nacionalistas:

[...]
 É grande a minha terra:
 grande, pelos tesouros que ela encerra:
 pelo seu coração, puro e leal;
 pela fé que palpita no seu povo;
 pelo seu sangue heróico, ardente e novo,
 pela sua nobreza sem rival

(CORREIA JR. *apud* LOURENÇO FILHO, 1961, p. 90).

Das cinco transcrições de poesias do autor, a que remete à prática da leitura consta no quarto volume, *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*, livro que, por ter o maior percentual (87%) de contribuições de outros autores, sugere a ampliação dos laços literários por parte de quem lia, fosse na educação escolarizada ou fora dela. Como sugere o autor nas atividades de finalidade literária, na obra *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, “serão todas quantas, associadas a outras atividades, importem em projetos de linguagem, redação, leitura, recitação, composição de histórias, etc.” (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 211).

A poesia *Amai a escola* é a quarta lição do livro e prescreve um amor quase incontestável pela escola, pelo saber, pelo livro. Também sugere um sentimento patriótico e doutrinado:

Amai, meninos, a escola!
 O livro as almas consola
 e é um grande bem a lição.

O mestre que vos ensina,
como um sol, vos ilumina
para os dias que virão.

Deixai que o estudo floresça
que em cada infantil cabeça
acorde um pátrio louvor;
que em cada alma de criança
desabroche uma esperança,
num sorriso promissor!

O livro, sincero amigo,
tem sempre aberto um abrigo
que à Bondade nos conduz.
É nêle que a dor se cala,
que apenas o saber fala,
que a treva aprende a ser luz...

Amai, na escola, êsse guia
que, com suave energia,
das letras retira o véu...
A escola em templo se muda,
e a cada lábio que estuda
Deus manda um beijo do céu!

(CORREIA JR. *apud* LOURENÇO FILHO, 1966, p. 13).

Percebem-se também na lição resquícios de religiosidade, pois, no último verso, “Deus manda um beijo do céu” a todas as crianças que estudaram com afinco, que fizeram do livro um amigo, que fizeram da escola um templo. No próprio exercício que se dá depois da lição, especificamente no item *Explicação*, o autor pondera: “*A escola em templo se muda* quer dizer: a escola se transforma num lugar sagrado como a igreja” (LOURENÇO FILHO, 1966, p. 13).

As contribuições de Correia Júnior na *Série* reforçam sentimentos como amor, respeito, bondade, sobretudo no que se diz respeito à escola e ao livro. A escola é apresentada como templo do saber, comparada à igreja. O livro, “sincero amigo” da criança, conduz à bondade e ao saber; nele tudo se ilumina, pois “treva aprende a ser luz” (CORREIA JR. *apud* LOURENÇO FILHO, 1966, p. 13).

As duas lições que versam sobre temas relacionados à escola e ao livro - *Brio de estudante* e *Amai a escola* - são apresentadas de forma a sensibilizar o leitor. Nelas preponderam a disciplina, a obediência, o respeito ao mestre, o amor incondicional à escola e a abnegação para o bem: ser um bom aluno e, posteriormente, um bom cidadão. O sentimento nacionalista também é recorrente nas lições atribuídas a Correia Jr. A pátria é representada na *Oração à Bandeira*, símbolo máximo nacional. A poesia *Minha terra* traz características da natureza do País, com pinceladas de expressões que impõem o patriotismo: tesouro, coração, fé, sangue heróico, etc. Por fim, a lição *Treze de maio* cultua o heroísmo da princesa Isabel.

Assim, pode-se inferir sobre a constante presença de Correia Jr nos livros de leitura da *Série*. São cinco contribuições atribuídas a ele. Seus escritos tinham semelhanças com o que Lourenço Filho almejava para a *Série Pedrinho*.

2.3 PEDRO CALMON (1903-1985)

Também teve cinco excertos de textos nos livros da *Série Pedrinho*, porém, todos no quarto volume, *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*. Os temas selecionados por Lourenço Filho são uma revisita à temática da obra de Pedro Calmon, que foi historiador, advogado, professor, escritor – profissões exercidas concomitantemente. O autor transitou nas mais importantes instâncias devido às suas profissões. De acordo com Hirschowicz (1949), foi professor catedrático, diretor e reitor da Universidade do Brasil, membro titular e presidente da Academia Brasileira de Letras, membro da Ordem dos Advogados Brasileiros, membro do Instituto Nacional de Ciência Política, membro e orador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ministro da Educação no governo Dutra (1946) e no governo Juscelino (1956). Devido ao valor de sua extensa obra, ganhou o prêmio Moinho Santista em 1983, na categoria História do Brasil.

Pedro Calmon pode ser considerado o autor com quem Lourenço Filho realmente “dialogou” e com quem partilhou de sua rede de sociabilidade. Ambos têm o Direito em suas carreiras. Ambos tiveram livros editados pela Melhoramentos – quiçá uma forma de prestigiar a Editora. Ambos ocuparam-se de maneira expressiva com a educação brasileira, especialmente por participar da tramitação e aprovação da Lei de Diretrizes e Bases – LDB 4024/61⁴¹.

Seus textos, selecionados por Lourenço Filho para figurar na *Série*, são de caráter histórico, tal como parte de sua obra, que desde o início teve predileção por assuntos de Direito, de ficção literária e, especialmente, de História. Sobre seus primeiros escritos, Araújo revela:

“Calmonzinho”, como lhe chamavam os companheiros da redação, sempre introduzia tópicos de história nos seus textos. A predileção dos temas comportava façanhas de heróis patrióticos, a defesa das artes nacionais e a pintura do cotidiano

⁴¹ De acordo com Montalvão (2010), no governo Dutra, o então Ministro da Educação Clemente Mariani instituiu uma comissão para elaborar o anteprojeto de lei para a educação do País. Tal comissão foi presidida por Lourenço Filho e composta por nomes como Fernando Azevedo, Alceu Amoroso Lima, Pedro Calmon, Almeida Jr., entre outros. O texto foi concluído em 1948; porém, somente em 1961 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 4024/61 - foi aprovada.

de um passado escravagista por entre as ruas e sobrados de Salvador e do Rio de Janeiro, ou nos engenhos do interior da Bahia (ARAÚJO, 2006, p. 26).

As lições do quarto volume da *Série*, em forma de narrativas, ocupam duas páginas, diferentemente de outros volumes, em que as lições na maioria das vezes ocupavam uma página apenas. Tais lições vinculam-se à história do Brasil colônia, com temas sobre riquezas do País (pau-brasil, açúcar), miscigenação, escolarização (jesuítas), vinda da família real, ou seja, temas com os quais o historiador estava habituado devido à sua extensa biografia.

Na lição 11, *O pau-brasil*, o autor trata do primeiro “produto” nacional, o que deu nome ao nosso País. Atrelada à lição, a história da civilização brasileira, um tema muito caro ao autor, pois fala das gentes que deram origem ao povo brasileiro. “O pau-brasil foi o que houve aqui de mais proveitoso para os portugueses, e também para franceses, ingleses e espanhóis” (CALMON *apud* LOURENÇO FILHO, 1966, p. 28). O autor descreve ainda sobre outros continentes, como Ásia, Europa, sobre expedições, exploração da madeira. Também versa sobre os índios, tratados ora como guerreiros (“Os franceses tiveram a arte de intrigar os seus aliados indígenas contra os concorrentes que, por seu lado, faziam aos intrusos uma guerra mortal”), ora como ingênuos (“Trocavam os índios o pau-brasil pelos pequenos presentes que os estrangeiros lhes traziam [...]”) (CALMON *apud* LOURENÇO FILHO, 1966, p. 28-9). Apesar de mencionar a expressão “guerra”, o que prevalece na lição é a cordialidade entre os povos, são as riquezas das terras brasileiras, “relatos sobre o episódio inicial da nossa história”.

A décima quinta lição, intitulada *A conquista pelo açúcar*, é uma continuidade do primeiro excerto atribuído a Pedro de Calmon, assim como as outras lições. As cinco lições têm assuntos que se entrelaçam e contam a história do Brasil colônia. Na lição 19, *A conquista pelo açúcar*, o autor versa sobre uma circunstância que modificou a história do Brasil, a lavoura de cana e a fundação de engenhos de açúcar. Tal feito tem importância econômica e social para o País, pois gera lucros: “Vendendo com muito lucro o seu açúcar, compraram belas coisas na Europa, com que tornaram confortável e ostentosa a sua vida”. Nas imediações do plantio prosperam vilas: “Os engenhos cresceram e transformaram-se em pequenas vilas: algumas foram superiores às vilas de verdade”. Mas na narrativa ficam claros alguns fatos, como, por exemplo: o Brasil está subjugado a Portugal: “Este produto alcançou na Europa preços tão altos que, em breve, os proprietários dos engenhos estavam ricos, o comércio florescia e o Brasil passava a render muito para Portugal”; no Brasil há escravidão: “Escravos, índios ou prêtos” (CALMON *apud* LOURENÇO FILHO, 1966, p. 36-7); nas

fazendas há divisão entre casa grande e senzala. Esta última caracterização, porém, fica ocultada na narrativa:

A casa do dono do engenho mudou-se na casa-grande, espécie de palácio campestre, ao pé da qual ficou a capela, onde o capelão do engenho ensinava a doutrina cristã. As casas dos trabalhadores da terra, que eram escravos, índios ou prêtos, estendiam-se dos lados, e junto ao rio, pois a fábrica devia aproveitar a fôrça da água para fazer girar as suas moendas” (CALMON *apud* LOURENÇO FILHO, 1966, p. 36-7).

Na lição 19, *O açúcar, tão doce, produziu amarguras*, há continuidade do tema acima mencionado, com destaque para a escravidão, que o autor vê como “infelicidade” pelo tempo que durou e que teve por consequência a mestiçagem. A mistura de raças, segundo a lição atribuída a Calmon, se dá pela necessidade de plantio da “primeira grande riqueza do Brasil”. Primeiramente, os portugueses tentam atrair os índios de forma amigável:

Os portugueses procuraram atrair os índios à vida do trabalho organizado. Para isso, faziam amizade com os caciques e se casavam com suas filhas. Dessa união, nasceram os primeiros mestiços, chamados a princípio de *mamelucos*, e depois caboclos. Esses mestiços foram os primeiros brasileiros. Representavam a ligação das duas raças, a que vinha da Europa e a que aqui já existia. Ligação não só de sangue, mas de costumes (CALMON *apud* LOURENÇO FILHO, 1966, p. 45).

A partir deste contato, segundo a lição, passaram a existir os primeiros brasileiros, que herdaram características singulares dos povos indígenas e dos portugueses. Apesar de as plantações prosperarem, não havia mais índios dispostos a “trabalhar” para os colonizadores. As tribos cada vez mais se afugentavam para o interior do País. Esse foi um dos motivos para que, em certa época, o fornecimento de escravos índios cessasse. Nessa parte da lição emerge, de certa maneira, um feito heróico, pois outro motivo para a suspensão da escravização dos índios é o protesto dos padres jesuítas:

Os padres jesuítas vieram com o 1º governador-geral do Brasil, no ano de 1549. Representantes da religião, pregavam os bons costumes e a boa compreensão que deve reinar entre os homens. Não podiam ser pela escravidão dos indígenas, como de ninguém. Chegaram mesmo a conseguir do rei de Portugal o reconhecimento da liberdade dos índios (CALMON *apud* LOURENÇO FILHO, 1966, p. 46).

No último parágrafo da lição, o autor dispensa comentários sobre a “amargura” da escravização negra no País e diz que ela “infelizmente aqui existiu por muito tempo, ou até 13 de maio de 1888” (CALMON *apud* LOURENÇO FILHO, 1966, p. 46).

O texto que sugere a prática de leitura é a lição 41, *Os jesuítas e o ensino*. Nela se afirma que os professores “ensinavam primeiras letras e catecismo aos meninos” (CALMON *apud* LOURENÇO FILHO, 1966, p. 91). Tal discurso aponta para a cultura escolar

vivenciada na época, tanto na prática pedagógica descrita na lição, como nos objetos escolares que a ilustração apresenta emblematicamente.



Figura 9 - Ilustração na Lição 41. Os jesuítas e o ensino, no quarto volume
 FONTE: Lourenço Filho, 9ª edição, 1966, p. 91.

A lição é sobre a instrução no Brasil no período colonial é, de certa forma, laudatória à “missão” dos jesuítas:

Nos tempos coloniais, não havia pròpriamente instrução popular. Os professôres da mocidade eram apenas os jesuítas. Tinham os seus colégios nas principais regiões do Brasil e também em numerosas aldeias e fazendas. Ensinavam primeiras letras e catecismo aos meninos, e aos rapazes que podiam ir adiante davam aula de gramática latina, de rudimentos de ciências e doutrina da religião. Igualmente os educavam quanto às maneiras, aos trabalhos usuais e à conduta que deviam ter em sociedade. [...] A obra educativa dos jesuítas foi importantíssima, porque não se contentaram em abrir colégios nas vilas. Penetraram em todos os rumos no país, doutrinando aos índios e aos filhos dos portugueses. E tanto lhes ensinaram linguagem e cantos, como as artes manuais e os trabalhos nos campos (CALMON *apud* LOURENÇO FILHO, 1966, p. 91-2).

A lição 48, *Vinda da família real*, é uma narrativa que versa sobre a disputa de território europeu e, por consequência, sobre a vinda da família real portuguesa para o Brasil. Segundo o texto, tal fato histórico trouxe progresso ao País e foi um dos episódios mais belos de nossa história:

Começou então uma era de extraordinário progresso para a colônia. D. João seguiu para o Rio de Janeiro, onde instalou a sede do seu reinado. O Brasil deixava momentâneamente de ser colônia para ser metrópole. Talvez sem esperança de voltar ao seu trono em Portugal, o príncipe regente cuidou de criar todos os serviços públicos necessários a um país civilizado. Tudo mudou para os brasileiros. Os ingleses passaram a negociar diretamente com o Brasil. Os produtos da terra valorizaram-se. A lavoura e a indústria se desenvolveram. Foi um dos períodos mais belos da história pátria (CALMON *apud* LOURENÇO FILHO, 1966, p. 106).

As considerações permitem-nos perceber a ação de Lourenço Filho na escolha de Pedro Calmon para um “diálogo” na *Série Pedrinho*, especialmente no quarto volume, que detém 87% de contribuições de outros autores, conformando uma iniciação literária. O quarto volume traz cinco excertos de textos de Pedro de Calmon postados em diversas instâncias. Sua participação dá credibilidade à *Série*, notadamente pelos textos de cunho histórico, especialidade do autor, que era historiador consagrado e sua presença pode estar assegurada pelo fato de escrever especificamente sobre História do Brasil, de forma a sacralizar a Pátria, seus heróis e seus feitos.

2.4 VIRIATO CORREIA (1884-1967)

É o último dos escolhidos para compor esse item da pesquisa, embora não menos importante. O autor faz parte da constelação de homens de letras que Lourenço Filho seleciona para “dialogar” na *Série Pedrinho* e contribui com três textos, no quarto volume *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*. Os excertos de Viriato Correia são verdadeiras consagrações ao nacionalismo e, principalmente, de exaltação à natureza brasileira.

O autor do interior do estado do Maranhão foi jornalista, professor, escritor, deputado federal, bacharel em Direito, membro da Academia Brasileira de Letras. Desenvolveu as atividades de redator nos diversos jornais do Rio de Janeiro: “União, Gazeta das Notícias, Correio da Manhã, Fafazinho, Folha do Dia, A Rua, A Noite, A Manhã” (HIRSCHOWICZ, 1949, p. 311) e ainda colaborou em diversos jornais do Brasil. Escritor de extensa biografia, seus livros foram publicados pela Companhia Editora Nacional. Entre eles está *Cazuza*. “Um dos aspectos mais importantes do livro *Cazuza* é o fato de ele ser revelador da cultura escolar brasileira do século XIX, ao mostrar práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula e os saberes a serem aprendidos pelos alunos” (FERNANDES, 2009, p. 87).

Na lição 9, *A carta de Pêro Vaz de Caminha*, o autor versa sobre um fato histórico do Brasil, a carta enviada a Dom Manuel. Sobre a carta, o autor adverte: “É um verdadeiro hino à terra brasileira. Talvez o maior poema que se escreveu cantando a nossa terra” (CORREIA *apud* LOURENÇO FILHO, 1966, p. 23). Para o autor, Caminha via o País com olhos de poeta e ficou enamorado da terra, descrevendo-a com entusiasmo e amor:

Os índios diz êle, têm ‘bons rostos, bons narizes e os corpos seus são tão limpos, tão gordos e tão formosos que não se pode mais ser’. Tudo, em nossa terra, lhe parece maravilhoso, tudo: os camarões, os papagaios, os riachos, as pombas, a baía de Pôrto Seguro, ‘tão grande e tão formosa e tão segura’ que dentro dela caberiam ‘mais de

duzentos navios e naus'. 'O arvoredo em que os homens das naus vão folgar', diz êle, 'é tanto e tamanho e tão basto e de tantas folhagens que lhes não pode o homem dar conta'. Até pelo nosso clima, que muita gente dez ser áspero, êle se mostra encantado quando afirma: 'A terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados, como os dentre Douro e Minho'. E no fim da carta, Caminha solta aquêlo brado de entusiasmo que hoje todos os brasileiros sabem de cor. - Qual é?... indagou o **Neco**. - Êste: '**A terra em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo**'. Sabem o que é que quis dizer com isso? Que se nós, os brasileiros, quisermos trabalhar, viveremos num paraíso, porque Deus nos deus a melhor terra do mundo (CORREIA *apud* LOURENÇO FILHO, 1966, p. 23-4).

O trecho acima é um excerto do livro *História do Brasil para crianças* (1934), de Viriato Correia, publicado pela Companhia Editora Nacional. Quem indaga sobre o brado na narrativa é Neco, um dos personagens desse livro. Fernandes (2009) destaca, sobre Neco, "que estava a mudar os dentes e tinha a voz fanhosa e fungava muito". Para o autor, a obra é uma narrativa histórica:

Em 59 capítulos, vovô conta praticamente toda a História do Brasil, desde a expansão marítimo-comercial européia do século XV, que resultou no descobrimento do Brasil, até o 15 de novembro, quando o país se tornou República. Neste aspecto, o livro assemelha-se bastante a um manual didático usado nas escolas primárias da época e, mais ainda, está de acordo com os programas curriculares para o ensino de História (FERNANDES, 2009, p. 252).

Os outros dois textos selecionados para compor o quarto livro de leitura da *Série Pedrinho* são também retirados do livro *História do Brasil para crianças*. Os personagens de de sua obra, não só as crianças – Nhonhô, Mariazinha, Neco e Pedrinho -, como o narrador da história - o vovô, fazem parte da narrativa na lição 55, *O Amazonas*, e na 56, *O maior rio brasileiro*. Nas duas lições, consagra-se a natureza brasileira representada pelo rio Amazonas. Por ele são descritas suas características geográficas, além de comparações com outros rios do mundo. Finaliza: "O Amazonas é um dos rios mais navegáveis do mundo. É navegável numa extensão de 4 mil quilômetros. E nas suas águas podem viajar os maiores navios que andam no mar" (CORREIA *apud* LOURENÇO FILHO, 1966, p. 122). Porém, a sentença de maior rio do mundo fica com o Rio São Francisco, depois de longo debate entre vovô e as crianças:

- Algum de vocês saberá qual é o maior rio brasileiro? A Mariazinha empinou a cabeça: - Ora, Vovô, isso é pergunta que se faça?! Não há quem não saiba isso. É o Amazonas. - Enganou-se, minha menina. O Amazonas é o maior rio que atravessa o Brasil. Mas o Amazonas não é um rio genuinamente brasileiro: nasce em país estrangeiro e corre também em território estrangeiro. O Pedrinho disse com segurança: - O maior rio brasileiro é o São Francisco. - É o São Francisco, confirmou o velho. Nasce em terra brasileira, corre exclusivamente em terra brasileira e desemboca em águas brasileiras. - Eu sei onde êle nasce, afirmou o Nhonhô. É na Serra da Canastra, em Minas Gerais. Vovô acrescentou: - E nasce caindo de uma altura de 200 e tantos metros, formando a bela Cachoeira Casca d'Anta. O Neco quis mostrar que também conhecia o rio: - E atravessa os Estados de

Minas e Bahia, separa a Bahia de Pernambuco, separa Alagoas de Sergipe e desemboca no Oceano Atlântico por duas bôcas. - Bravos! Bravos! Aplaudiu Vovô. E continuando a explicação: - O São Francisco corre tranqüilo por longa extensão do planalto brasileiro, mas, cerca de 300 quilômetros antes de chegar à foz, despenca na planície, formando a famosa Cachoeira de Paulo Afonso. A Cachoeira de Paulo Afonso é uma das mais grandiosas e mais deslumbrantes cachoeiras do mundo. Compõe-se de 7 saltos, ou melhor, de 7 cachoeiras e tem 80 metros de altura. O estrondo que as águas produzem, ao cair, ouve-se a muitas léguas de distância. A poeira d'água que se forma nas quedas dá, de longe, a impressão de fumaça de um incêndio colossal.

Para Fernandes (2009), a obra *História do Brasil para crianças* de Viriato Correia tem caráter duplamente formativo, na medida em que traz aprendizagem de conteúdo histórico e moral, pois os valores morais e de conduta também são passados pelas narrativas do vovô para as crianças. Por fim, Fernandes (2009) descreve:

Nesse livro como em outras suas produções (crônicas, contos, novelas e peças teatrais), Viriato deixou explicitado sua concepção de História – “uma história de chinelo”, filiada à noção francesa da *petite histoire*, que procurava dar conta de aspectos pitorescos do passado, sem esquecer os nomes que dignificaram a Nação, com seus atos de heroísmo, abnegação e trabalho. Assim, embora pautasse por uma história de cunho tradicional, eurocêntrica linear e etapista, procurava mostrar a vida cotidiana de alguns segmentos da sociedade. E, fundamentalmente, Viriato retomou uma tradição da literatura escolar brasileira, consubstanciada nos chamados livros de leitura, que, numa visão ufanista do nosso País, veiculavam valores cívico-patrióticos, indispensáveis ao fortalecimento de uma identidade nacional (FERNANDES, 2009, p. 316)

Mesmo figurando apenas com três excertos no quarto volume, pode-se perceber a importância em ter o nome de Viriato Correia entre a constelação de escritores que Lourenço Filho seleciona para figurar no escopo da *Série*. Ter na *Série Pedrinho* o nome de um autor de variados livros dedicados à infância brasileira traz credibilidade. Lourenço Filho bem sabia disso ao escolher excertos do livro *História do Brasil para crianças*. São esses únicos excertos a respeito dos quais se tem a certeza de onde vieram, podendo, assim, justificar o termo “diálogo” no título desta pesquisa.

Procurou-se, neste item, apresentar a tabela composta por 59 nomes que figuraram na literatura brasileira, ou homens de letras, bem como dos profissionais de alguma maneira ligados à educação que Lourenço Filho selecionou para compor o escopo intelectual da *Série Pedrinho*. Esta constelação de autores estabeleceu, de certa maneira, um “diálogo” com o organizador da *Série*, na medida em que foram utilizados excertos de seus escritos para compor as lições dos quatro livros de leituras. São 101 excertos de 59 autores, por vezes repetidos, num total de quase 300 lições que completam a *Série*. Por se tratar de uma pesquisa pontual, apenas quatro desses 59 nomes foram selecionados para averiguação: Olavo Bilac, Correia Júnior, Pedro Calmon e Viriato Correia.

O próximo tópico tem o intuito de centrar-se especialmente nas disciplinas formadoras da nacionalidade, para isso elegeram-se os saberes referentes à Geografia e História, apesar de saber que a *Série Pedrinho* por seu caráter enciclopédico, mescla conhecimentos de várias áreas de formação.

3 SABERES EM FOCO: UM DESPERTAR DO SENTIMENTO DE NACIONALIDADE

Lourenço Filho, na montagem da *Série de Leitura Graduada Pedrinho* selecionou autores e saberes. A pesquisa com este material permitiu identificar o foco desses saberes selecionados e com este intento foi elaborado um banco de dados (ANEXO A) com vistas à sua sistematização.

Assim, todas as 289 lições dos quatro livros da *Série Pedrinho* foram lidas com o intuito de mapear e quantificar as categorias de assuntos mais recorrentes. Os assuntos foram surgindo e posteriormente sistematizados através de “categorias”, criadas por mim. Neste processo, foi possível esquadriar os assuntos descritos no decorrer das lições, a saber, por ordem alfabética: alimentação - amizade, amigo - animais - bons modos, disciplina - brinquedo, brincadeira - casa - Ciências - cores - deficiência física - Deus, Jesus - dinheiro - ensino, estudo, aprendizado, ensinamento - escola - escrita - fábrica, indústria - fábula - família - ferramenta, máquina, instrumento - Geografia - História - leitura, livro - limpeza, higiene, asseio - linguagem - Matemática, cálculo, sistema métrico, geometria - meio de comunicação - meio de transporte - moral - morte - música, canção - organização, planejamento, localização - patriotismo - plantas, plantações, árvores, jardins, flores - prendas domésticas, trabalhos manuais, linha e agulha - profissões - rua - saúde - trabalho - vestuário - viagem - vulto histórico.

A análise permitiu inferir que cada lição abrange sempre mais que um dos assuntos acima listados. Dentre estes temas recorrentes estão aqueles assuntos que se convencionou como próprios do campo de conhecimento da Geografia, com 103 registros, seguido daqueles relacionados ao convencionado como campo de conhecimento da História com 122, registros. Vale, ainda, salientar a categoria que denominei “plantas, plantações, árvores, jardins”, com 63 registros; animais, 57 registros.

No caso da Geografia, temos os seguintes assuntos arrolados enquanto as lições eram lidas: diferenciação da noite e do dia; lua e estrelas; tipos de iluminação durante a noite e o dia; calendário, dias da semana e do mês; localização; estações do ano; acidentes geográficos; pontos cardeais; nascente; poente; meses do ano; mapas; território; planta da cidade; movimentos da terra; lençóis freáticos; etc. Enfim, uma gama de assuntos descritos ao longo

da *Série Pedrinho*, sistematizados no Anexo A, mas aqui antecipados apenas para mostrar como foi feita a sistematização dos saberes eleitos.

No que diz respeito à História, o mesmo esquadramento foi executado e os assuntos mais recorrentes foram os que dizem respeito ao Brasil Colônia e, com menor grau de representatividade, ao Brasil Império. Como se pode perceber no Anexo A, os assuntos mais enfatizados pelo autor foram: descobrimento do Brasil, missão dos jesuítas, dia da independência; diferenciação entre império e república, bandeirantes, lei Áurea, entre outros assuntos. Também são arrolados nas lições dos livros de leitura, em menor número, algumas batalhas e vultos nacionais, como: Tiradentes, Dom Pedro I e II, Santos Dumont, Princesa Isabel, Marechal Deodoro da Fonseca, entre outros menos citados.

Os primeiros subitens do trabalho procuram apresentar os saberes que Lourenço Filho privilegiou para figurar na *Série*. Geografia e História estão presentes na consagração ao nacionalismo, na exaltação da natureza, nas biografias – exemplos a serem seguidos -, nos vultos nacionais, no patriotismo. Enfim, os conteúdos de Geografia e História encontram-se, na maioria das vezes, entrelaçados e figuram como disciplinas formadoras da nacionalidade. O segundo subitem salienta que em algumas lições, o ensino de Geografia e História está vinculado a viagens, seja ao interior, seja pelas capitais do Brasil.

3.1 LIÇÕES DE GEOGRAFIA

A presença de conteúdos ligados à Geografia parece ter sido uma preocupação antiga do autor, desde o início de carreira, época em que fez a reforma da instrução pública no estado do Ceará, a convite do governador Justiniano Serpa, entre 1922 e 1924.

Em estudo recente, organizado por Maria Helena Camara Bastos e Maria Juraci Mata Cavalcante, que resultou na obra *O curso de Lourenço Filho na Escola Normal do Ceará*, encontra-se uma apreciação de sua atuação durante o período em que esteve em Fortaleza, de abril de 1922 a janeiro de 1924: “Ministrou aulas em cursos regulares de férias, na Escola Normal e na Escola Modelo, coordenou a realização do cadastro escolar, dirigiu a Reforma da Instrução Pública do Ceará e participou da fundação da Associação do Professorado do Ceará” (BASTOS e CAVALCANTE, 2009, p. 9).

Em 1923, Lourenço Filho leciona na cadeira de Psicologia, Pedagogia e Didática na Escola Normal do Ceará. O conteúdo de suas aulas é minuciosamente registrado pelas alunas

normalistas e compõe um caderno de 443 páginas, dedicado ao professor na solenidade de formatura, dia 24 de novembro de 1923. Tal caderno, intitulado *Álbum com Pequenos Trabalhos de Pedagogia*, serve de fonte de estudos às organizadoras e a outros colegas que trabalham na coletânea a fim de “dar publicidade ao documento e analisar as ‘metodologias’ desenvolvidas pelas alunas normalistas, que transcendem as aulas do professor Lourenço Filho, no que pode ser considerado o alvorecer de sua ação educativa e do movimento da Escola Nova” (BASTOS e CAVALCANTE, 2009, p. 10). O referido *Álbum* é, na realidade, uma “série de monografias sobre metodologia de ensino da Escola Nova em geral” (CAVALCANTE, 2009, p. 63). Cada monografia é cuidadosamente escrita pelas 12 normalistas que frequentavam o curso⁴².

Dentre as metodologias explicitadas na obra, interessa ao nosso trabalho a do ensino de Geografia. No estudo empreendido por Beatriz T. Daudt Fischer, pode-se perceber, pelo título - *É, pois, estudando a Geographia que podemos com o máximo orgulho dizer “sou brasileiro”* - a associação desta disciplina com o ufanismo patriótico. Em seus escritos, a autora pretende desdobrar “considerações em torno do que este eminente intelectual veio a enfatizar como um bom ensino de *Geographia*” (FISCHER, 2009, p. 242). Destaca que a *Methodologia de Geographia*, ministrada por Lourenço Filho e redigida pela normalista Myrian Justa, tinha o conteúdo subdividido nos seguintes itens: *A Geographia na Escola Primaria e sua importância na formação do sentimento da nacionalidade; Fins da Geographia; Marcha do Ensino; Diagrammas do Ceará e do Brasil e cartographias*.

Tanto o conteúdo do curso, quanto a introdução da monografia induzem a pensar a Geografia como ciência, capaz de formar no aluno o sentimento de nacionalidade. Neste sentido, é uma das disciplinas mais valorizadas pelo autor, pois, através dela, se colocaria o alicerce para a construção de uma cultura sólida, como fica evidente na introdução da monografia intitulada *Methodologia de Geographia*.

Entre todas as disciplinas systematizadas e professadas com carinho e entusiasmo em nossas escolas, a Geographia occupa ainda uma posição inferior. É, incontestavelmente, a mais negligenciada. Ninguém lhe dá valor, ninguém a estuda profundamente. Tanto alumnos como professores tratam-na com o maior desprezo e por isso bem poucos são aquelles que sahem das escolas, levando alguns conhecimentos ainda que mesquinhos e imperfeitos desta matéria tão importante quão fundamental, como um dos alicerces sobre o qual se deve erguer o monumento de uma cultura sólida (LOURENÇO FILHO, 1923, *apud* FISCHER, 2009, p. 242).

⁴² Cada aluna se dedicou a uma área específica: metodologia, educação física, aritmética, geometria, ciências físicas e naturais, geografia, música, história, desenho, trabalhos manuais, linguagem e ensino moral e cívico.

Além da enfática valorização do ensino da Geografia, o autor tece críticas à metodologia aplicada na época, que preconizava o ensino de cor ou lição decorada. Assim justificava: “Saber decorado não é saber” (LOURENÇO FILHO, 1923, *apud* FISCHER, 2009, p. 243). A prática docente concebida dessa forma só fazia afastar o alunado, obrigado a decorar nomes de países, capitais, quando não tinha que copiar o trecho decorado várias vezes, o que, segundo Lourenço Filho, tornava o aprendizado desinteressante. Tais princípios afinavam-se com os pressupostos da escola tradicional. Contrariando essa proposta de ensino, o autor priorizava um aprendizado que levasse em consideração o interesse da criança, uma proposta afinada à pedagogia da Escola Nova, como se pode notar no discurso do professor: “É preciso que a criança sinta o que aprende e para sentirmos uma coisa precisamos ver, ouvir, dizer e fazer. Dahi a razão de começarmos o ensino dessa disciplina do concreto e do conhecido para chegarmos depois ao abstracto e ao desconhecido” (LOURENÇO FILHO, 1923, *apud* FISCHER, 2009, p. 244).

A fala de Lourenço Filho em sala de aula, salvaguardada no *Álbum com Pequenos Trabalhos de Pedagogia*, reflete aspectos significativos da pedagogia da Escola Nova e os pressupostos defendidos por Norman Allison Calkins, no manual *Primeiras lições de coisas: manual de ensino elementar para uso dos paes e professores*. As lições propostas nesse manual partem do simples para o complexo, do concreto para o abstrato, do particular para o geral, da síntese para análise, do conhecido para o desconhecido. Tal maneira de conceber o ensino ficou conhecida como *Lições de coisas* ou *Método de Ensino Intuitivo*, “o método de ensino intuitivo, foi fundado numa nova forma de conceber o conhecimento, iniciada do século XVII, a qual preconizava que a origem do conhecimento são os sentidos humanos” (TEIVE, 2008, p. 34). Este era o princípio arrolado por Lourenço Filho para a criança ver, ouvir, dizer e fazer, ou seja, sentir o que aprende e, conseqüentemente, sentir o mundo que a cerca. A difusão do ensino intuitivo data, no mínimo, da segunda metade do século XIX e gerou a produção de um grande número de manuais escolares para o ensino das lições de coisas, dentre eles *Primeiras lições de coisas* de Norman Calkins, publicado originalmente nos Estados Unidos, em 1861 e traduzido por Rui Barbosa, em 1886. Portanto, há um espaço de tempo razoável entre o início da circulação dessa obra no Brasil e o trabalho de Lourenço Filho de 1923. Sobre o método argumenta Valdemarin:

Nessa perspectiva didática, os sentidos permitem a comunicação com o mundo, produzindo sensações geradoras de percepções que são retidas pela memória. É sobre este material que operam o raciocínio e a imaginação, produzindo juízos. Dessa concepção sobre a aquisição do conhecimento decorre a proposição de que a escola elementar deve dedicar-se ao cultivo do hábito da observação, da percepção

de semelhanças e diferenças entre os objetos para a criação de idéias claras, trabalho a ser dirigido pelo professor (VALDEMARIN, 2004, p. 171-2).

Os saberes que compõem a *Série*, especialmente os conteúdos vinculados à Geografia, tinham esta perspectiva, estruturada em lições rigorosamente graduadas. Todas partem do simples para o complexo, do conhecido para o desconhecido. Adotando essa forma de graduação como método didático, a Geografia se sobressai principalmente no segundo volume - *Pedrinho e seus amigos* -, pois, primeiramente, é apresentada a casa de Pedrinho, algo conhecido das crianças; posteriormente, parte-se para o bairro, a escola, a cidade, a rua, a área urbana e rural, o município, os estados, o País.

A graduação dos assuntos é observada já no índice do segundo volume. Pelos nomes, as lições concernem à Geografia: 1. Pedrinho vai mudar de casa; 2. O dia da mudança; 6. O novo bairro; 7. O nome da escola; 9. Cidades pequenas e cidades grandes; 11. Casa, família, lar; 12. A casa; 13. Perguntando é que se aprende; 14. Orientação na cidade; 16. O sinaleiro da escola; 23. O mundo não é só a cidade; 24. A fazenda Lagoa Dourada; 28. O município; 30. Orientação nos campos e matas; 31. A viagem de volta; 41. Distrito federal; 42. A festa do Brasil.

Além desses assuntos, que fazem parte da realidade da criança, apresentados de maneira graduada, a Geografia é vinculada a saberes práticos e úteis à vida em sociedade. Pode-se exemplificar a praticidade e a utilidade desses saberes no texto e ilustração da lição 14: orientação na cidade, onde o saber específico da Geografia aparece entremeado a diversos saberes.



Figura 10 - Lição 14. Orientação na cidade, no segundo volume
 FONTE: Lourenço Filho, 1958, p. 32.

O texto apresenta preceitos de orientação, organização, localização. A lição mostra Pedrinho orientado a se localizar na cidade. O adulto que conduz o ensinamento explica a organização das ruas da cidade: “Em cada esquina há tabuletas com os nomes das ruas que aí cruzam” (LOURENÇO FILHO, 1958, p. 32). As tabuletas seriam placas com “fundo azul e letras brancas”, que conteriam os nomes das ruas. Com isso, o autor demonstra um modelo adotado ou a ser adotado nas cidades, com ruas devidamente planejadas.

A organização presente no texto também engloba a Matemática. Os numerais pares e ímpares são empregados para organizar, dar sequência às casas da rua: “Pedrinho voltou a cabeça para as casas de um lado – 22, 24, 26, 28. Depois dirigiu a vista para as casas do outro lado – 25, 27, 29, 31” (LOURENÇO FILHO, 1958, p. 32), facilitando, assim, a localização de quem procura. O autor menciona denominações utilizadas na Matemática: retas, paralela e esquadro, para facilitar a localização da rua.

A ilustração mostra a representação de parte da cidade vista do alto. Assim, segundo o autor, as crianças compreenderão o que é “uma carta ou planta urbana” (LOURENÇO FILHO, 1954, p. 16). O conteúdo específico de Geografia nessa lição é a representação espacial, pois, pela ilustração, podem-se identificar as ruas e seus respectivos nomes, casas, árvores, fábrica, igreja, ou seja, a representação gráfica do espaço em perspectiva aérea. No

exercício proposto no *Guia do mestre*, a Geografia também recebe aspectos que levam em consideração a realidade da criança ou seu conhecimento prévio:

Leve os alunos a comparar o desenho da pág. 33 com o da pág. 17. “Referem-se ao mesmo trecho do bairro?... Por que são tão diferentes?...” Explique o que seja uma planta, ou carta de uma cidade, partindo da planta da própria sala de aula e da escola. Proponha a um grupo de alunos que desenhe a planta do quarteirão, em que esteja a escola. Pouco importará que a representação seja ainda muito tosca (LOURENÇO FILHO, 1954, p. 16)

A lição 14, *Orientação na cidade*, do segundo livro da *Série*, traz preceitos vigorosamente defendidos por Lourenço Filho nas aulas da Escola Normal do Ceará, em 1923 e cuidadosamente transcritos no *Álbum com Pequenos Trabalhos de Pedagogia*.

Devemos fazer exercícios para que as crianças digam a posição de certos objectos relativamente às colleguinhas, à professora, ao quadro negro... Esses exercícios são nada mais, nada menos que orientação... Depois da ideia da posição da sala passaremos a do prédio. [...] Damos a ideia do bairro. Ao dar a noção das ruas, ensinaremos como se sobe e se desce uma rua, a numeração das casas, o que é um quarteirão ou quadra. Passaremos depois à cidade. Ahi o campo de acção da criança já é muito mais vasto (LOURENÇO FILHO, 1923, *apud* FISCHER, 2009, p. 249).

A predileção pela Geografia, demonstrada quando fez a reforma de ensino do Ceará, prossegue ao longo da carreira, como, por exemplo, em 1928, quando estava à frente da organização da Biblioteca da Educação da Companhia Melhoramentos. Dedicou o sétimo volume da coleção de 37 títulos - *Como se ensina Geographia* (1928), de autoria de Antonio Firmino Proença - ao tema, recomendando-o, particularmente, à formação de professores.

Posteriormente, participa como organizador da série *Viagem Através do Brasil* (1956), editada pelas Edições Melhoramentos. Os 10 volumes da série têm como principal escritor Ariosto Espinheira; porém, o volume 9 é escrito por Lourenço Filho, que o dedica à apresentação do estado de São Paulo.

Voltando à *Série Pedrinho*, foram mostrados alguns exemplos do segundo volume - *Pedrinho e seus amigos* -, por apresentar um grau de complexidade gradativo no que se refere à Geografia. Primeiramente aparece a casa, depois o bairro, a escola, a cidade, a rua, a área urbana e rural, o município, os estados, o País.

Passamos à tabela 10⁴³. Depois dela serão apresentados exemplos de inserções de Geografia e História ao longo da *Série*.

⁴³ Para a elaboração da Tabela 9 foram consultadas as edições da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*.

Tabela 10 – Geografia e História nos livros da *Série*

Livro/Disciplina	Geografia	História	Vulto histórico
Pedrinho	16	6	3
Pedrinho e seus amigos	15	10	5
Aventuras de Pedrinho	51	29	14
Leituras de Pedrinho e Maria Clara	21	40	15
Total de ocorrências	103	85	37
Total de ocorrências	103	122	

O cruzamento de dados desta tabela permite verificar que as categorias Geografia e História aumentam gradativamente na *Série*. O ápice da disciplina Geografia se dá no terceiro livro, com 51 registros. Neste volume, o protagonista é levado a conhecer diversas capitais do País viajando, como se verá mais adiante. O cruzamento de dados também nos leva a inferir que da categoria História atinge o auge no quarto volume – *Leituras de Pedrinho e Maria Clara* –, com 40 referências, além de 15 da categoria vulto histórico. Somadas, as duas categorias totalizam 55 registros. A tabela revela que a inserção das disciplinas Geografia e História também é gradativa. Posteriormente, como na leitura das demais lições, seu grau de complexidade aumenta.

No primeiro volume – *Pedrinho* –, as inserções de Geografia e História⁴⁴ são relativamente baixas, se comparadas às de outros volumes da *Série*. A Geografia aparece em 16 lições; os assuntos relacionados são acessíveis ao nível de conhecimento das crianças, pois o autor utiliza as orientações previstas nas regulamentações da época, como sugere o Programa Mínimo do Decreto Lei nº 3.732:

a) Geografia

1 – Casa do aluno: rua, número, bairro; cômodos de que se compõe.

2 – Escola: rua, número, bairro; denominação; principais compartimentos; noções de forma, côr, distância, posição.

3 – Caminho percorrido pelo aluno: meios de condução, ruas, praças, jardins, edifícios e monumentos de grande destaque, das proximidades da escola.

4 – Observações ligadas à casa, à escola e ao caminho: o sol iluminando a casa, a escola, e o caminho; sol pela manhã e à tarde; sombra; iluminação artificial da casa e da escola; dias claros e nublados – bom e mau tempo; chuva e vento; calor e frio; inverno e verão; dia e noite; o dia – manhã, tarde e noite; o céu, o dia e à noite.

5 – noção sobre a cidade. Conhecimento dos termos “Brasil”, “Brasileiros”

(DECRETO LEI n. 3.732, p. 24).

Os assuntos vinculados a Geografia, no primeiro volume da *Série*, também obedecem ao método de gradação de complexidade. *O dia e a noite*, tema da 16ª lição, para além de

⁴⁴ Em muitas lições da *Série*, Geografia e História estão entrelaçadas e, por este motivo, torna-se mais difícil separá-las. Pode-se pensar, que com esta estratégia, o autor encaminhava para um ensino globalizado e integrado.

trazer noção geográfica de tempo, noite/dia, sol/estrela/lua, contempla também condutas para a formação de um cidadão polido e para o aprendizado de normas de higiene:

É de madrugada. Pedrinho ouve os galos cantarem. O Sol aparece. Tudo fica mais claro. Vem o dia. Pedrinho levanta-se da cama. Toma banho frio e escova os dentes. Diz bom dia a seu pai e a sua mãe. E espera o café. – Até logo mamãe! Até logo! Já vou indo para a escola, diz êle então. E vai mesmo. Na rua, Pedrinho vê que toda gente caminha depressa. O sol se levanta mais no céu. Dez horas, onze horas... Depois o sino bate na igreja. É meio-dia. Os meninos saem da escola. Vão para casa almoçar. Uma hora, duas horas... O sol começa a descer. Os meninos brincam um pouco e já são três horas, quatro horas. E depois, cinco, e depois, seis... Chega a hora do jantar, e logo o Sol se esconde. Tudo escurece. Vem a noite e as estrêlas aparecem no céu. Também a Lua aparece. Pedrinho lava as mãos e o rosto. Escova os dentes com cuidado. Diz boa noite a todos. E vai dormir (LOURENÇO FILHO, 1961, p. 34-5).

As outras lições do primeiro volume se complexificam pouco a pouco, e assim vão se ampliando os assuntos concernentes ao ensino da Geografia, como: lua e estrela; dia e noite e tipos de iluminação; calendário: dias da semana, meses do ano; direita e esquerda; inverno e verão; planície, morro, montanha, lagoa, lago; onde nasce o sol: nascente; pontos cardeais e vento sul; pontos cardeais e o galo de folha; vento; vento, ar, ventania; estações do ano, chuva, frio; calor, meses do ano; estações do ano; mapa, território e município.

A lição 63 - *A bandeira e o mapa* -, fala de um exemplo de patriotismo. Nela, o autor exalta os dois símbolos do nosso país. Ensina que a bandeira é o retrato do Brasil para o nosso coração; já o mapa é um retrato para nossos olhos, pois nele se aprende o quão grandiosos são a nossa terra e as divisões dos territórios. O autor enfatiza: “Aprenda a conhecer o Brasil para mais estimá-lo. E aprenda a estudar e a trabalhar para torná-lo mais forte e mais rico!” (LOURENÇO FILHO, 1961, p. 123). A lição ocupa duas páginas e a ilustração é colorida, um chamariz para as crianças que apreciam o livro:

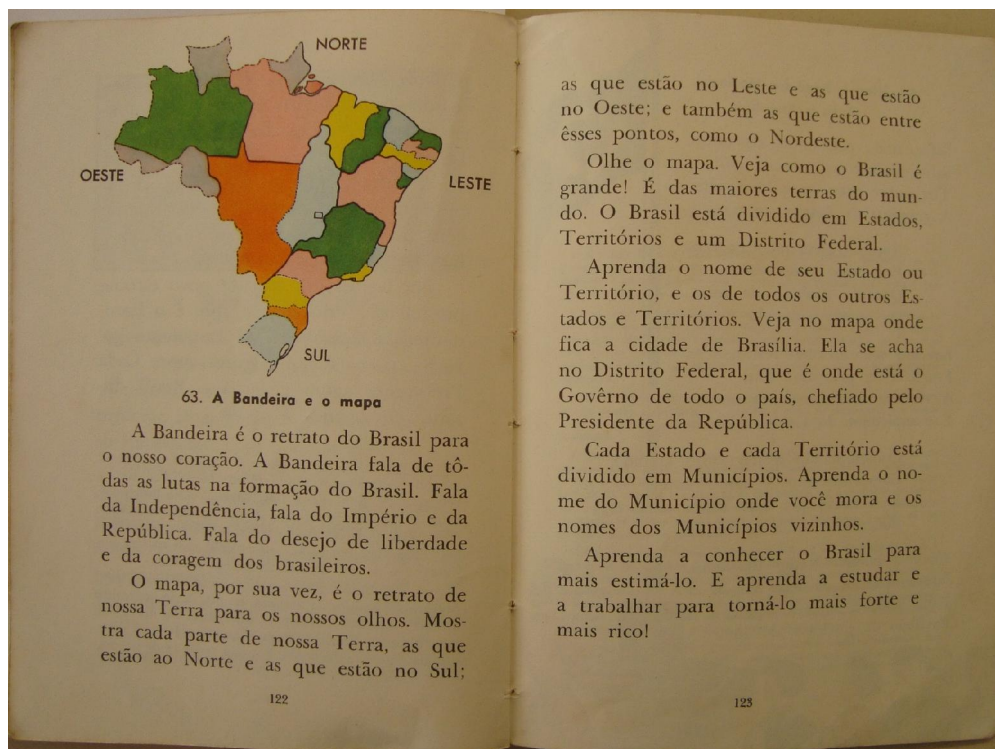


Figura 11 - Lição 63. A Bandeira e o mapa
 FONTE: Lourenço Filho, 1961, p. 122-3.

O segundo volume – *Pedrinho e seus amigos* – apresenta 15 inserções referentes ao ensino da Geografia. O livro aborda também, de maneira gradativa, a comunidade, a vizinhança, as profissões, o trabalho, a zona urbana e a zona rural, fornece representações espaciais, fala do corpo humano, do contato com animais e plantas, de fatos históricos, transmite noções de tempo e espaço.

A maioria dos ensinamentos concernentes à disciplina diz respeito a localização, orientação, planejamento, organização, pois, nesse segundo volume, a família de Pedrinho se muda de casa, como foi mencionado anteriormente, e assim o menino aprende a se situar no novo bairro, na casa e na escola. Além desses ensinamentos, são reforçados os do primeiro volume, como, por exemplo, na lição 24 - *A fazenda da Lagoa Dourada* -, em que as crianças vão de automóvel conhecer a fazenda de tio Damião e, no percurso, conhecem aspectos da vida na zona rural e aspectos geográficos. Posteriormente, insistirá sobre eles na lição 36 - *Terras e águas* -, na qual as meninas da sala de Maria Clara recebem novos ensinamentos por parte da professora Ester. A narrativa descreve como é uma aula prática, com importante objeto da cultura material utilizado nas salas de aula, o tabuleiro:

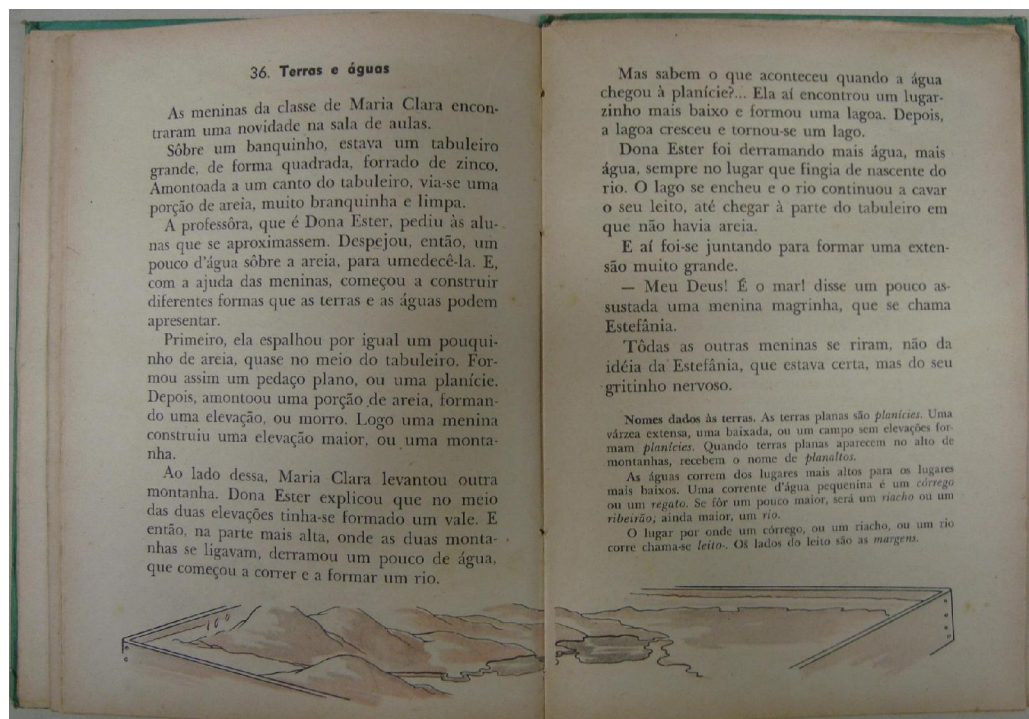


Figura 12 - Lição 36. Terras e águas
 FONTE: Lourenço Filho, 1958, p. 76-7.

Além de demonstrar aspectos práticos de uma aula de Geografia com um importante objeto da cultura material escolar, enfatiza também outro aspecto: a divisão das salas por sexo. Meninas e meninos⁴⁵ estudam em salas separadas, como fica claro na narrativa: “As meninas da classe de Maria Clara encontraram uma novidade na sala de aulas” (LOURNEÇO FILHO, 1958, 76). A aula prática é conduzida pela professora Ester, que vai espalhando areia no tabuleiro e conta com a participação de todas as meninas, à medida que vão se formando os acidentes geográficos, como fica evidente no diálogo:

- Viram vocês os principais acidentes da terra, disse Dona Ester. E, agora, vão ver os acidentes do mar. Dizendo isso, ela tomou um bom punhado de areia e o despejou no meio da água, de tal forma que aí apareceu uma ilha. — Isso é uma ilha, quer dizer uma porção de terra cercada de água por todos os lados. Agora, vejam. Nessa parte da ilha faço o mar entrar um pouco para dentro da terra. Forma-se uma baía. Se a baía for muito fechada tem o nome de saco. Assim, desse jeito! E se a baía for muito grande, ou muito extensa, então toma o nome de golfo. Ao fechar a baía para esclarecer o que estava dizendo, Dona Ester pôs mais um pouco de areia de um lado, o que formou uma ponta, ou um pedaço de terra, que entrava pelo mar. — Parece o cabo de um martelo! disse Estefânia, falando outra vez com a voz muito fina. [...] (LOURENÇO FILHO, 1958, p. 78-9).

⁴⁵Parte desse tema foi apresentada no texto “Livros Escolares e Gênero: o protagonismo masculino na Série de Leitura Graduada Pedrinho”, de Maria Teresa Santos Cunha, no Congresso Fazendo Gênero 8, Florianópolis, 2008.

O terceiro volume - *Aventuras de Pedrinho* - é o que apresenta o maior número de lições concernentes ao ensino da disciplina Geografia. São 51 registros em todo o livro. Isto se deve às quatro aventuras do protagonista Pedrinho. São elas: *A aventura na floresta; O tesouro escondido; A viagem inesperada* e a *Aventura nas nuvens*⁴⁶. Cada uma em local distinto. Assim, o autor tem a possibilidade de apresentar as características geográficas desses locais, bem como outros assuntos concernentes à Geografia, como: localização através de bússola, de mapa, do Cruzeiro do Sul; movimentação da terra: rotação e translação; estações do ano; tipos de solo; minerais; etc.

No quarto volume – *Leituras de Pedrinho e Maria Clara* - há apenas 21 referências ao ensino de Geografia. Este quarto volume faz uma recapitulação de todos os ensinamentos referentes à Geografia dos três primeiros volumes. São reforçados e, de certa forma, ampliados. Nota-se, neste quarto volume, uma predileção por minerais. Em várias lições, são assinalados ensinamentos relativos aos mais diferenciados tipos de pedras: “[...] as pedras não eram esmeraldas e sim turmalinas, muito menos valiosas. Ao perseguir o seu grande sonho, porém, ele havia aberto novos caminhos para o sertão, [...] onde se dizia existirem as riquezas minerais” (LÔBO *apud* LOURENÇO FILHO, 1966, p. 72). “Suas esculturas foram feitas em blocos de uma pedra tenra, vulgarmente conhecida com o nome de *pedra-sabão* (ALMADA *apud* LOURENÇO FILHO, 1966, p. 78). E: “Falando, deixava cair da boca rubis, esmeraldas e safiras [...] (BARRETO *apud* LOURENÇO FILHO, 1966, p. 86).

Um assunto que merece destaque por ser mencionado ao longo de toda a *Série* e é recapitulado de maneira emblemática neste quarto volume, é o da movimentação da terra. Na lição atribuída a Pedrinho, o autor explica, em texto e iconograficamente, os movimentos de rotação, translação e também as fases da lua:

⁴⁶ As aventuras referem-se às viagens, tema que será tratado no próximo subitem.

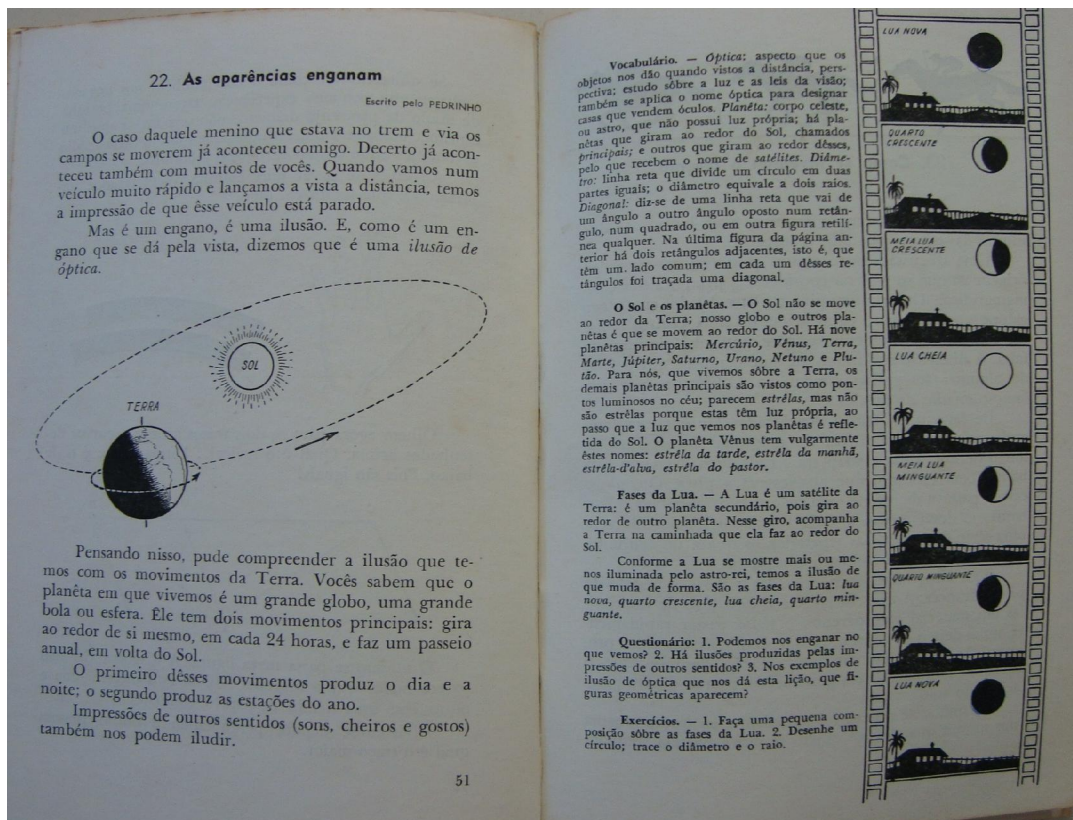


Figura 13 - Lição 22. As aparências enganam
FONTE: Lourenço Filho, 1966, p. 51-2.

Os mapas também merecem atenção neste quarto volume. São apresentadas cinco ilustrações, no total. São dois mapas políticos do Brasil: um completo e outro em forma de exercício para as crianças completarem; um mapa geomorfológico, apresentando o relevo de parte do Brasil e da América Latina; dois hidrográficos, sendo um da América Latina e outro com o visual do rio Amazonas e seus afluentes. O grau de complexidade é sobremaneira elevado e há uma recapitulação dos outros livros da *Série*, como se pode notar nas explicações sobre a gravidade e sobre as representações nos mapas, em *Os rios correm para o mar*, lição 54:

As águas e o relevo das terras. — Pelos declives correm as águas; as gotas rolam umas sobre as outras sob a ação de seu próprio peso. O peso das águas, como o de todas as coisas que existem, resulta de uma força que existe, resulta de uma força que atrai todos os corpos para o centro da Terra. Essa força se chama força da *gravidade*. [...] Do lado de oeste, quase junto ao Oceano Pacífico, há grandes elevações, que vão até 7 mil metros, e que formam a *Cordilheira dos Andes*. Os rios aí são pequenos. Do lado do Atlântico, porém, há grandes rios. Podemos vê-los no mapa anterior e também no mapinha dessa página. Eles formam duas enormes bacias, a do *Amazonas* e a do *Rio Prata*, além de outras menores. Dessas menores, uma está toda dentro do Brasil: é a do *Rio São Francisco* (LOURENÇO FILHO, 1966, p. 120).

3.2 LIÇÕES DE HISTÓRIA

Para adentrar as lições de História explicitadas nos livros de leitura da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, recorro mais uma vez à obra organizada por Maria Helena Camara Bastos e Maria Juraci Mata Cavalcante, intitulada *O curso de Lourenço Filho na Escola Normal do Ceará*. Entre as metodologias mencionadas na obra está o ensino da História. O estudo empreendido por Maria Stephanou e Maria Teresa Santos Cunha, denominado *Despertar na alma da criança o amor pela Pátria: A história na escola primária sob a orientação de Lourenço Filho*, analisa a disciplina *Methodologia de História* elaborada pela então aluna Aline Silva no *Álbum com pequenos trabalhos de Pedagogia*. As autoras (2009) destacam que os registros feitos pela aluna sinalizam os valores patrióticos e a vinculação entre História e Educação Cívica:

A história Pátria concorre poderosamente para o ensino da Instrução Cívica a qual deve ser dada aos alunos por meio de exemplos, de sessões cívicas nas quais as professoras lhes expliquem que assim como comemoramos as datas de aniversário de pessoas queridas, devemos comemorar também as datas que nos fazem lembrar algum feito heróico praticado por nossos compatriotas ou as que assinalem algum acontecimento notável para a nossa Pátria (Silva *apud* STEPHANOU e CUNHA, 2009, p. 264).

Tais preceitos, evidenciados nas aulas de *Methodologia de História*, afinam-se com a “tradição secular no ensino de História”, transcrita no “programa de ensino de História do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, instituição modelar que, à época, ditava a programação nacional” (STEPHANOU e CUNHA, 2009, p. 263), apesar de, segundo as autoras, haver referências de um *novo método* para o ensino da disciplina nas aulas de Lourenço Filho. Pode-se averiguar posteriormente, nos livros da *Série Pedrinho*, semelhança com essa programação, não só, mas também nas regulamentações da época, como sugere o Programa Mínimo do Decreto Lei nº 3.732, para o ensino de História e Educação Moral e Cívica, que se complementam:

b) História

- 1 – Família do aluno: pessoas que a compõem; principais relações de parentesco.
- 2 – Noção de tempo. Dias de aula e sem aula; dias da semana; domingo e feriado, nome e número dos dias de semana; mês; nome e número dos meses do ano.

c) Educação Moral e Cívica

[...]

- 1 – Bandeira Nacional: reconhecimento e cores
- 2 – Hino Nacional: reconhecimento, quando cantado.

(DECRETO LEI n. 3.732, p. 24).

Na *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, as lições seguem tais preceitos, como sempre, de forma gradativa. Ainda no primeiro volume, as lições trazem ensinamentos sobre a família, datas comemorativas da família e do país, assim como o reconhecimento dos símbolos da Pátria. Na lição 21, *O aniversário da Mamãe*, do primeiro volume *Pedrinho*, Lourenço Filho dá noções de família e tempo: dias da semana, dias do mês, meses do ano, calendário. Depois dessa lição, os conhecimentos da noção de tempo aprendidos são retomados para falar de um “aniversário muito importante. É o aniversário do Brasil” (LOURENÇO FILHO, 1961, 53). Assim o autor introduz a nacionalidade de uma maneira mais singela, pois a lição é uma narrativa em que o pai de Pedrinho lhe fala sobre o descobrimento no nosso país e enfatiza o quão importante é valorizar as datas comemorativas.

Já em uma leitura da tabela 10, antes de prosseguir sobre os saberes concernentes ao ensino da História nos livros da *Série*, a tabela revela que a disciplina História é inserida de forma gradativa. São seis referências no primeiro volume e 10, 29 e 40, respectivamente, nos demais volumes. Quanto a vultos históricos, começa com três referências no primeiro volume e cresce para cinco, 14 e 15, respectivamente, nos outros volumes. O cruzamento de dados da tabela nos leva a inferir que o maior número de assuntos aqui convencionados como na *categoria* História se dá no quarto volume – *Leituras de Pedrinho e Maria Clara* -, com 40 referências de História e 15 da categoria vulto histórico. Somadas, as duas categorias totalizam 55 registros. O quarto volume pode ser considerado um livro de iniciação literária, o último publicado e ao que tudo indica com maior nível de complexidade nas lições por ser direcionado para faixas etárias entre 10 e 11 anos. Neste volume, encontram-se 87% de textos de outros autores, textos geralmente vinculados à História da Pátria, o que corrobora para explicar o elevado número de registros.

A categoria História aparece apenas seis vezes no primeiro volume – *Pedrinho*. Nessas lições, o autor utiliza, em forma de narrativa, assuntos que despertam o sentimento nacionalista. Em três delas são evidenciadas as datas comemorativas: na lição 26 - *O dia de anos do Brasil* -, o autor versa sobre o dia de descobrimento do Brasil; na lição 61 - *O dia da Independência* -, traz à baila essa data comemorativa e, por fim, nas explicações dessa mesma lição, lembra o dia da Bandeira.

Todas as lições desse primeiro volume apresentam narrativas. Em todas, um adulto – ora o senhor Pereira, pai de Pedrinho, ora dona Amélia, a professora - explica às crianças os fatos históricos do nosso país, tanto do Descobrimento, como da Independência. As três primeiras lições que contêm assunto vinculado à História versam sobre o Descobrimento e como era o Brasil naquela época. A visão do autor é inegavelmente eurocêntrica, linear.

Confere aos descobridores uma áurea de superioridade. Pedro Álvares Cabral é descrito como corajoso; Dom Pedro I é também corajoso e disposto a lutar pela liberdade do Brasil; Dom Pedro II é descrito como bom imperador; os jesuítas, trabalhadores de fé e de coragem. Já os que habitavam o Brasil antes da “descoberta” assim são descritos:

Os índios moravam em ranchos feitos com ramos de árvores ou folhas de coqueiro. Não se vestiam como nós. Só usavam uma tanga. Comiam frutas do mato, peixe que pescavam, e bichos que caçavam com arco e flecha. A língua dos índios era diferente da nossa. Eles não tinham boi, nem cavalos. Não sabiam escrever. Nunca tinham visto uma roda. Não possuíam carros, nem carroças, nem máquinas. Também não conheciam a nossa religião. Os índios eram fortes e corajosos, mas não tinham instrução (LOURENÇO FILHO, 1961, p. 54).

Na lição subsequente, salienta, com a ajuda dos padres jesuítas, que os índios aprenderam, de maneira geral, costumes, religião e língua portuguesa, com os laços que lhes foi possível estabelecer. E “foi assim que o Brasil começou” (LOURENÇO FILHO, 1961, p. 57), justificando, dessa forma, o processo de miscigenação entre portugueses e índios.

O autor utiliza as lições para compor uma visão ufanista do Brasil. Veicula valores cívico-patrióticos, necessários à formação da identidade nacional. No primeiro volume, são apresentados aos pequenos leitores dois vultos históricos, além dos acima descritos. São eles Tiradentes - “[...] houve brasileiros corajosos que quiseram fazer a independência do Brasil. Entre eles estava Joaquim José da Silva Xavier [...]” (LOURENÇO FILHO, 1961, p. 119) e Santos Dumont - “- É certo que o avião foi inventado por um brasileiro? perguntou Joaquim. – Sim, foi, respondeu dona Amélia. Foi inventado por Alberto Santos Dumont, nascido em Minas Gerais, perto da cidade que hoje tem o seu nome: Santos Dumont” (LOURENÇO FILHO, 1961, p. 116).

No segundo volume – *Pedrinho e seus amigos* -, são apresentadas dez lições referentes à História e cinco lições a vultos históricos. Nessas lições são reforçados os assuntos que figuraram no primeiro volume, como, por exemplo, o período do Brasil Colônia e a República. Os fatos históricos mais destacados são: Descobrimento do Brasil, bandeirantes, abolição da escravidão, morte de Tiradentes. De uma maneira geral, são bem evidenciadas as datas comemorativas, estratégia utilizada para perpetuar a memória nacional, como se pode notar no exercício da lição 54, *O aniversário da Vovó*.

Resposta: 1. Quais são as datas que recordam a história de cada família? 2. Quais são as datas da história do Brasil que você já conhece? 3. Que grande acontecimento se festeja no dia 7 de setembro? 4. Que é que se festeja no dia 25 de dezembro? 5. Que quer dizer dia de finados? (LOURENÇO FILHO, 1958, p. 117).

A lição 22 - *Trabalho escravo* - apresenta narrativa que versa sobre a escravização de índios que habitavam nosso território e dos negros trazidos do continente africano. A lição é um diálogo em que a avó explica a Maria Clara o período escravagista e fala da personagem principal desse período histórico, a princesa Isabel, que assinou a Lei Áurea.

O que chama a atenção na lição é a forma de trabalho apresentada durante o período: “Essa gente era obrigada a trabalhar para os seus senhores [...]. Os escravos não podiam escolher a espécie de trabalho que quisessem, nem procurar outro lugar onde trabalhar [...] (LOURENÇO FILHO, 1958, p. 48). Também explica o trabalho após a abolição da escravatura: “Hoje, o trabalho é livre para todos. Tôdas as pessoas têm o direito de trabalhar onde queiram, recebendo justo pagamento pelo que façam. Não existe distinção de raça, de côr, ou de qualquer outra espécie. A lei é igual para todos” (LOURENÇO FILHO, 1958, p. 49).

Fica nítido, não só por esta lição, mas por todo segundo volume, que o despertar da identidade nacional se faria pela transmissão de uma visão ufanista do País, com lições carregadas de valores morais, cívico-patrióticos, de regras de boas maneiras. Porém, o que se vê na lição em questão, e em todo segundo volume, é que os valores disseminados para o fortalecimento do sentimento nacionalista estariam estreitamente vinculados ao trabalho, Estabelece-se um paralelo entre bom cidadão e bom trabalhador, o caminho pelo qual o País alcançaria o progresso almejado. Havia nas lições da *Série* uma ênfase na relação entre o ensino da História e a formação do cidadão consciente dos seus deveres cívico-patrióticos; dessa forma, “o amor pela pátria, cultivado desde a escola primária, forma o cidadão, laborioso, ordeiro, irmanado pelo sentimento de brasilidade [...] (STEPHANOU e CUNHA, 2009, p. 273). A aluna Aline Silva reafirma os preceitos de Lourenço Filho no *Álbum com pequenos trabalhos de Pedagogia*, cuidadosamente registrados :

Por meio de exemplo dos compatriotas, a criança também almejará dar à pátria seus melhores esforços e suas energias, assim como eles, no intuito de concorrer para o engrandecimento do “torrão natal”. [...] cidadão é aquele em cuja formação foi cultivado o sentimento pátrio, pois sem tal sentimento não pode haver cidadão no verdadeiro significado da palavra (SILVA *apud*STEPHANOU e CUNHA, 2009, p. 271).

Outra abordagem significativa referente às profissões, bem como à importância do trabalho, é mostrada na lição 20 - *Espécies de trabalho*. Na narrativa, o Sr. Pereira exclama para Pedrinho, ao observar a construção na frente de casa: “Mas todas as espécies de trabalho são dignas e belas, quando dos homens as realizam com liberdade de escolha, cumprindo suas tarefas de boa vontade” (LOURENÇO FILHO, 1958, p. 45).

Na lição 22, a avó de Maria Clara e Pedrinho evidenciam que o trabalho é livre, que todos têm direito de trabalhar onde queiram e com pagamento justo, graças ao feito da princesa Isabel, que assinou a lei da Abolição da Escravatura. Mas a princesa Isabel não é o único vulto histórico que figura no segundo volume. Nele estão também: Tiradentes, os bandeirantes, Dom Pedro I, Dom Pedro II, o Marechal Deodoro da Fonseca. A lição 58 - *A proclamação da República* -, antepenúltima, funciona como uma recapitulação dos assuntos, das datas comemorativas e de vultos históricos apresentados nos dois primeiros volumes da *Série*.

Sublinhe o que fôr certo: 1. A República foi proclamada no ano de (1500) (1822) (1889). 2. Quem proclamou a República foi (D. Pedro II) (o Marechal Deodoro da Fonseca) (a Princesa Isabel) [...]. 6. O dia da República é (13 de maio) (21 de abril) (15 de novembro). 7. A República dos Estados Unidos do Brasil têm (20 Estados) (5 Estados) (38 estados) (LOURENÇO FILHO, 1958, p. 125).

A disciplina História tem 29 registros no terceiro volume – *Aventuras de Pedrinho* - e guarda referências com a Geografia e os vultos históricos nas quatro aventuras. Os fatos históricos se assemelham aos dos demais volumes, porém, nos vultos históricos há um acréscimo. Além de nomes como Tiradentes, Dom Pedro I e II, princesa Isabel, Santos Dumont e Marechal Deodoro da Fonseca, se acrescentam outros vultos históricos. Os bandeirantes ocupam parte das lições, descritos nas narrativas como grandes desbravadores do País. Sobre Borba Gato: “Que existiu, existiu! O nome todo era Manuel da Borba Gato. Êle andou pelas montanhas de Minas Gerais, havendo aí descoberto as primeiras grandes minas de ouro” (LOURENÇO FILHO, 1961, p. 54). Sobre Antônio Rapôso Tavares: “Dos grandes caçadores de índios, foi o chefe maior. Nascido em Portugal, veio mocinho para o Brasil. Saindo de São Paulo, andou varando terras do Sul. Depois, afundou para o Oeste, para os lados de Mato Grosso” (LOURENÇO FILHO, 1961, p. 55-6). De Fernão Dias Pais Leme: “Já dos bandeirantes, que procuravam ouro, [...] foi o maior chefe. [...] havia nascido no Brasil. Depois de várias viagens também para as bandas do Sul, firmou a idéia de que havia de encontrar pedras verdes, ou esmeraldas [...] (LOURENÇO FILHO, 1961, p. 56). A respeito de Bartolomeu Bueno da Silva, apelidado pelos índios de *Anhanguera*.

Êsse nome quer dizer *Diabo velho* ou *Feiticeiro*... Sabem por quê?... Porque para obter a indicação dos lugares onde se encontrasse ouro, usou êle de uma esperteza: pôs numa vasilha um pouco de aguardente, dizendo que era água, e ateou-lhe fogo; em seguida, ameaçou de fazer o mesmo às águas de todos os rios.... (LOURENÇO FILHO, 1961, p. 86).

Outros nomes evidenciados por Lourenço Filho no terceiro volume da *Série* são Luís Alves Lima e Silva, o Duque de Caxias, “grande patriota, considerado Patrono do Exército Nacional” (LOURENÇO FILHO, 1961, p. 102); Araribóia, um dos mais valentes chefes indígenas, que ajudaram os portugueses na fundação de Niterói; Martin Afonso de Souza, descrito como homem de idéias adiantadas, que governou a Capitania de São Vicente; José de Anchieta, “um dos piedosos jesuítas que fundaram a primitiva vila de São Paulo” (LOURENÇO FILHO, 1961, p. 117) e, por fim, numa clara intenção de exaltar a exuberância da natureza brasileira e despertar o sentimento nacionalista, o autor transcreve na lição 17 - *São Luís do Maranhão* - parte da *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias, exemplo edificante. Posteriormente, na parte dedicada à *Explicação* da lição, consagra não só o autor, mas todos os que cultivam língua nacional:

Escritores do Brasil – Os homens, que especialmente se dedicam a escrever com arte e bom gosto, cultivam a língua, e tudo fazem para enriquecê-la e defendê-la dos vícios e erros. Cada um de nós pode não ser escritor de profissão; mas, ainda assim, deve falar e escrever com boa ordem, com clareza e correção. Falar e escrever errado é prova de ignorância ou de mau gosto; falar errado prejudica a própria formação das idéias. Quem queira ser inteligente deve cuidar da linguagem. Grandes escritores tem tido o Brasil: *prosadores*, que são os que escrevem em prosa; poetas, que são os que escrevem em *versos*. Gonçalves Dias foi um grande poeta (LOURENÇO FILHO, 1961, p. 173)

Fica evidente pela lição que traz a poesia de Gonçalves Dias que a educação viria pelo exemplo. As crianças teriam que se mirar nos grandes nomes da nossa História. Esses exemplos se multiplicam no quarto volume, como veremos a seguir.

O quarto volume – *Leituras de Pedrinho e Maria Clara* – traz inovações em relação a outros títulos da *Série*. Pelo título, Pedrinho divide o protagonismo com a irmã e eles são responsáveis pela organização do livro, como explicam na primeira lição:

Se vocês vão ler este livro, decerto querem saber quem o preparou. Pois vou logo dizendo: fomos nós dois, a Maria Clara e eu. Decerto também querem saber se nós dois escrevemos o livro, inteirinho, de *nossa cabeça*... Bem, de nossa cabeça escrevemos alguns pedaços. Outros trechos foram escritos por parentes e amigos. Mas a maior parte das histórias e poesias foram tiradas de diferentes livros, escritos por diferentes pessoas (LOURENÇO FILHO, 1966, p. 7).

Pelos indícios anunciados pelos protagonistas na primeira lição, intui-se a novidade transparece na leitura do livro. Ao ler as lições, verifica-se um grande número de excertos de obras escritas por autores consagrados (87% das transcrições). Dessa maneira, pode-se dizer que o objetivo do quarto volume da *Série* é a formação literária.

A disciplina História apresenta maior número de lições: 40 especificamente de História e 15 de vultos históricos ou, como as chama o autor em determinadas lições, biografias. Por se tratar de um livro de iniciação literária, os textos dos autores selecionados para figurar na *Série* geralmente estão vinculados à disciplina História. Os temas são apresentados com uma complexidade maior.

O quarto volume traz em suas páginas fatos relacionados à história do Brasil entrelaçada à sua vertente literária, com o objetivo de reforçar todos os ensinamentos e de transmitir às crianças valores cívicos, patrióticos, morais, de boas maneiras, de higiene, entre outros. São textos apresentados em variados estilos: narrativas, fábulas, contos populares, poemas. Como os protagonistas do livro mencionam na primeira lição, “a maior parte das histórias e poesias foram tiradas de diferentes livros, escritos por diferentes pessoas” (LOURENÇO FILHO, 1966, p. 7). Os fatos históricos ou biografias presentes na obra deveriam servir de inspiração e de exemplo, para edificação das crianças e nelas despertar o sentimento de nacionalidade. Por ser uma pesquisa pontual e considerando que os fatos históricos reforçam os outros três livros de leitura, destacaremos apenas as biografias.

Lourenço Filho reúne nesse último livro da *Série* todos os grandes heróis nacionais e os fatos que protagonizaram diversas épocas do Brasil⁴⁷; grandes homens que contribuíram com seu trabalho, dedicação e abnegação, figuram no livro como grandes exemplos para as crianças.

A lição 34 - *O aleijadinho* -, atribuída a Clarice Almada, figura como exemplo de abnegação, esforço e trabalho. O texto versa sobre a época da exploração do ouro em nosso país, especificamente na região de Minas Gerais, onde nasceu Antônio Francisco Lisboa, o *Aleijadinho*. Segundo a autora (1966) *Aleijadinho* deixa importante obra no interior de Minas Gerais e serve de exemplo pelo esforço e o trabalho desenvolvido:

Suas esculturas foram feitas em blocos de uma pedra tenra, vulgarmente conhecida com o nome de *pedra-sabão*. Para trabalhá-la, depois que perdeu os dedos, mandava amarrar o buril no que lhe restasse numa das mãos, e o martelo na outra... Muitos trabalhos do Aleijadinho estão em igrejas da cidade de São João d’El-Rei, e na Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto. Mas foi em Congonhas do Campo, também em Minas Gerais, que ele realizou os seus mais trabalhos originais: altares, portais, lâmpadas e um grupo de figuras dos Profetas, em grandes proporções, no pátio da igreja (ALMADA *apud* LOURENÇO FILHO, 1966, p. 78).

⁴⁷ O descobrimento do País, o trabalho dos jesuítas, os defensores do solo brasileiro na expulsão dos franceses e holandeses, os bandeirantes, as riquezas do Brasil: cana-de-açúcar, ouro, café, borracha, trabalho escravo de índios e negros, Inconfidência Mineira e Tiradentes, Independência, Abolição da escravatura, Proclamação da República, etc.

A lição 64 - *Amor ao trabalho* -, sobre Teodoro de Moraes, narra a biografia de Visconde de Mauá. Depois do texto, na parte dedicada às atividades, Lourenço Filho explicita o que vem a ser uma biografia: “Descrição de uma vida. – A descrição da vida de uma pessoa, seja resumida, como nesta lição, ou tão extensa que ocupe todo um livro, chama-se *biografia* (bio = *vida*, grafia = *descrição*)” (LOURENÇO FILHO, 1966, p. 143).

Segundo a narrativa, uma das grandes obras empreendidas por ele, é a estrada de ferro que liga Mauá a Petrópolis. Devido a este empreendimento em prol do progresso brasileiro, foi agraciado com o título de Visconde de Mauá por Dom Pedro II. A narrativa mostra que o Brasil será uma grande nação se puder contar com o trabalho e a dedicação de grandes homens, como o Visconde de Mauá. O biografado serve de exemplo para as crianças que lêem o livro *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*, por ter sido bom aluno, assíduo, por seu comportamento exemplar, por ter sido bom cidadão, trabalhador digno, empreendedor, ufanista do seu país. Dentre todas as qualidades de Visconde de Mauá, pelas quais recebe recompensas no decorrer da vida, uma que lhe dá o título maior é: “Este outro que é o primeiro de todos os títulos e que ele sempre possuiu desde a escola primária: *Amor ao trabalho!*” (LOURENÇO FILHO, 1966, p. 143).

A lição 66 - *Um menino prodígio* -, atribuída a Cecília Meireles, ocupa três páginas e expõe a biografia de um grande orador brasileiro: Rui Barbosa. A narrativa nos faz revisitar a Bahia quando completa três séculos e a vivenciar a infância do menino Rui: “Breves os dias passados entre flores e pássaros, em redor das árvores e no tropel das travessuras, com os negrinhos de casa ou com os amiguinhos brancos (MEIRELES *apud* LOURENÇO FILHO, 1966, p. 145). Aos cinco anos, Rui aprendeu a ler. Depois de 15 dias com um professor de primeiras lições, este se surpreende com sua precocidade e talento: “Em quinze dias aprendera análise gramatical e sabia conjugar todos os verbos regulares! (MEIRELES *apud* LOURENÇO FILHO, 1966, p. 145).

Quando começou a estudar, porém, teve problemas, pois a “memória não ajudava, e sua inteligência parecia vagarosa e enevoada”. Depois de muito esforço e pedidos a Nossa Senhora, demonstrando assim toda a sua fé. Todos se surpreenderam com sua melhora. “De volta à escola, assombrou os companheiros e o professor, com a clareza de raciocínio que manifestava e a facilidade de discutir os mais difíceis assuntos da classe” (MEIRELES, *apud* LOURENÇO FILHO, 1966, p. 146). A narrativa demonstra o esforço de um aluno ávido até se tornar um dos maiores oradores do país. Rui é, assim, um exemplo edificante de esforço, de trabalho e de patriotismo. Os temas que gostara de ler quando criança e os seus discursos sempre exaltavam o nacionalismo. O autor também é exemplo de prática de leitura:

Quantas coisas inesperadas havia em cada página! Quantos segredos, fechados naqueles blocos de papel! As coisas mais simples da natureza, as coisas mais modestas, encerram encantos, contêm problemas, podem ser descritas, analisadas, explicadas: têm sua história, seu destino, que as pessoas em geral desconhecem, e não são capazes de adivinhar. [...] Que visões se desprendiam das páginas dos livros! Eram como janelas, abrindo-se e fechando-se sobre um mundo maravilhoso (MEIRELES *apud* LOURENÇO FILHO, 1966, p. 146-7).

A lição 68 - *De escravo analfabeto a orador famoso* - ocupa duas páginas. A narrativa é atribuída a Renato S. Fleury⁴⁸ e versa sobre a vida de Luís Gonzaga Pinto da Gama, que passou às páginas da história nacional como Luís Gama, fervoroso orador abolicionista e respeitado jornalista. Diferentemente de Rui Barbosa que teve oportunidades referentes aos estudos desde muito cedo, Luís Gama aprendeu a ler e escrever já com 18 anos, com muito esforço, mas a narrativa alerta: “Qualquer idade é propícia ao estudo, desde que haja força de vontade” (FLEURY *apud* LOURENÇO FILHO, 1966, p. 151).

Uma vida marcada por sacrifícios, humildade e muito trabalho, Luís Gama conseguiu paulatinamente se desvencilhar da condição de escravizado, comprando sua carta de alforria e dedicando-se aos estudos: “Inteligente, vivo e dotado de grande força de vontade”, aprendeu a leitura e a escrita em poucas semanas e os livros foram também um diferencial em sua vida.

De posse desses conhecimentos básicos, dedicou-se à leitura de bons livros. Conseguiu-os com grandes sacrifícios, comprando-os com as magras sobras de seus soldos ou tornando-os de empréstimo a amigos e conhecidos. Seguiu a vocação que Deus lhe deu: fez-se jornalista e defensor dos escravos, pugnando pela abolição do cativeiro, servindo-se, para isso, principalmente do um dom: a arte da palavra. Dotado, pois, de palavra fácil e inflamada, tornou-se um dos grandes oradores populares; transformou-se num ardoroso tribuno para advogar impavidamente a liberdade aos escravos (FLEURY *apud* LOURENÇO FILHO, 1966, p. 152).

Os exemplos acima citados, presentes no quarto volume – *Leituras de Pedrinho e Maria Clara* -, somando-se aos de vultos históricos⁴⁹ recorrentes nos livros da *Série*, reforçam a ideia de nacionalismo. A História da Pátria, tão defendida por Lourenço Filho para o ensino primário, ganha legitimidade vinculada a conteúdos de cunho cívico, moral e patriótico. Todos amalgamados com um único intuito: “despertar na alma da criança, em seu processo formativo, o amor pela pátria, incontestemente, que não poupe esforços para seu engrandecimento,

⁴⁸ Foi professor, jornalista, escritor e exerceu diferentes funções administrativas junto à Companhia Melhoramentos. Pode-se supor a recorrência do autor no quarto volume da *Série* pela rede de sociabilidade da qual fazia parte. Segundo SOARES (2010) havia menos rigor nos pareceres escritos por Lourenço Filho acerca de histórias infantis assinadas por ele (SOARES, 2010, p. 162)

⁴⁹ Tiradentes, Dom Pedro I, Dom Pedro II, Princesa Isabel, Pedro Álvares Cabral, Marechal Deodoro da Fonseca, Santos Dumont, dentre outros.

que some suas energias ao processo da nação Brasil. Cantar, comemorar, mirar-se nos exemplos, exercitar o civismo” (STEPHANOU e CUNHA, 2009, p. 279). Assim, as lições de História, entrelaçadas à literatura e a outros saberes, especialmente no quarto volume, apresentaram maneira harmoniosa de cantar o Brasil, nos seus hinos pátrios e músicas consagradas; comemorar o Brasil, em seus momentos festivos; mirar-se nos exemplos dos grandes heróis pátrios e nas biografias dos que fizeram parte da História do País e, por último, experimentar através dos livros de leitura um intenso nacionalismo que trouxesse o progresso ao País.

Neste item da pesquisa, procurou-se apresentar os saberes focados pela *Série de Leitura Graduada Pedrinho*. Para isso foi elaborado o banco de dados. Procurou-se, posteriormente, identificar também os saberes priorizados por Lourenço Filho nas 289 lições dos livros de leitura. Com base nesta sistematização, elegeram-se os saberes mais representativos em número de registro. Os que mais comparecerem foram Geografia e História, por sua vez selecionados para compor o corpus da presente pesquisa.

Nos conteúdos destinados ao ensino de História e Geografia, o autor obedece, na apresentação dos assuntos, a uma gradação da complexidade. Os trechos versam sobre tempo, espaço, divisões e representações espaciais, mapas, zona urbana e rural, pontos cardeais, movimentação da terra, entre outros assuntos concernentes ao ensino de Geografia. Do mesmo modo procede com o recorte temporal, com assuntos como: descobrimento do Brasil, Brasil colônia, Brasil república, vultos históricos.

Ao enfatizar os conteúdos de Geografia e História, compondo-se com outros saberes, Lourenço Filho privilegiou especialmente os dedicados a disciplinas formadoras da nacionalidade⁵⁰, com trechos que sinalizam a missão patriótica e cívica, a exaltação da natureza brasileira, os hinos pátrios, apontando o exemplo dos heróis pátrios. Mesmo é o objetivo da inclusão de biografias no quarto volume, recurso utilizado por Lourenço Filho para a formação e reafirmação da identidade nacional, despertando nas crianças o sentimento de nacionalidade.

3.3 GRANDE TERRA, GRANDE GENTE: O BRASIL ATRAVÉS DAS VIAGENS

⁵⁰ Língua Nacional, Geografia e História são consideradas como as disciplinas formadoras do tripé para o do fortalecimento da nacionalidade; entretanto, apenas as duas últimas foram alvo desse estudo. Sobre o tema, ver Carvalho, (1989).

O intuito deste item é salientar que em algumas lições analisadas o ensino da disciplina Geografia e História estão vinculadas diretamente a experiências de viagens, seja uma viagem ao interior da cidade ou a viagens através das capitais do País. Lourenço Filho utiliza-se dessa metodologia de ensino para apresentar as principais características das cidades brasileiras.

Os dois primeiros volumes da *Série – Pedrinho e Pedrinho e seus amigos* – apresentam viagens ao interior da cidade ou município. As crianças conhecem, especificamente, a Fazenda Lagoa Dourada, de propriedade do Tio Damião: “As crianças viajam de automóvel na ida à fazenda do *Tio Damião* e voltam para a cidade de trem, conhecendo assim mais uma modalidade de transporte” (ABREU, 2009, p. 120). Para além da modalidade de transporte, conhecem os acidentes geográficos do percurso: morros, montanhas, vales, planície, rio, lagoa, lagos.

O terceiro volume - *Aventuras de Pedrinho* - é o que apresenta o maior número de lições concernentes ao ensino da disciplina Geografia, com 51 registros. Neste volume, o autor se utiliza, em específico, da estratégia da viagem, levando as crianças leitoras a conhecer todo o Brasil, por conta das quatro aventuras em que o protagonista Pedrinho se envolve. A estratégia de ensino através de viagens é utilizada no Brasil a partir do livro *Através do Brasil* (1910), de Olavo Bilac e Manoel do Bonfim, editado pela Francisco Alves, considerado pioneiro na literatura paradidática brasileira (BILAC, BOMFIM e LAJOLO, 2000, p. 14). Porém, o método tem origem européia, como já foi mencionado. Em 1877 é publicado o livro *Le tour de la France par deux enfants*, de Augustine Tuillierie, que usou o pseudônimo G. Bruno. A narrativa apresenta as aventuras de dois irmãos órfãos, numa França que sonha com a restauração da soberania nacional. Em busca de familiares percorrem o território francês, ao mesmo tempo em que solidificam a identidade nacional. Outro exemplo é o italiano *Cuore* (1886), de Edmondo de Amicis; a narrativa apresenta o cotidiano de uma escola pública para meninos, numa Itália pós-unificada. A obra, segundo Bastos (2004), tem o intuito de “fortalecer o espírito cívico ou as virtudes morais, apelando para o sentimentalismo do leitor e a um otimismo distante da realidade (BASTOS, 2004, p. 11).

Pode-se inferir que Lourenço Filho tenha buscado inspiração nas obras acima citadas para compor o terceiro volume - *Aventuras de Pedrinho* -, no qual são apresentadas quatro aventuras do protagonista que envolvem viagens: *A aventura na floresta*, *O tesouro escondido*, *A viagem inesperada* e a *Aventura nas nuvens*. Cada uma num local distinto, permitindo assim ao autor apresentar as características geográficas, históricas e culturais desses locais.

A primeira aventura de Pedrinho descreve a incursão dos meninos na floresta, num acampamento organizado por Chico Tião. No final da primeira lição 1 - *Haverá onças?* - especificamente na parte dos exercícios, o autor explica o intuito do livro e instiga o leitor com uma possível aproximação com as vivências narradas no livro:

Aventuras – Você gostará de ler êste livro, porque êle conta histórias acontecidas com meninos e meninas de sua idade. Muitas passagens dessas histórias foram inesperadas, ou verdadeiramente arriscadas. A acontecimentos dessa espécie é que se dá o nome de aventuras. Aventurar-se significa enfrentar a boa e a má sorte, expor-se a incertezas (LOURENÇO FILHO, 1961, p. 8)

As lições dessa parte do terceiro volume apresentam diversos tipos de saberes. Sobressaem-se, notadamente, os ensinamentos de Ciências e Geografia, pois são apresentados os tipos de vegetais, de animais, de acidentes geográficos, o uso da bússola e do Cruzeiro do Sul para localização, disciplina, patriotismo, entre outros. Na 20ª lição, intitulada *A região de enormes florestas*, é apresentada uma das cinco regiões do País: “A região Norte, que ocupa mais de um terço de todas as terras de nosso país, é cortada a oeste para leste pelo Rio Amazonas, o maior rio do mundo em volume d’água e dos maiores em comprimento. Por isso [...] se dá o nome de Região Amazônica” (LOURENÇO FILHO, 1961, p. 44). Percebe-se que esta lição relembra e reforça os ensinamentos dos dois primeiros volumes.

A segunda parte do livro, denominada *O tesouro escondido*, mostra a aventura, que na verdade é a procura de um tesouro na fazenda Lagoa Dourada, de propriedade de tio Damião. A procura do tesouro conta com a ajuda de Chico Tião e Maria Clara, e começa com uma carta misteriosa, depois, com a descoberta de um mapa, demonstrando assim o interesse do autor, que é transmitir às crianças o hábito da leitura, seja ela num meio de comunicação ou num simples mapa. Nessa segunda parte do terceiro volume, também são apresentados ensinamentos científicos e geográficos, além de outros ensinamentos, tais como: meios de comunicação, tipos de máquinas, algumas cidades/estados (MT, MG e GO), minérios, ferramentas, características do solo, reinos vegetal, mineral e animal.

Nesta parte do terceiro volume, o autor fala da valorização da história da nossa terra e aconselha:

Vocês que são meninos, mas serão gente grande dentro de poucos anos, deverão refletir nisso tudo. Vocês terão de continuar esse esforço, pelo Brasil. A compreensão desses deveres para com a nossa Terra, nossa gente, isso, sim, é que representa o maior tesouro com que podemos enriquecer nossa alma! (LOURENÇO FILHO, 1961, p. 86).

Nas duas últimas partes do livro, denominadas *A viagem inesperada* e *A aventura nas nuvens*, começa propriamente a viagem pelo Brasil. A primeira é vivenciada por Pedrinho e Maria Clara, que vão com o senhor Pereira para as Regiões Sudeste e Sul do Brasil. Nessa ocasião, o pai de Pedrinho recebe a incumbência do gerente da Companhia Progresso – da qual é funcionário - de levar um pequeno navio ao Sul do Brasil.

Nessa viagem, eles utilizam vários meios de transporte: trem noturno (havia camas para os passageiros pernoitar), embarcação, navio pequeno (Fortuna), ônibus e trem. E foram várias cidades/estados: Rio de Janeiro - capital da República e Niterói, São Paulo - São Paulo e Santos, Paraná - Paranaguá e Curitiba, Santa Catarina - Florianópolis e Rio Grande do Sul - Porto Alegre, cidade de destino do navio Fortuna. Os meios de comunicação utilizados por Pereira são telefone e telegrama, utensílios da modernidade da época. Em todas as cidades e estados por que passam são descritas as principais características históricas, geográficas e culturais, como por exemplo, no estado de Santa Catarina:

Pela extensão do território, Santa Catarina figura entre os pequenos Estados do Brasil; mas, pelas suas riquezas, pode-se dizer que está entre os primeiros! Depois de dizer essas palavras, com certo entusiasmo, o Capitão Silvério lembrou que o nome Florianópolis representa uma homenagem à memória de Floriano Peixoto. Floriano foi um bravo militar. Tomou parte na guerra do Paraguai. Proclamada a República, em 1889, exerceu o cargo de Ministro da Guerra e, logo depois, o de Vice-Presidente da República. Nessa qualidade, assumiu o governo do País, pois o Presidente, que era o Marechal Deodoro da Fonseca, teve de afastar-se, por doente. Depois, o capitão passou a falar das riquezas de Santa Catarina. – Ao norte do Estado, disse ele, há uma das mais belas zonas agrícolas de nosso país. É a que fica no vales do rio Itajaí e do rio Hercílio (LOURENÇO FILHO, 1961, p. 129).

Percebe-se, pela lição, que se agregam saberes vinculados a Geografia, História e a outros saberes. A História, especificamente, se caracteriza pelo tom personalista e laudatório, passando a impressão de que o autor minimiza os conflitos relatados. A última aventura - *A aventura nas nuvens* - principia com uma carta, aliás, como um pedido do senhor Pereira para que Pedrinho escreva uma carta⁵¹: “Desejo que redija uma composição muito bem feita, bem escrita e com boa letra! Os verbos devem concordar com o sujeito. Os adjetivos devem concordar com os substantivos. E, tudo, com boa pontuação” (LOURENÇO FILHO, 1967, p. 139). Esse teste é feito, uma vez que o Sr. Pereira foi nomeado inspetor-geral da Companhia Progresso e teria que viajar seguidamente. A primeira viagem foi logo marcada para os estados do Nordeste brasileiro. Como Pedrinho estava de férias, poderia acompanhar o pai. Percebe-se, pelas lições do livro, a necessidade do progresso do Brasil pelo trabalho.

⁵¹ Figura 7, página 62 deste trabalho.

Pedrinho é aprovado no teste e embarca na quarta aventura, dessa vez utilizando um meio de transporte que serviu de tema para sua redação/teste, o avião. Assim Pedrinho conhece os estados do Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão, suas respectivas capitais, seus cenários, seus costumes. E às crianças que leem o livro descobrem, de lambujem, a geografia, história e cultura do Brasil ao longo das aventuras e ensinamentos durante todo o itinerário do menino, muito especialmente através da motivação de uma viagem que sempre envolve a aventura e o inesperado, motivações importantes para leitores e leitoras escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendendo os livros de leitura, especificamente os livros da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, que teve mais de 6 milhões de livros editados entre 1953 e 1970, como fonte relevante para a configuração da historiografia da educação, objetos da cultura escolar utilizados dentro e fora de sala de aula e, parafraseando Choppin (2002), concebendo-os como depositários de conteúdo educativo capazes de transmitir saberes -, esta pesquisa criou a possibilidade de viajar com os personagens dos livros de leitura através das lições, em parte escritas por Lourenço Filho, em parte por outros autores.

Após a análise das lições contidas nos livros de leitura, bem como da bibliografia, podem-se traçar aspectos relevantes da trajetória de Lourenço Filho no primeiro capítulo. Intelectual de sua época e partícipe da história educacional do País, já tinha carreira consolidada quando decide pela produção didática, especificamente livros de leitura. Sua trajetória lhe dá legitimidade para propor a *Série Pedrinho* e sua interlocução junto à Companhia Editora Melhoramentos, sua circulação nas mais diversas instâncias, sua rede de sociabilidade permite inferir o sucesso da *Série*.

No primeiro capítulo, podem-se constatar também dados referentes a aspectos da produção didática e da literatura infantil escrita pelo autor. Os dados arrolados permitem compreender que Lourenço Filho, além de ter textos seus publicados na *Série*, utiliza trechos de autores de variados períodos históricos para compor as lições, estabelecendo o que convençionei chamar de “diálogo” com outros autores. Esta prática, de gradual e constante participação de outros autores era recorrente nos livros de leitura da época.

As tiragens e edições dos livros da *Série* foram apresentadas em gráficos. Fez-se também uma descrição pormenorizada com o intuito de confirmar a circulação e o êxito da *Série*, para tal, foram arrolados alguns aspectos sobre a materialidade, com base nos estudos de Chartier (2001a), com predominância da descrição de itens como capa, folha de rosto, sumário.

Ao longo de toda a *Série Pedrinho*, há um considerável investimento em práticas de leitura, especialmente no quarto volume, que tem 87% de trechos de obras de outros autores, selecionados por Lourenço Filho para compor o livro. Em muitos aspectos, Lourenço Filho permaneceu fiel aos princípios escolanovistas defendidos no início de carreira, quando fez a reforma de ensino do Estado do Ceará, principalmente quando procurava propor um ensino

baseado nas experiências, no caso em vincular os conhecimentos/saberes ensinados pela leitura à vida real das crianças leitoras. Ainda que este trabalho não objetivou demarcar relações diretas da *Série* com os propósitos da Escola Nova, pode-se perceber nas propostas de atividades constantes nos finais das lições, modelos *tradicionais de ensino*, como questionários, memorizações de datas, etc. As crianças são incentivadas a pensar, a refletir sobre o que aprendem, a planejar e aplicar seus conhecimentos à medida que as lições avançam. No segundo capítulo foi arrolado o que se convencionei chamar de constelação de leitura. Foram apresentados os 59 autores e autoras que tiveram trechos de suas obras já publicados e que figuraram como lições nos livros de leitura da *Série*. Destacaram-se, nessa parte do texto, quatro autores: Olavo Bilac, Correia Júnior, Pedro Calmon e Viriato Correia. Os locais de origem dos autores parece ratificar a circulação de Lourenço Filho por vários estados do País e demonstra a rede de sociabilidade nas mais variadas instâncias bem como tentativa de também contemplar nos seus livros de leitura autores das várias regiões brasileiras.

Os livros destacam os saberes concernentes à alfabetização e à leitura; afinal, trata-se de uma *Série de Leitura*, mas é construída com uma seleção de saberes de diversas outras disciplinas, aparentemente identificados com um ensino de cunho enciclopédico, como: português, matemática, geografia, história, ciências, ensino moral e cívico, civilidades, boas maneiras, higiene. Ao escrever os textos e selecionar os autores, Lourenço Filho escolheu aqueles que enfatizaram determinados tipos de saberes, especialmente dedicados ao ensino de disciplinas formadoras da nacionalidade, tais como História e Geografia. Consideradas fundamentais na formação/consolidação da nacionalidade, elas aparecem vinculadas à leituras que utilizam a estratégia da viagem para transmitir conhecimentos sempre observando o princípio da complexidade: do mais simples ao mais complexo.

O autor dá preferência a duas disciplinas nos quatro volumes da *Série*, nos quais segue como metodologia o processo gradual, do simples ao complexo. A Geografia atinge o ponto de maior complexidade no terceiro volume – *Aventuras de Pedrinho* –, volume cuja tônica ou temática são as viagens.

Já a disciplina História se destaca mais no quarto volume – *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*. No ensino de Geografia, em particular, o autor segue os pressupostos escolanovistas, em obediência aos quais apresenta assuntos que fazem parte da realidade da criança, mas de maneira gradual. Dessa mesma maneira apresenta os saberes práticos e úteis à vida em sociedade, principalmente no que diz respeito a localização, como ficou evidente no trabalho. Na *Série de Leitura Graduada Pedrinho* predomina a História do Brasil, com textos

consagrados ao nacionalismo e principalmente à exaltação da natureza brasileira. É uma história personalista, laudatória, linear, que minimiza os relatos de conflitos. Aliás, na leitura de toda *Série* não se percebem conflitos entre as personagens, mas o predomínio da harmonia, que era o que Lourenço Filho propunha em seus pareceres:

Como expressão da arte, que é, a leitura para crianças deve [...] tender a fornecer ao espírito infantil certa provisão de beleza, de graça, de harmonia, a fim de que não agrave os conflitos mentais e sentimentais, mas procure resolvê-los de forma suave e criadora. A criança precisa acreditar na vida, acreditar no bem, na bondade, na justiça [...]. (Lourenço Filho *apud* SOARES, 2010, p. 163).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

BRAGA, Erasmo. *Leitura IV* para o 4º ano escolar. São Paulo: Melhoramentos, 1945.

BRASIL. Decreto-lei nº. 1.006, de 30 de dezembro de 1938. Estabelece as condições de produção, importação e utilização do livro didático. *LEXML*, Brasília, 1938. Disponível em: <http://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:federal:decreto.lei:1938-12-30:1006>. Acesso em: 23 abr. 2010.

BRASIL. Decreto-lei nº. 8.529, de 2 de janeiro de 1946. Estabelece as bases de organização e estrutura do ensino primário - Lei Orgânica do Ensino Primário, Brasília, 1946. Disponível em <http://www.lexml.gov.br/um/um:lex:br:federal:decreto.lei:1946-1-2:8529>. Acesso em: 23 abr. 2010.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. *Aventuras de Pedrinho*. 8. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1961. (Série de Leitura Graduada Pedrinho, v. 3).

_____. *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966. (Série de Leitura Graduada Pedrinho, v. 4).

_____. *Pedrinho e seus amigos*. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1958. (Série de Leitura Graduada Pedrinho, v. 2).

_____. *Pedrinho*. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1961. (Série de Leitura Graduada Pedrinho, v. 1).

_____. *Viagem através do Brasil: São Paulo*. São Paulo: Melhoramentos, 1956.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Raquel de. *A série de leitura graduada Pedrinho (1953-1970) e a perspectiva de socialização em Lourenço Filho*. 2009. 206 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

ALMEIDA JÚNIOR, Antônio de. Formação profissional de Lourenço Filho. In: Associação Brasileira de Educação. *Um educador brasileiro: Lourenço Filho*. São Paulo: Melhoramentos, 1959. p. 27-44.

Araújo, Mariele S. *A medida das raças na mistura imperfeita*. discursos racialistas em Pedro Calmon - 1922/33. 2006. 156 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal da Bahia, Salvador.

ARENA, Dagoberto Buim. Lições de leitura em manuais das décadas de 50 e 60 do século XX. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 15, 2005, Campinas. *Anais eletrônicos*. Campinas, 2005. Disponível em:

<http://www.alb.com.br:anais15/alfabetica/ArenaDagobertoBuim.htm> >. Acesso em: 19 abr. 2010.

ÀRIES, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BASTOS, Maria Helena Camara. Leituras de formação: Coração, de Edmondo de Amicis (1886). In: *I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial*– LIHED - Rio de Janeiro, 2004.

BASTOS, Maria Helena Camara; CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. *O curso de Lourenço Filho na Escola Normal do Ceará: 1922-1923: as normalistas e a pedagogia da Escola Nova*. Campinas: Editora Alínea, 2009.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Manuais escolares e pesquisa em história. In: FONSECA, Thais Nívia de Lima; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). *História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; KLINKE, Karina. Livros escolares de leitura: uma morfologia (1866 – 1956). *Revista Brasileira de Educação*, n. 20, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

BERNARDES, Vanessa Cuba. Um estudo sobre Cartilha Analytica (1909?), de Arnaldo Oliveira Barreto. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16, 2007, Campinas. *Anais eletrônicos*. Campinas, 2007. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem07pdf/sm07ss03_08.pdf Acesso em: 14 abr. 2010.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. Literatura infantil entre 1940 e 1960: a produção de Lourenço Filho. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16, 2007, Campinas. *Anais eletrônicos*. Campinas, 2007. Disponível em: http://www.alb.com.br/anais16/sem07pdf/sm07ss02_03.pdf Acesso em: 14 abr. 2010.

_____. *Lourenço Filho e a alfabetização*. um estudo da Cartilha do Povo e da cartilha Upa, cavalinho! São Paulo: UNESP, 2006.

BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel; LAJOLO, Marisa. *Através do Brasil*. prática da língua portuguesa: narrativa. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *A escola e a república*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. Pedagogia da escola nova e usos do impresso: itinerário de uma investigação. *Revista de educação*, Rio Grande do Sul: UFSM, v. 30, n. 2, 2005. p. 87-105.

_____ e TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Os sentidos da forma: análise material das coleções de Lourenço Filho e Fernando de Azevedo. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda

de. *Cinco estudos em História e Historiografia da Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 89-110.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. Algumas fontes para o estudo da ação educacional do jovem Lourenço Filho no Ceará. In: MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy de Carvalho Bergström (Orgs.). *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia*. Brasília: INEP/MEC, 2001.

_____. As Normalistas Formandas de 1923 e a Escola Nova no Ceará: o percurso de Maria Gonçalves da Rocha Leal (1899-1980). In: BASTOS, Maria Helena Camara; CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. *O curso de Lourenço Filho na Escola Normal do Ceará: 1922-1923*. as normalistas e a pedagogia da Escola Nova. Campinas: Editora Alínea, 2009. p. 63-90.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietações*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

_____. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001a.

_____. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001b.

_____; CAVALLO, Guglielmo (Orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 2002.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educ. Pesquisa*, v.30, n. 3, 2004. p. 549-566.

_____. O historiador e o livro. História da Educação – *ASPHE*, Pelotas: UFPel, n.11, abr. 2002.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Cenas de leitura. Imagens, personagens e prescrições nos livros da Série Graduada Pedrinho de Lourenço Filho (1950/1970). In: VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. 2008, Portugal. *Anais eletrônicos*. CD ISBN 978-972-8614-13-3.

_____. (Org.). *Projeto saberes impressos*: imagens de civilidade em textos escolares e não-escolares: composição e circulação (décadas de 50 a 70 do século XX). Florianópolis: Departamento de História/Udesc – versão escrita, 2006.

_____; FERNANDES, Marlene Neves. Manuais escolares e civilidades: série de leitura graduada Pedrinho (décadas de 50 a 70 do século XX). In: SANTOS, Ademir Valdir dos; VECHIA, Ariclê (Orgs.). *Cultura escolar e história das práticas pedagógicas*. Curitiba: UTP, 2008. p. 123-134.

ELIAS, Norbert. *A sociedade da corte*. investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: Editora da UNESP, 2004

FERNANDES, José Ricardo Oriá. *O Brasil contado às crianças: Viriato Corrêa e literatura escolar para o ensino de História (1934 – 1961)*. 2009. 363 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

FIGUEIRA, Patrícia Ferreira Fernandes. *Lourenço Filho e a Escola Nova no Brasil: estudo sobre os Guias do Mestre da Série Graduada de Leitura Pedrinho*. 2010. 100f. : Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. É pois estudando a Geografia que Pudemos com o Máximo Orgulho Dizer “Sou Brasileiro”. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. *O curso de Lourenço Filho na Escola Normal do Ceará: 1922-1923: as normalistas e a pedagogia da Escola Nova*. Campinas: Editora Alínea, 2009, p. 241-259.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Cartilha Proença e Leitura do Principiante de Antonio Firmino de Proença: configurações gráficas e pedagogia. In: RAZZINI, Marcia de Paulo Gregório (Org.). *Antonio Firmino de Proença*. professor, formador, autor (Sorocaba, 1880 – São Paulo, 1946). São Paulo: Porto de Idéias, 2010. p. 141-169.

FREITAS, Marcos Cezar de. Educação brasileira: dilemas republicanos nas entrelinhas de seus Manifestos. In: BASTOS, Stephanou (Org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, v. 3, 2005. p. 165-181.

FREITAS, Marcos Cezar de e KUHLMANN JR., Moysés (orgs.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002.

GANDINI, Raquel; ALMEIDA JUNIOR, Antônio Ferreira de. In: FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros. *Dicionário de educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais*. Rio de Janeiro: UFRJ/INEP, 1999.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

HIRSCHOWICZ, Erwin. *Inter-American Contemporaries*. Illustratd Bio-Bibliographies of Inter-American Contemporaries. Second Edition. Rio de Janeiro: Editora Enciclopédica Conteporânea Inter-Americana Ltda, 1949.

LAGUNA, Shirley Puccia. O livro de leitura (1889-1933): instrumento de educação e instrução. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 14., 2003 . Campinas. *Anais eletrônicos*. Campinas, 2003. Disponível em: www.alb.com.br/anais14/Sem08/C08037.doc. Acesso em: 19 abr. 2010.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2003.

_____. *Literatura infantil brasileira* história e histórias. São Paulo: Ática, 2004.

LOPES, Eliane Marta Santos Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LOURENÇO, Leda Maria Silva. O pensamento de Lourenço Filho em seus primeiros escritos pedagógicos e nas Conferências da Associação Brasileira de Educação – ABE. In: MONARCHA, Carlos (Org.). *Centenário de Lourenço Filho: 1897-1997*. Londrina: Ed. da UEL; Marília: UNESP; Rio de Janeiro: ABE, 1997.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. *Guia do mestre*. Série “Pedrinho” 2º livro. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1954.

_____. Como aperfeiçoar a literatura infantil. *Boletim informativo*, Rio de Janeiro, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, 1943.

_____. Estatística e educação. Prefácio. In: FREITAS, T. M. *O que dizem os números sobre o ensino primário*. São Paulo: Melhoramentos, 1937.

_____. Prefácio da 68ª edição revista. In: BRAGA, Erasmo. *Leitura IV* para o 4º ano escolar. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1945. (Série Braga).

_____. *Introdução ao estudo da Escola Nova*. bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea. São Paulo: Melhoramentos; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

_____. *Upa, cavalinho!* São Paulo: Melhoramentos, 1965.

LOURENÇO FILHO, Ruy. Cronologia de Lourenço Filho. In: MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy de Carvalho Bergström (Orgs.). *Por Lourenço Filho*. uma biobibliografia. Brasília: INEP/MEC, 2001. p. 21-58.

_____; LOURENÇO FILHO, Márcio C. Notícia Bibliográfica de Lourenço Filho. In: Associação Brasileira de Educação (org.). *Um educador brasileiro*: Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1959. p. 190-203.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira e CAMPELO, Kátia Gardênia Henrique da Rocha. A Série de leitura graduada de Firmino Proença nas escolas primárias na primeira metade do século XX. In: RAZZINI, Marcia de Paulo Gregório (Org.). *Antonio Firmino de Proença*. professor, formador, autor (Sorocaba, 1880 – São Paulo, 1946). São Paulo: Porto de Idéias, 2010, p. 171-199.

MARINS, Francisco, Literatura infantil e Lourenço Filho. IN: MONARCHA, Carlos. *Centenário de Lourenço Filho*. 1897 – 1997. Londrina: UEL; Marília: UNESP; Rio de Janeiro: ABE, 1997.

MICHELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MONARCHA, Carlos. *Brasil arcaico, Escola Nova*. ciência, técnica e utopia nos anos 1920-1930. São Paulo: UNESP, 2009.

_____. (Org.). *Centenário de Lourenço Filho*. 1897 – 1997. Londrina: UEL; Marília: UNESP; Rio de Janeiro: ABE, 1997a.

_____. *Lourenço Filho: outros aspectos, mesma obra*. Campinas: Mercado de Letras, 1997b.

_____; LOURENÇO FILHO, Ruy de Carvalho Bergström (Orgs.). *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia*. Brasília: INEP/MEC, 2001.

MONTALVÃO, Sérgio. A LDB de 1961: apontamentos para uma história política da Educação. In: Revista Mosaico, nº 3, ano II, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/mosaico/?q=artigo/ldb-de-1961-apontamentos-para-uma-hist%C3%B3ria-pol%C3%ADtica-da-educa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 19 abr. 2010.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

NOGUEIRA, Raimundo Frota de Sá. *A prática pedagógica de Lourenço Filho no Estado do Ceará*. Fortaleza: Edições UFC, 2001.

PIMENTA, Jussara Santos Pimenta. Rastro de deslumbramento: Cecília Meireles em Portugal. In: MIGNOT, Ana Chystina Venancio e GONDRA, José Gonçalves (Orgs.). *Viagens Pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 163-194.

PROCHNOW, Denise de Paulo Matias. *As lições da série fontes: no contexto da reforma Orestes Guimarães em Santa Catarina (1911-1935)*. 2009. 148 f. : Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências Humanas e da Educação - Universidade do Estado de Santa Catarina - Florianópolis.

RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. A produção de livros escolares da editora melhoramentos na Primeira República. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, INTERCOM, 2007, Santos. *Anais eletrônicos*. Santos, 2007. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1479-9.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2010.

_____. Livros e leituras na escola brasileira do século XX. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (Orgs.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. século XX. Petrópolis: Vozes, v.3, 2005. p. 100-113.

_____. *Práticas de Leitura e Memória Escolar*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO – SBHE, 2., 2002, Natal. *Anais eletrônicos*. Natal, 2002. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema3/0303.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2010.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-269.

SOARES, Gabriela Pelegrino. Bastidores da edição literária para crianças no Brasil entre os anos 1920 e 1960: a atuação de Lourenço Filho junto à Companhia Melhoramentos. In: DUTRA, Eliane de Freitas e MOLLIER, Jean-Yves (Orgs.). *Política, nação e edição: o lugar*

dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos Séculos XVIII-XX. São Paulo: Annablume, 2006.

SOARES, Gabriela Pellegrino. Os irmãos Weiszflog em busca dos mercados escolares: identidades das Edições Melhoramentos dos primórdios à década de 1960. In: BRAGANÇA, Aníbal e ABREU, Márcia (orgs.). *Impresso no Brasil*. Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: UNESP, 2010, p. 157-169.

SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear horizontes*: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915 – 1954. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2007.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de civilização*: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Ed. da UNESP, 1998.

STEPHANOU, Maria e CUNHA, Maria Teresa Santos. Despertar na alma da criança o amor pela Pátria: A história na escola primária sob a orientação de Lourenço Filho. In: In: BASTOS, Maria Helena Camara; CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. *O curso de Lourenço Filho na Escola Normal do Ceará*: 1922-1923: as normalistas e a pedagogia da Escola Nova. Campinas: Editora Alínea, 2009, p. 261-283.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Inovação pedagógica, formação do professor e circulação de bibliotecas pra professores: o caso da Biblioteca de Educação. In: *VII Congresso Iberoamericano de História de la Educación Latinoamericana*, 2005.

TREVISAN, Thabatha Aline. Um estudo sobre os textos biográficos da "Galeria dos patronos de escolas" por Antônio d'Ávila (1980-1989). In: IV Congresso Brasileiro de História da Educação, Goiânia, 2006. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautores/eixo02/Thabatha%20Aline%20Trevisan%20-%20Texto.pdf>. Acesso em: 19 abr 2010;

VALDEMARIN, Vera Teresa. *História dos Métodos e Manuais de Ensino: A Escola Nova e seus modos de uso*. (Biblioteca básica da História da Educação Brasileira, v. 6). São Paulo, Cortez, 2010.

VALDEMARIN, Vera Teresa. Os sentidos e a experiência: professores, alunos e métodos de ensino. In: SAVIANI, Demerval (et al.). *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. p. 163-203.

VEIGA, Cynthia Greive. Pensando com Elias as relações entre Sociologia e História da Educação. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.) *Pensadores Sociais e História da Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VENANCIO FILHO, Alberto. Prefácio. In: MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy de Carvalho Bergström (Orgs.). *Por Lourenço Filho*: uma biobibliografia. Brasília: INEP/MEC, 2001. p. 15-19.

XAVIER, Libânia Naciff. *Para além do campo educacional*. Um estudo sobre o manifesto da Educação. Bragança Paulista: EDUSF, 2002, p. 7-49.

ANEXO A

TABELA DE ASSUNTOS – PESQUISA DOCUMENTAL

(Cada lição abrange mais que uma categoria/ assunto)

Pedrinho – livro 1

LIÇÃO	ASSUNTO
1. Pedro; Pedrinho; Pedroca	Linguagem: nome, apelido; família
2. Um nome só	Linguagem: nome, sobrenome; família; matemática: idade; escrita
3. A casa do Pedrinho	Casa: partes; limpeza; asseio; matemática
4. O Zêzinho	Linguagem; leitura: dificuldade
5. O jardimzinho	Plantas; animais; brincadeira
6. O quintal	Planta; brinquedos; brincadeiras; saúde: ar livre
7. A casa de boneca	Brincadeira; casa: partes; matemática: largura
8. O Veludo	Animais: cachorro; ensino
9. As cores das flores (O cravo brigou com a rosa)	Cores; música; flores; ensino: falando sozinho/memorização
10. O Carlinhos	Amizade: colega/vizinho; escrita; matemática: cálculo; rua; escola; casa; brincadeira; disciplina
11. Os soldadinhos	Linguagem: poesia; patriotismo; disciplina: “seguir bandeira em fila”
12. A Bandeira	Patriotismo: “Brasil nossa terra”; cores; disciplina; trabalho; estudo
13. Os irmãos de Carlinhos	Família; trabalho; profissões; fábrica; disciplina: “fazer bem feito”
14. A escola de Pedrinho	Escola; ensino; casa; bons modos “fazer o certo/errado”; profissões
15. No caminho da Escola	Rua; casas: tipos; jardins; trabalho; profissões
16. O dia e a noite	Asseio/limpeza; brincadeira; geografia: noite dia; bons modos: cumprimentar
17. O cineminha	Brincadeira; meio de comunicação; ensinamento
18. Que horas são?	Matemática: números, como ver as horas; ensinamento
19. A escola das estrelinhas	Linguagem: poema; Geografia: lua, estrela; escola; Jesus
20. Luz do dia; luz da noite	Geografia: dia e noite;
21. O aniversário da mamãe	Geografia: calendário, dias da semana; Matemática; ensino
22. Com fósforos riscados	Brincadeira; trabalho; prendas domésticas: bordado

23. Os dedos de Zêzinho – Isabel Vieira de Serpa	Geografia: direita, esquerda; Matemática: numerais
24. O brinquedo de cubos	Brincadeira; Matemática: formas
25. O presente de Pedrinho	Linguagem: poema sobre o aniversário da mãe; bons modos: ser um bom menino
26. O dia de anos do Brasil	História; patriotismo: datas comemorativas; descobrimento
27. Como era o Brasil	História; leitura; escrita; vestuário; alimentação; casa
28. Como viviam os meninos índios	História; escola; trabalho; ensino; família
29. A plantação de Zêzinho	Alimentação; plantas; os animais
30. O que nós comemos	Alimentação; árvores: verduras, frutas
31. A lista ainda cresceu	Alimentação
32. Cuidado!	Trabalho; bons modos: respeito; rua: cuidado ao atravessar; meio de transporte, fábrica
33. A história de uma plantinha – T. C. Acosta	Plantação; Ciências: partes da planta: semente, flor, folha fruto...
34. Olhos para ver; ouvidos para escutar	Ciências: órgãos dos sentidos: ver, escutar, falar; Meio de transporte; Rua: cuidado ao atravessar
35. Os sentidos – Amado Nervo	Ciências: órgãos dos sentidos; música
36. O Mico Uíco	Ciências: animais: mico
37. Uma pergunta difícil	Ciências: animais úteis
38. Os animais	Livro/leitura; animais: tipos; Ciências; alimentação
39. As vozes dos animais – Pedro Diniz	Linguagem: sons produzidos pelos animais; Ciências
40. Com rôlhas de cortiça	Brinquedo; animais
41. As aves	Animais; Ciências
42. Brincando de vendinha	Brincadeira; Matemática: litro, quilo, dúzia; trabalho
43. As roupinhas da boneca	Prendas domésticas; ensinamento: tipos de tecidos; vestuário
44. Nossas roupas	Vestuário: tipos de roupas; Geografia: inverno e verão; animais: carneiro; limpeza
45. No caminho da fazenda	Meio de transporte: automóvel; Geografia: planície; morro; montanhas; lagoa; lagos
46. A chuva	Linguagem; música; plantas; animais
47. Nascente e Poente	Ensinamento; escola; casa; Geografia: onde nasce o sol
48. Norte e Sul	Geografia: pontos cardeais, vento sul
49. Os quatro pontos cardeais	Geografia: pontos cardeais
50. O Menino Vento – Narbal e Ofélia Fontes	Linguagem: poesia; brinquedos; Geografia: vento
51. O vento	Geografia: vento, ar, ventania; ensinamento: explicado pela professora
52. Tempo frio; tempo de calor	Geografia: estações do ano; chuva; frio;

	calor; Matemática: divisão
53. A gatinha parda	Geografia: meses do ano; linguagem; animais
54. O burrinho descontente	Geografia: estações do ano; animais; trabalho
55. Não mentir nunca!	Bons modos: mentir nunca; lição de moral; dinheiro
56. O tesouro	Saúde: tesouro; bons modos: regras; dinheiro; amigos; brincadeira
57. O cofre do tesouro	Ciências: partes do corpo: esqueleto, músculos, sangue...; morte; saúde
58. A fábrica de brinquedos	Trabalho; brinquedo; fábrica; ferramenta
59. Meio de transportar coisas e pessoas	Meios de transporte: tipos e necessidade
60. Os aviões	Meios de transporte: avião; Vulto: Santos Dumont; História
61. O dia da Independência	História; escola; vulto; patriotismo
62. Depois da Independência	História: D. Pedro I II; vultos
63. A bandeira e o mapa	Geografia: mapa; território; município; Trabalho; patriotismo
64. Hino à Bandeira Nacional – Olavo Bilac	Patriotismo: bandeira; música

Pedrinho e seus amigos – livro 2

LIÇÃO	ASSUNTO
1. Pedrinho vai mudar de casa	Amizade: laços; casa: mudança; linguagem
2. O dia da mudança	Trabalho; organização; vestuário; meio de transporte
3. A nova casa	Matemática: noção de espaço; Geografia: layout; bons modos/disciplina: Um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar; organização; casa; trabalho
4. O gato sem dono	Animais: gato, cachorro; bons modos: agradecimento
5. Veludo e Malhado	Linguagem: poesia; ciências; animais úteis
6. O novo bairro	Geografia: planta da cidade; localização das ruas, do bairro; Matemática: bairro próximo e longe do centro; casa; fábrica; escola; rua
7. O nome da Escola	Escola Tiradentes; História: descobrimento; leitura: índios; vulto: Tiradentes
8. O amigo nº 1	Amizade; ensino: educação; bons modos
9. Cidades pequenas e cidades grandes	Matemática: largura; trabalho; casa; meio de transporte
10. Avós; bisavós e tataravós	História: Tiradentes, descobrimento; matemática
11. Casa; família e lar	Casa; família; presente de Deus;

	organização
12. A casa – Olavo Bilac	Casa; Deus; patriotismo
13. É perguntando que se aprende	Bons modos: cortesia - é perguntando que se aprende; profissões
14. Orientação na cidade	Localização/organização; geografia: planta da cidade; matemática; linguagem
15. A visita dos velhos amigos (poesia: O amigo – José Lanes	Bons modos: gentileza; localização/organização; flores; meio de transporte; brincadeira; amizade
16. O sinaleiro da Escola	Trabalho; rua: cuidado para atravessar; disciplina, meio de transporte; ensino; cores; escola
17. O amigo nº 2	Trabalho; ensino: armário da cozinha; matemática; profissões
18. O segredo do marceneiro	Trabalho; ferramentas; ensino; profissões
19. Brio de estudante – Correia Júnior	Escola, moral, disciplina: esforço para ser um bom aluno
20. Espécies de trabalho	Trabalho; profissões: pedreiros; carpinteiros; encanadores; eletricitas; pintores; casa; moral; ensinamento;
21. O bode e a onça	Fábula; trabalho; animais; casa
22. Trabalho escravo (Treze de maio – Correia Júnior)	Trabalho escravo; Patriotismo: Lei Áurea; vulto: princesa Isabel; História
23. O mundo não é só a cidade	Casa: bem arejada, bem iluminada, bom para Saúde; alimentação; animais; moral
24. A fazenda da Lagoa Dourada	Geografia; meio de transporte; animais; casa; plantas; viagem
25. Plantações da fazenda	Plantações: café, algodão, milho, eucalipto, arroz, árvores frutíferas; animais: criação de gado; alimentação; organização/localização; matemática
26. As criações da fazenda	Animais: bois; cavalos; porcos; cabras; carneiros; galinhas; coelhos (animais úteis), alimentação; limpeza
27. O amigo nº 3	Geografia; História: bandeirantes: dispostos e corajosos; amizade;
28. O município	Geografia: município; ensinamento: zona urbana e zona rural
29. Uma história do Chico Tião	Ensinamento: conto – “uma inteligência acordada; um coração pronto a sentir as coisas belas e uma alma bondosa”; moral; bons modos
30. Orientação nos campos e matas	Geografia: Cruzeiro do sul, sol; História: bandeirantes; localização
31. A viagem de volta	Meios de transporte: carro, trem; ensinamentos: município, estado, território; geografia; localização; viagem
32. Trem de ferro - Manuel Bandeira	Linguagem: imitação sonora do trem em movimento; meio de transporte

33. O amigo nº 4	Trabalho; escola; saúde: curativo; bons modos: bondade; meio de transporte; rua; profissões; amizade; alimentação
34. A água; o gelo e o vapor	Ciências: três estados da água; máquinas
35. Amigos desconhecidos	Escrita; trabalho; profissões
36. Terras e águas	Geografia: tabuleiro para observar morro, planície, montanha, vale, rio, mar; ferramenta; escola; ensinamento
37. O mar	Geografia: ilha, baía, golfo, cabo, canal, estreito; escola; ensinamento (professora dona Ester)
38. O rei das sereias – Manuel Bandeira	Linguagem: poesia; Moral: procura; disciplina; morte
39. O teatro de sombrinhas	Brincadeira/ diversão: histórias de cinema, rádio, futebol; meio de comunicação; ensinamento; linguagem
40. Uma descoberta do Zêzinho	Geografia: estados, território, capital (município); família; patriotismo
41. O Distrito Federal	Geografia; História
42. A festa do Brasil – adap Ofélia e Narbal Fontes	Geografia: capitais e suas riquezas; patriotismo; linguagem
43. As cinco gotinhas d'água	Ciências: Água utilidade e benefícios; flores; alimentação
44. O quintal começa a ser plantado	Planejamento/organização ao plantar duas mudas: laranjeira e limoeiro; Ciências: partes da planta: raiz, caule...; plantas
45. Os desenhos de Maria Clara	Escrita; Ciências: partes da planta; prendas domésticas: bordado
46. A plantação da horta	Trabalho: Clube: “pequena sociedade ou reunião de pessoas que desejam trabalhar para os mesmo fins; obedecendo a uma direção”; Planejamento: para o plantio da horta; boas maneiras: licença; ferramenta: ancinho; ensinamento
47. O amigo nº 5	Trabalho; ferramentas; bons modos: assiduidade; amizade; planejamento, matemática
48. Fome de goiabada	Saúde; alimentação; escrita; plantas; animais
49. Alimentação	Alimentação: açúcar; Ciências: tipos de alimentos - de construção; saúde; ensinamento
50. Por que precisamos de verduras	Alimentação: verduras e frutas benefícios; Ciências: vitaminas e alimentos protetores; saúde; trabalho; ensinamento
51. O pintinho cego – Olegário Mariano	“Deficiência”: compaixão; animais, moral; linguagem; ciências: sentidos; morte
52. O corpo humano	Ciências: partes do corpo: cabeça; tronco

	e membros; cérebro; esqueleto; veias; artérias; máquina; trabalho
53. O trabalho mais importante	Trabalho; Ciências: órgãos do sentido: visão, audição, tato, olfato e gosto; Deus; limpeza; família; máquina
54. O aniversário da Vovó	Família: datas comemorativas; Patriotismo: datas do país; morte
55. Selos e bandeiras	História; Geografia; patriotismo; organização
56. “Independência ou morte”	História; escola: festejo no calendário escolar; vulto
57. O imperador menino	História; vulto: Dom Pedro
58. A proclamação da República	História: formas de governo monarquia e república, família, ensinamento; vulto: Marechal Deodoro da Fonseca
59. A Bandeira Nacional (6ª ed)	Geografia e Patriotismo: explicação do dia e das cores da bandeira
60. Oração à Bandeira – Correia Júnior	Linguagem: poema; patriotismo

Aventuras de Pedrinho – livro 3

LIÇÃO	ASSUNTO
I. AVENTURA NA FLORESTA	
A floresta (poesia)	Linguagem, ciências: natureza; plantas; animais; patriotismo
1. Haverá onças?	Bons modos: ajuizado; animais; viagem; amizade
2. Chico Tião	Ensinamento: Saber é poder; leitura; escrita; plantas; animais; viagem; história
3. O acampamento	Geografia: vegetação; Patriotismo; Bandeira Nacional; ensinamento; planejamento
4. Primeira entrada na mata	Árvores; ensinamento; disciplina: boca trancada
5. A clareira dos serelepes	Bons modos: “falar um de cada vez”; árvores; animais; geografia: clareia; brinquedo
6. O feijão de tropeiro	Alimentação; disciplina; Patriotismo: Bandeira; limpeza
7. Compadre para lá e comadre para cá	Animais; bons modos; linguagem; ensinamento; ciências
8. Parecenças e diferenças	Animais: vertebrados, invertebrados; Ciências; ensinamentos
9. Animais roedores	Animais: roedores e mamíferos; ensinamentos; Ciências
10. Variedade de bichos	Animais: aves, peixes, répteis; Ciências; limpeza; árvores
11. Animais com “duas vidas”	Animais: anfíbios; ciências
12. Visita ao acampamento	Limpeza, animais: observação; Ciências; flores
13. O mundo maravilhoso dos insetos	Animais: insetos; Ciências
14. A coleção de folhas	Ciências; planta: tipos; alimentação
15. A raiz (poesia) – Afonso Lopes de Almeida	Linguagem: poesia; Ciências; plantas; alimentação; trabalho

16. Perdidos na mata	Plantas; alimentação; localização
17. Usando a inteligência	Orientação/localização; Geografia: norte; sul; ensinamento
18. O instrumento mágico	História; Geografia: pontos cardeais; instrumento: bússola; localização
19. A Grotta Funda	Plantas; localização/orientação; instrumento; Geografia
20. A região de enormes florestas	Geografia; plantas
21. Jantar ao pé do fogo; Súplica da árvore	Árvores: indispensáveis; alimentação; ensinamento
22. Pau-Brasil (poesia) – C. Paula Ramos	Árvore: pau-brasil; Patriotismo: Brasil; História; linguagem
II. O TESOURO ESCONDIDO	
Sonho de prata e ouro (poesia) – C. Paula Ramos	Linguagem: riquezas do Brasil; Patriotismo; cores; Geografia; História
1. A carta misteriosa	Meio de comunicação: carta; História: bandeirante; vulto: Borba Gato; escrita; Geografia: minérios; leitura
2. Quem era Borba Gato	História: bandeirante; Geografia: pedras, partes do Brasil
3. O caso começa a complicar-se	Bons modos e moral: “palavra de um homem de bem não volta atrás”
4. O estranho mapa	Geografia: mapa; leitura do mesmo; localização
5. Que seria árvore-jéqui?	Localização; árvore; leitura; bons modos: licença
6. Procurando o tesouro	Ferramentas; Geografia: característica do solo
7. Solo; subsolo e rochas duras	Geografia: característica do solo; Ciências: micróbios; animais; plantas; instrumento: microscópio
8. Então; há micróbios na terra?	Instrumento/ferramenta: Microscópio e enxada; Ciências: tipos de doença: micróbios; parasitas; tétano - como evitá-las; limpeza; alimentos; plantas
9. Veios da terra e lençóis d’água	Geografia: lençóis freáticos, água; Saúde; alimentação; higiene: filtro; cuidados
10. Os três reinos da natureza	Ciências: reino vegetal; animal; mineral; Geografia
11. Cavando noutra lugar	Ferramentas; trabalho; localização
12. O arado	Instrumento: máquina agrícola; trabalho; animais; dinheiro: produção
13. Enfim; o tesouro!	Máquina: de beneficiar arroz; trabalho; alimentação: arroz
14. O que estava dentro da caixa	Geografia: esmeraldas, turmalinas, prata, ouro; minério de ferro
15. Minas Gerais (O ouro e o ferro – Belmiro Braga)	Geografia: minas/escavações: ferro, manganês, cobre, níquel, chumbo, carvão de pedra, petróleo; História
16. Belo Horizonte	Geografia: nomes das cidades; História: características de Belo Horizonte
17. Mato Grosso e Goiás	Geografia; História: bandeirantes; características de Goiânia; Vulto e linguagem: Anhanguera
18. O valor do tesouro	Patriotismo: “tesouro: nossa terra nossa gente”;

	ensinamento; dinheiro; vulto
19. Bandeirantes (poesia) – C. Paula Ramos	História: bandeirante; vulto: Borba Gato; Fernão Leme; Anhanguera
III. A VIAGEM INESPERADA	
Minha Terra (poesia) – Correia Júnior	Patriotismo; linguagem
1. O começo da terceira aventura	Trabalho: Companhia Progresso, Sr Pereira; meio de transporte; meio de comunicação: telefone; geografia; viagem
2. Em caminho para o Rio	Geografia; localização; meios de transporte; vestuário; alimentação; História
3. A Cidade Maravilhosa	Geografia; localização; meio de transporte
4. A fundação da cidade do Rio	Geografia: localização das praias; História
5. A Praça da República	História; vulto: Duque de Caxias (Luís Alves de Lima e Silva); patriotismo
6. Niterói	História; vulto: Ararigbóia (índio herói); plantação: cana e café; alimentação; indústria; trabalho; meio de transporte; “Rio: estado agrícola e industrial”
7. O “Fortuna”	Meio de transporte: navio; meio de comunicação: telegrama; Geografia: estados marítimos; trabalho; viagem
8. A bordo do “Fortuna”	Meio de transporte: navegação; máquina: hélice; motor; linguagem; viagem; planejamento
9. Segredos da navegação	Meio de transporte: navegação; geografia: rota; máquina
10. A Terra é redonda	Geografia: rotação; meio de transporte; ensinamento
11. A Terra tem movimentos	Geografia: rotação e translação; estações do ano
12. O pôrto de Santos	Geografia e História: Santos, jesuítas; escola
13. São Paulo	Meio de transporte: ônibus; História: jesuíta; alimentação; casa: habitação; fábricas; matemática
14. Os colonos (poesia)	Trabalho; alimentação: café; profissões; linguagem
15. O monumento da Independência	Patriotismo: Hino Nacional; História: da independência; Vultos: Tiradentes e José Bonifácio; música; ensinamento
16. No reino da imaginação	Patriotismo; História; vultos: Monumento da Independência; matemática: retângulo
17. O Paraná	História; Geografia: riquezas do Paraná; viagem; alimentação; plantação
18. Curitiba	Geografia: características de Curitiba; meio de transporte; matemática
19. Pinheiros (poesia) – Rodrigo Júnior	Geografia: tipo de vegetação do Paraná; planta
20. Florianópolis	Geografia: característica da cidade; prendas domésticas: rendas; alimentação
21. Santa Catarina	Geografia; História; vulto: Floriano Peixoto; fábrica; localização
22. Entrando na Lagoa dos Patos	Geografia; História; vulto: Marques de Tamandaré; patriotismo; viagem; localização

23. O Rio Grande do Sul	Geografia; História; alimentação
24. Pôrto Alegre	Geografia: características, Rio Guaíba; rua; História; viagem
IV. A AVENTURA NAS NUVENS	
Canto de Minha Terra (poesia) – Olegário Mariano	Patriotismo
1. Nas nuvens?!	Meio de transporte: avião; geografia: nordeste brasileiro; escrita; bons modos: prêmio por ter feito bons estudos; viagem
2. A composição de Pedrinho	Escrita; vulto: Santos Dumont; meio de transporte: invenção do avião; patriotismo
3. No avião	Matemática: km; Geografia; Ciências: Três estados da água; linguagem
4. Espírito Santo	Geografia; alimentação e plantaço: produção: café; cacau; cana de açúcar; algodão cereais...; animais/minerais; fabrica/indústria
5. Você já foi à Bahia?...	Geografia: características; História: descobrimento;aprendizado; meio de transporte; plantaço
6. Salvador	Geografia; linguagem: Caramuru; História; plantas; casas
7. Coqueirais de Sergipe	Geografia: características; Linguagem: Pindorama; matemática: maior menos; plantaço
8. Voando sôbre o Nordeste	Geografia: nordeste, seca; patriotismo: amor pelo sertão; trabalho; plantaço
9. A terra das Alagoas	Geografia: Rio São Francisco; História; vulto: Marechal Deodoro da Fonseca; Marechal Floriano Peixoto; viagem; máquina: usina; fábrica; plantaço; alimentação
10. Pernambuco e os holandeses	Geografia; História: holandeses, batalhas dos Guararapes; viagem
11. O Recife; cidade das pontes	Geografia: características da cidade; História; rua; plantaço; indústria; alimentação: produção
12. Paraíba; capital João Pessoa	Meio de transporte: ônibus; Geografia: cerrado; caatinga; algodão; História; vulto: João Pessoa: “nome de um dos seus filhos ilustres”; viagem; plantaço; linguagem; fábrica; matemática: distância, km
13. O Estado das salinas	Alimentação, fábrica: salinas; geografia; matemática: simétrico, quadrado; animais
14. A terra dos verdes mares	Geografia: coloração do mar; meio de transporte: jangadas; profissão: pescadores; cores; matemática: formas
15. Fortaleza; cajuais e carnaubais	Geografia; plantaço: carnaúba; juazeiro; saúde: medicinal; meio de transporte; matemática: esquadro; animais; fábrica
16. Piauí; capital Teresina	Geografia: Rio Paraíba; animais: gado; plantaço: algodão, cereais, mandioca; meio de transporte

17. São Luis do Maranhão (Canção do exílio – Gonçalves Dias)	Geografia: Rio Itapicuru; plantação: côco babaçu; vulto: “Berço de notável escritor: Gonçalves Dias”; linguagem; patriotismo; casa; viagem; indústria
18. A carta de Pedrinho (5ª Ed)	Escrita; patriotismo: riquezas e amor pelo Brasil “O nosso maior tesouro é o amor da nossa terra e da nossa gente!”
19. Nossa Terra (poesia) – Olavo Bilac	Patriotismo: amor à terra; trabalho

Leituras de Pedrinho e Maria Clara – livro 4

LIÇÃO	ASSUNTO
1. Como este livro foi preparado – Pedrinho	Livro/leitura; organização; escrita; família: parentes; amigos; escola; matemática: numerais
2. O que mereça ser feito merece ser bem feito! – Maria Clara	Livro/leitura; organização; matemática: numerais; prendas domésticas: costura
3. Os livros – revista	Livro/leitura; escrita; linguagem; amigos; matemática; história; viagem; casa; aprendizado; bons modos; família; patriotismo
4. Amai a Escola – Correia Júnior	Escola; livro/leitura; amigo; Deus
5. Nova moda de encapar os livros – Carolina Horowitz	Livro/leitura; ensinamento: capa/instrumento; cores; limpeza
6. A escrita e a imprensa – Armando Vila	História, escrita; imprensa; livro/leitura; linguagem; máquina: imprensa
7. A carta e o índio – adap. Francisco Viana	Escrita; meio de comunicação: carta; linguagem; alimentos
8. Carimbos fáceis de fazer – Pedrinho	História, escrita; planejamento; instrumento; ensinamento; brincadeira
9. A carta de Pêro Vaz de Caminha – Viriato Correia	Escrita; História: descobrimento; meio de comunicação; patriotismo; Deus; trabalho
10. Recados e cartas – revista	História; escrita; meio de comunicação: carta; leitura; meio de transporte
11. O pau-brasil – Pedro Calmon	História: descobrimento; planta/arvore: pau-brasil; cores; viagem; amizade
12. Ladainha – Cassiano Ricardo	História: descobrimento; linguagem; patriotismo
13. A linguagem dos telegramas – Tio Damião	Escrita; meio de comunicação; ensinamento; dinheiro: preço; planejamento
14. A lenda do milho - almanaque	Alimentação; História; plantação
15. A conquista pelo açúcar – Pedro Calmon	História; trabalho: escravo; plantação/alimento: cana; Geografia: pedras; fábrica; casa; máquina: engenho; dinheiro: preço
16. A agricultura – Tio Damião	História; trabalho; alimento; organização; plantas; animais; instrumento
17. Fundação das primeiras cidades – Tio Damião	História: Santos; casa; bons modos; bom menino; meio de comunicação: carta;

	meio de transporte; escrita; leitura; organização
18. Os três grãos de milho – adap Coelho Neto	Trabalho; animais; máquina; alimento; moral; dinheiro
19. O açúcar; tão doce; produziu amarguras – adap Pedro Calmon	História: primeiros brasileiros: índio, negro; Trabalho: escravo; amizade; instrumento; plantações; linguagem; dinheiro;
20. Pés; rodas e asas... – Armando Vila	Meio de transporte; animais; instrumento: roda; geografia; viagem
21. O trem e o menino – Catulo da Paixão Cearense	Meio de transporte; geografia
22. As aparências enganam – Pedrinho	Ciência; Óptica; Geografia: sol, planeta, fases da lua
23. Como se inventou o cinema – Joana Bendick	História; meio de comunicação: cinema; ensinamento; Ciência: ilusão óptica; máquina: fotográfica; animais
24. “Perós” e “mairs” – Pedrinho	História: índios, fundação Rio; meio de comunicação: carta; escrita; leitura; vulto: Estácio
25. Outras amarguras do açúcar – José Amarante	História: escravos, Companhia das Índias Orientais; plantação; alimento
26. A insurreição pernambucana – Armando Vila	História; patriotismo: sendo construído
27. Atirem! – Mario Sette	História: Insurreição pernambucana
28. Que confusão – adap Laura Richards	Meio de comunicação: telefone; Leitura; linguagem; animais
29. Vamos conhecer o litoral -	Geografia: mapa do Brasil, limites litoral; História; meio de transporte; matemática: diagrama
30. Depois do açúcar; o couro e o ouro – José Amarante	História; geografia; plantação; alimento; animais; profissão
31. Bandeirante – Aristeu Seixas	História: bandeirante; vulto; linguagem
32. A Serra da Esmeralda - R. Haddock Lôbo	História: bandeirante, índios; morte; alimento; geografia: pedras, montes; vulto
33. Os dois meninos bandeirantes – Francisco Marins	História: bandeirantes; Cristo; viagem; geografia: vegetação
34. O “Aleijadinho” – Clarice Almada	História: biografia Aleijadinho; Geografia: ouro, pedra sabão; saúde; vulto; trabalho; instrumento; deficiência
35. Maravilhas da Natureza – Tio Damião	Meio de comunicação: carta; animais; flor; Geografia: dia e noite
36 A fonte e a flor – Vicente Carvalho	Flor; linguagem
37 O camelo extraviado – Mark Twain	Linguagem: conto/fábula; moral: da história; deficiência; alimentação; animais
38. Limites do Brasil no interior	Geografia: mapa do Brasil, limites interior; aprendizado; matemática: diagrama
39. Um conto de fadas – adap Arnaldo	Linguagem: conto/fábula; moral: da

Barreto	história; família; bons modos; geografia: pedras; flores; animais
40. A boa linguagem – Marcos Almir Madeira	Linguagem; gíria; escrita; escola; bons modos; moral; alimento; vestuário; animais; limpeza
41. Os jesuítas e o ensino – Pedro Calmon	História: jesuítas; profissão; escola; vulto: jesuíta/Anchieta
42. Prece a Anchieta – Guilherme de Almeida	Vulto: Jesuíta; linguagem
43. Como o Rei de Portugal governava o Brasil adap Rocha Pombo	História: monopólio real; dinheiro: impostos; meio de comunicação: carta; matemática: 1/10
44. O sacrifício de Tiradentes – R. Haddock Lôbo	História: Inconfidência mineira; profissão; vulto: Tiradentes; viagem; morte
45. O velho cajueiro – Rubem Braga	Meio de comunicação: carta; escrita; linguagem: narrativa; Geografia: casa; família; árvore; cores; morte; brinquedo/brincadeira
46. Tarde brasileira – Oliveira Ribeiro Neto	Patriotismo; plantas; animais
47. Verduras e saúde – Dante Costa	Saúde; alimentação; cores; livro/leitura; animal; plantação
48. Vinda da família real – Pedro Calmon	Patriotismo; História: vinda da família real; plantação; indústria; viagem; família
49. D. João volta a Portugal – José Amarante	História
50. O grito do Ipiranga – Rocha Pombo	História; Patriotismo: Independência ou morte; meio de comunicação: carta; viagem
51. Hino da Independência – Letra Evaristo da Veiga - Música D. Pedro I	Patriotismo; música
52. Coletar selos – adap Armando Vila	Organização/classificação: coleção; cores; instrumento; trabalho; amizade; livro; ensinamento
53. O rio – Petrarca Maranhão	Linguagem, Geografia: rio
54. Os rios correm para o mar – Alberto Silva	Geografia: rios; mapa; matemática: km
55. O Amazonas – Viriato Correia	Geografia: rio Amazonas, mapa; matemática
56. O maior rio brasileiro – Viriato Correia	Geografia: rio São Francisco
57. O reinado de D. Pedro I – Rocha Pombo	História; vulto: herói/estátua; patriotismo
58. O reinado de D. Pedro II – Armando Vila	História: desenvolvimento nacional; meio de transporte; plantações; ciências; dinheiro: lucro
59. O pampa – adap Ariosto Espinheira	Geografia: Rio Grande do Sul; casa; animais; cores; plantação
60. Um episódio da Guerra dos Farrapos –	História: república, Revolução

Clarice Almada	Federalista; vulto: Caxias; patriotismo; meio de comunicação: carta; escrita
61. À margem do Rio Negro – Tiago de Melo	Linguagem: conto; geografia; animais; cores; prendas domésticas: afazeres; profissão; vestuário
62. Minha mãe – Martins Fontes	Linguagem: poesia
63. A Guerra do Paraguai – José Amarante	História; vulto: heroísmo Brasil; patriotismo; morte
64. Amor ao trabalho – Teodoro de Morais	História: biografia: Visconde de Mauá; bons modos: bom aluno; trabalho: “árduo trabalhador”; vulto; leitura; escrita; escola; profissões; patriotismo
65. Soldados verdes – Cassiano Ricardo	Linguagem: poesia; alimento: café; geografia: terra roxa; plantação; trabalho
66. Um menino prodígio – Cecília Meireles	História: biografia: Rui Barbosa; bons modos: bom aluno; leitura: leitor ávido; árvore; animais; amizade; escrita; Deus; ensinamentos; vulto; brinquedo
67. A abolição da escravatura – R. Haddock Lôbo	História: <i>abolicionistas</i> ; vulto: princesa Isabel; trabalho; profissões
68. De escravo analfabeto a orador famoso – Renato S. Fleury	História: biografia; Luis Gama; leitura: “leitor de bons livros” profissão: “jornalista, defensor dos escravos, abolicionista”; escrita; vulto; dinheiro; aprendizagem; viagem; Deus; trabalho; amizade
69. Honrai o trabalho - Hernâni Donato	Trabalho; profissões; animais; planejamento; Deus
70. O trabalho e as máquinas – Armando Vila	Trabalho: produtivo; máquina; ensinamento, ciências
71. A República – J. S. Oliveira	História: república, Patriotismo: símbolos nacionais: bandeira; morte; família
72. Hino à Bandeira – Letra Olavo Bilac – Música Francisco Braga	Patriotismo: Bandeira; música: hino
73. A Bandeira – Gustavo Barroso	História; patriotismo; prendas domésticas: bordado
74. Cem anos – Mário Sette	Patriotismo; História, trabalho; Geografia; plantação; fábrica; escola; higiene; viagem; vulto: Dom Pedro II e Teresa Cristina
75. Porque me orgulho de ser brasileiro – Aldemar Tavares	Patriotismo; escola; cores; leitura; linguagem
76. Mandamentos cívicos – Coelho Neto	Patriotismo; Deus
77. Hino Nacional – Música: Francisco Manuel da Silva, Letra: Osório Duque Estrada	Patriotismo

TABELA CATEGORIA/LIVRO

(Por ordem alfabética):

Categoria/livro	Pedrinho	Pedrinho e seus amigos	Aventuras de Pedrinho	Leituras de Pedrinho e Maria Clara	Total
Alimentação	5	8	18	12	43
Amizade, amigo	2	6	1	8	17
Animais	13	9	19	16	57
Bons modos, disciplina	10	11	8	6	35
Brinquedo/brincadeira	14	2	1	3	20
Casa	7	10	3	6	26
Ciências	9	10	14	4	37
Cores	2	2	2	8	14
Deficiência	-	1	-	2	3
Deus, Jesus	1	3	-	7	11
Dinheiro	2	-	2	7	11
Ensino, estudo, aprendizagem, ensinamento	10	14	12	10	46
Escola	6	7	1	7	21
Escrita	3	3	5	16	27
Fábrica, indústria	3	1	10	3	17
Fábula	-	1	-	2	3
Família	4	6	-	6	16
Ferramenta, máquina, instrumento	1	7	11	12	31
Geografia	16	15	51	21	103
História	6	10	29	40	85
Leitura, livro	3	1	4	16	24
Limpeza, higiene, asseio	3	2	5	3	13
Linguagem	10	9	14	18	51
Matemática (cálculo, sistema métrico, geometria)	10	8	9	8	35
Meio de comunicação	1	1	3	13	18
Meio de transporte	5	7	17	6	35
Moral	1	6	1	4	12
Morte	1	3	-	5	9
Música, canção	4	-	1	2	7
Organização, planejamento, localização	-	12	14	8	34
Patriotismo	6	8	17	19	50
Plantas, plantações, árvores, jardins, flores	8	7	30	18	63

Prendas domésticas, trabalhos manuais, linha agulha	2	1	1	3	7
Profissões	3	6	6	8	23
Rua	4	3	2	-	9
Saúde	3	5	2	2	12
Trabalho	10	16	10	14	50
Vestuário	3	1	1	2	7
Viagem	-	2	13	8	23
Vulto	3	5	14	15	37

Tabela Categoria/livro

(por classificação):

Geografia	16	15	51	21	103
História	6	10	29	40	85
Plantas, plantações, árvores, jardins, flores	8	7	30	18	63
Animais	13	9	19	16	57
Linguagem	10	9	14	18	51
Trabalho	10	16	10	14	50
Patriotismo	6	8	17	19	50
Ensino, estudo, aprendizagem, ensinamento	10	14	12	10	46
Alimentação	5	8	18	12	43
Vulto	3	5	14	15	37
Ciências	9	10	14	4	37
Meio de transporte	5	7	17	6	35
Bons modos, disciplina	10	11	8	6	35
Matemática (cálculo, sistema métrico, geometria)	10	8	9	8	35
Organização, planejamento, localização	-	12	14	8	34
Ferramenta, máquina, instrumento	1	7	11	12	31
Escrita	3	3	5	16	27
Casa	7	10	3	6	26
Leitura, livro	3	1	4	16	24
Profissões	3	6	6	8	23
Viagem	-	2	13	8	23
Escola	6	7	1	7	21
Brinquedo/brincadeira	14	2	1	3	20
Meio de comunicação	1	1	3	13	18
Amizade, amigo	2	6	1	8	17
Fábrica, indústria	3	1	10	3	17
Família	4	6	-	6	16
Cores	2	2	2	8	14
Limpeza, higiene, asseio	3	2	5	3	13
Moral	1	6	1	4	12
Saúde	3	5	2	2	12
Deus, Jesus	1	3	-	7	11
Dinheiro	2	-	2	7	11
Morte	1	3	-	5	9
Rua	4	3	2	-	9

Música, canção	4	-	1	2	7
Vestuário	3	1	1	2	7
Prendas domésticas, trabalhos manuais, linha agulha	2	1	1	3	7
Deficiência	-	1	-	2	3
Fábula	-	1	-	2	3